







**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS MORRINHOS  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E  
SOCIEDADE**

**DANIELA MESQUITA GONÇALVES DE PAULA**

**GÊNERO E ESPAÇO PÚBLICO: UMA PERSPECTIVA DA APROPRIAÇÃO  
DE PRAÇAS DE GOIÂNIA-GO**

Morrinhos  
2019

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E  
SOCIEDADE**

DANIELA MESQUITA GONÇALVES DE PAULA

**GÊNERO E ESPAÇO PÚBLICO: UMA PERSPECTIVA DA APROPRIAÇÃO  
DE PRAÇAS DE GOIÂNIA-GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ambiente e Sociedade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Morrinhos como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ambiente e Sociedade.

**Linha de Pesquisa:** Dinâmica socioeconômica nos ambientes urbano e rural.

**Orientador:** Prof. Dr. Alik Timóteo de Sousa.

**DANIELA MESQUITA GONÇALVES DE PAULA**

**GÊNERO E ESPAÇO PÚBLICO: UMA PERSPECTIVA DA APROPRIAÇÃO  
DE PRAÇAS DE GOIÂNIA-GO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ambiente e Sociedade na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Morrinhos, para a obtenção do grau de mestre em ambiente e sociedade, aprovada aos quinze dias do mês de janeiro de 2019, pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Prof. Dr. Alik Timóteo de Sousa – PPGAS/UEG  
(Presidente)

---

Prof. Dr. Marcelo de Mello – TECCER/UEG  
(Membro externo)

---

Prof. Dr. Luiza Pereira Monteiro – PPGAS/UEG  
(Membro interno)

---

Prof. Dra. Adriana Aparecida Silva - UEG  
(Suplente externo)

---

Prof. Dr. Aristeu Geovani De Oliveira- UEG  
(Suplente interno)

## **RESUMO**

A pesquisa tem por objetivo a análise da relação do sujeito, em função de seu gênero, com os espaços públicos. Para tanto, considerou-se os fatores físicos e subjetivos que tornam o espaço público de domínio masculino e feminino, as relações de poder envolvidas e seu reflexo na produção espacial arquitetônica e se estas características são aplicáveis a quatro importantes praças da cidade de Goiânia/GO. Foram selecionadas as praças Cívica, Tamandaré, do Avião e dos Violeiros para a análise de como as características dos seus espaços físicos interferem nas relações de gênero que neles se dão. A primeira parte da pesquisa conceitua os espaços públicos, as relações de poder impressas pelo gênero e o espaço público a partir da perspectiva de gênero. A segunda parte introduz o contexto histórico e social da cidade, dos bairros e das praças. A terceira parte centra-se no estudo empírico da vida cotidiana das pessoas nestes espaços públicos. A metodologia utilizada é quantitativa na análise dos dados obtidos por meio da aplicação dos questionários, e qualitativa na observação participante e não participante dos espaços. Comprovou-se que as praças escolhidas apresentaram diferentes formas de apropriação pelos gêneros e que as características do espaço, de seu entorno e a diversidade de usos que possibilita, têm influência direta nesta relação.

**Palavras-chaves: Espaço público; Gênero; Goiânia; Praças públicas.**

## **ABSTRACT**

The research aims to analyze the relationship of the subject, according to its gender, with the public spaces. In order to do so, we considered the physical and subjective factors that make the public space of male and female dominion, the power relations involved and its reflection in the architectural spatial production and if these characteristics are applicable to four important squares of the city of Goiânia/GO . The Civic, Tamandaré, Avião and Violeiros squares were selected for the analysis of how the characteristics of their physical spaces interfere in the gender relations that occur in them. The first part of the research conceptualizes the public spaces, the relations of power printed by the genre and the public space from the perspective of gender. The second part introduces the historical and social context of the city, the neighborhoods and the squares. The third part focuses on the empirical study of people's daily lives in these public spaces. The methodology used is quantitative in the analysis of the data obtained through the application of the questionnaires and qualitative in the participant and non-participant observation of the spaces. It was verified that the chosen squares presented different forms of appropriation by the genera and that the characteristics of the space, its surroundings and the diversity of uses that it makes possible, have a direct influence in this relation.

**Keywords: Public space; Genre; Goiânia; Public squares.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1_Localização das praças de estudo e raios de influência	16
Figura 2_Exemplo de Ágora, na área central da cidade.	29
Figura 3_Representação de uma praça Medieval (entre os séculos XII/XIII)	30
Figura 4_Fotografia na década de 1910, em que o comboio passava no centro da cidade de Penafiel, Portugal	31
Figura 5_Primeiro plano do núcleo inicial de Goiânia de Atílio Correia Lima, 1934	51
Figura 6_Plano definitivo do núcleo inicial de Goiânia com a alteração do setor Sul Feita por Armando Augusto de Godoy, 1938	51
Figura 7_Imagem aérea Goiânia início da década de 1960	56
Figura 8_A Praça Cívica;	71
Figura 9_Vista aérea Praça Cívica	72
Figura 10_Multidão na praça	74
Figura 11_Neusa Moraes	74
Figura 12_ Comício das “diretas já” em Goiânia	76
Figura 13_Uso pleno da Praça Cívica	77
Figura 14_Praça Cívica; Motivação para estar na praça	81
Figura 15_ Praça Cívica; Se sente seguro na praça?	82
Figura 16_Praça Cívica; O que falta na praça?	83
Figura 17_Praça Cívica planta esquemática	84
Figura 18_A Praça Tamandaré	86
Figura 19_Praça Tamandaré no ano de 1982	87
Figura 20_Vista aérea da Praça Tamandaré	88
Figura 21_Playground na Praça estado da palestina.	90
Figura 22_Praça Tamandaré; Motivação para estar na praça	94
Figura 23_ Praça Tamandaré; Se sente seguro na praça?	95
Figura 24_Praça Tamandaré; O que falta na praça?	95
Figura 25_Praça Tamandaré planta esquemática	96
Figura 26_A Praça do Avião	98
Figura 27_Avião cedido pela FAB na Praça do Avião em 1976	99
Figura 28_ Playground lúdico;	99
Figura 29_ Vista aérea da Praça do Avião	100
Figura 30_Praça do Avião; Motivação para estar na praça	105
Figura 31_ Praça do Avião; Se sente seguro na praça?	106
Figura 32_Praça do Avião; O que falta na praça	106
Figura 33_Praça do Avião planta esquemática	108
Figura 34_ A praça dos Violeiros	110
Figura 35_Estátua em bronze	111
Figura 36_ Vista aérea da Praça dos Violeiros	112

Figura 37_Praça dos Violeiros; Motivação para estar na praça	116
Figura 38_ Praça dos Violeiros; Se sente seguro na praça?	117
Figura 39_Praça dos Violeiros; O que falta na praça?	117
Figura 40_Praça dos Violeiros planta esquemática	118
Figura 41_Número de pessoas por faixa de renda por praça.	122
Figura 42_Usuários das Praças por Bairros que Residem	122
Figura 43_Transporte usado para acessar às praça	123
Figura 44_Motivação para estar nas praças	124
Figura 45_O que falta nas praças	125
Figura 46_O que procura em uma praça	126
Figura 47_Mulheres e homens nas Praças	126
Figura 48_Acreditam que o gênero interfere na percepção de segurança	127
Figura 49_Medo da violência/Gênero	127
Figura 50_Não se sentem seguros nas praças	128
Figura 48_Acreditam que o gênero interfere na percepção de segurança	127

## **LISTA DE QUADROS E TABELAS**

Quadro 1_Situação de alguns bairros em 1960	55
Quadro 2_Surgimento e ocupação dos bairros de interesse.	62
Quadro 3_Densidade demográfica por bairro/Goiânia.	62
Tabela 4_População por gênero, por bairro de interesse/Goiânia.	63
Quadro 5_Bens Tombados pelo Estado na Praça Cívica / Despacho n° 1.096/1982.	75
Quadro 6_Dados resumidos das entrevistas na Praça Cívica	78
Quadro 7_Dados resumidos das entrevistas na Pç. Tamandaré	92
Quadro 8_Dados resumidos das entrevistas na Praça do Avião	102
Quadro 9_Dados resumidos das entrevistas Pç. dos Violeiros	114

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I</b> .....	21
GÊNERO E ESPAÇO PÚBLICO RELAÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÕES	
1.1. PRAÇAS E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO .....	23
1.2. RELAÇÃO DO SUJEITO COM A PRAÇA, SEGUNDO UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO .....	32
1.3. O ESPAÇO PÚBLICO E O INDIVÍDUO .....	46
<b>CAPÍTULO II</b> .....	47
BREVE HISTÓRICO DE GOIÂNIA E DAS PRAÇAS ESTUDADAS: CÍVICA, DO AVIÃO, DOS VIOLEIROS E TAMANDARÉ	
2.1. CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE GOIÂNIA: EVOLUÇÃO URBANA .....	49
2.2. PROJEÇÃO DAS PRAÇAS EM GOIÂNIA .....	58
2.3. CONDIÇÕES DE OCUPAÇÃO DOS BAIRROS DAS PRAÇAS .....	61
<b>CAPÍTULO III</b> .....	65
AS PRAÇAS E AS DIFERENÇAS NAS SUAS APROPRIAÇÕES PELOS GÊNEROS: ANÁLISE DOS DADOS	
3.1. CAMPO DE ESTUDO E ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO .....	67
3.2. PRAÇA CÍVICA: ESPAÇO, SUJEITOS E APROPRIAÇÃO .....	71
3.3. PRAÇA TAMANDARÉ: ESPAÇO, SUJEITOS E APROPRIAÇÃO .....	86
3.4. PRAÇA DO AVIÃO: ESPAÇO, SUJEITOS E APROPRIAÇÃO .....	98
3.2. PRAÇA DOS VIOLEIROS: ESPAÇO, SUJEITOS E APROPRIAÇÃO .....	110
3.6. DISCUSSÕES SOBRE A APROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS DO ESTUDO PELOS GÊNEROS .....	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	130
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	133

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todas as mulheres que acreditam e lutam por um mundo de igualdade e de justiça social.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou muito grata a minha família que me deu suporte prático e emocional em toda essa caminhada. Aos meus pais e meu irmão, que sempre acreditaram do meu potencial, me deram amor incondicional e a certeza de ter sempre para onde voltar. À Olívia, que me disse às palavras que precisava ouvir em cada etapa da minha vida. À Marina, que é meu exemplo de dignidade e fé. E especialmente a meu companheiro Elmar e meu filho Antônio, que me dão todos os dias motivos e apoio para crescer, me melhorar e acreditar em mim. Imenso amor por vocês.

Agradeço também à orientação paciente e cuidadosa de Alik, que não me deixou desistir em nem um momento. A todos os meus amigos feitos antes e/ou no decorrer do curso, que me trouxeram alegria e compartilharam comigo inseguranças e sonhos, tornando a caminhada mais amena. E a Manuela por ter me apresentado a este mundo, que mudou o meu.

Agradeço por fim a cada pessoa que fez parte deste árduo processo me apoiando, ou criticando, dividindo, ou não dos mesmos princípios, sanando às minhas dúvidas, ou me gerando outras. Acredito, que a diversidade é enriquecedora, e que o diálogo é pai de grandes transformações.

## INTRODUÇÃO

A percepção e a apropriação dos espaços são experiências sensoriais. Para tanto, os fatores pessoais e sociais influenciam na relação do indivíduo com o lugar (AUMONT, 2008). O uso dos ambientes sejam eles privados ou públicos, pelo indivíduo, passa por um crivo social e cultural que diz como cada um deve se colocar. O gênero, portanto, é um desses fatores, por gerar amarras de comportamento e desconfortos. O gênero designa espaços psicológicos, físicos e culturais normativos para homens e mulheres, partindo de um binarismo sexual que determina comportamentos esperados de acordo com o sexo biológico de cada pessoa (ALVES; PITANGUY, 1985). Mas, é sabido que existem comportamentos e orientações sexuais bem como um pluralismo das identidades de gênero que diferem muito do acreditado socialmente (CONNELL; PEARSE, 2015).

Para tanto, as mulheres são colocadas como responsáveis ao que se relaciona ao âmbito doméstico ou privado (reprodutivo) enquanto os homens exercem seu domínio nos espaços públicos (produtivo), a partir dos quais aumentam seu domínio nos demais espaços. Porém, mesmo quando mulheres passaram a acumular funções em espaços públicos, e trabalham também fora do lar -mudanças ocasionadas pela revolução industrial- as áreas de domínio masculino e suas configurações não se alteram com a inserção da mulher. Já que as responsabilidades acrescidas por elas não fizeram com que diminuíssem as que já lhe pertenciam, envolvendo casa e família, e não lhes deram também a segurança e o domínio pleno do espaço público (MARTÍNEZ; MMOYA; MUNHOZ, 1995).

A arquitetura, com sua função de pensar os espaços, e percebendo a existência de uma segregação do domínio do lugar em função dos gêneros, deve ser ponto de partida para uma análise que demonstre as relações da produção espacial com tal disparidade. As diferentes formas de uso e controle dos espaços, exercidos por homens e mulheres (independentemente de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero) ocasionadas e desenvolvidas, sobretudo por uma sociedade de matriz patriarcal, tem relação com o processo de desenvolvimento e com o produto da arquitetura, que é o ambiente construído (CORTÊS, 2008). A produção da arquitetura inserida em uma cultura e a partir dos usos propostos, normalmente, não é dotada da preocupação com as relações de gênero.

Com isso, não considera as diferentes necessidades dos indivíduos não atendendo, assim, às demandas particulares de cada gênero (MUXI; MONTANER, 2011).

O objetivo da pesquisa é o levantamento e identificação dos fatores que limitam o acesso físico e a ligação emocional subjetiva do gênero feminino e outros não dominantes, com os espaços públicos. Os fatores são tanto de projeto (a ausência de infraestrutura para algum uso específico, iluminação insuficiente, pouca sombra, por exemplo), de conotação subjetiva (sensação de insegurança, memórias ruins relacionadas ao local) como de condição do lugar (falta de manutenção do espaço, diversidade de uso dos entornos). Desta forma pretende-se gerar material para análise de quatro praças consolidadas na cidade de Goiânia, Goiás. E com isso, reafirmar a hipótese de que muitos espaços públicos têm tido, de forma intrínseca, o papel de reprodutor de sistemas de opressão de gênero, limitando o acesso do gênero feminino.

As praças foram escolhidas observando a proximidade entre elas, e seu contexto na cidade de Goiânia, em diferentes bairros. De tal modo, buscou-se garantir representatividade de diversas condições socioeconômicas dos usuários e de usos possibilitados pelos espaços. As descrições dos espaços, bem como, um breve histórico dos mesmos são apresentados nos resultados dessa pesquisa.

Os espaços públicos escolhidos foram quatro: Praça Dr. Pedro Ludovico Teixeira (Praça Cívica) no setor Central, Praça Almirante Tamandaré (Praça Tamandaré) no setor Oeste, Praça Santos Dumont (Praça do Avião) no setor Aeroporto e Praça Padre Romão Cícero (Praça do Violeiro) em Goiânia-GO (Figura 1) (Ver quadro comparativo entre as praças, Anexo 1). A escolha destes espaços em específico se deve ao fato de serem igualmente consolidadas e terem usos e entornos muito diversos, permitindo encontrar uma gama maior de características físico-espaciais das praças e socioculturais dos usuários.

Delimitou-se a pesquisa na busca de constatar de modo comparativo as diferentes praças, como as características físicas, espaciais e socioeconômicas do público das mesmas, e se isso interfere na apropriação destes espaços.

Para isso, determinaram-se como objetos de estudo, primeiro, as praças e em seguida, tem-se o estudo dos gêneros que frequentam esses espaços.

Para a identificação dos fatores que limitam o uso desses espaços pelo gênero feminino, desenvolve-se este estudo em três capítulos: No primeiro procura-se compreender o espaço público praça e seu significado na história e nas sociedades, para tanto, traça-se um histórico desde o surgimento da *ágora* até as praças atuais e a relação dos indivíduos com os mesmos. Nesta parte, também, faz-se uma reunião das teorias referentes ao gênero como construto social e a partir dessas compreensões elabora-se a relação de apropriação das praças e espaços públicos por homens e mulheres.

No segundo procura-se compreender as peculiaridades dos acontecimentos históricos da cidade de Goiânia, compilando relatos do nascimento e desenvolvimento espacial e sócio econômico na cidade. Descreve-se o desenvolvimento urbano nas fases de crescimento da cidade alinhadas ou não com os planos diretores vigentes em suas épocas. Em seguida apontam-se os momentos urbanos de surgimento dos bairros das praças e, por conseguinte das próprias praças.

No terceiro apresentam-se os resultados encontrados na aplicação dos métodos de coleta de informações descritos adiante. Por meio destes resultados encontrados discutem-se, de forma empírica, as particularidades da apropriação dos espaços estudados pelos diferentes gêneros. Comprovando a importância do espaço físico na apropriação das praças de forma democrática.

A pesquisa trata-se, portanto, de uma análise descritiva de dados, que busca analisar como as soluções de projeto arquitetônico e instalações físicas das praças, Cívica, Tamandaré, do Avião e dos Violeiros, influenciam na sua apropriação espacial por diferentes gêneros.

**Figura 1**\_Localização das praças de estudo e raios de influência

Fonte\_Produzido pela autora

As áreas urbanas, onde as praças se localizam, pertencem a região central e norte de Goiânia. Destacadas em cinza escuro, esses equipamentos constroem uma dinâmica de influência, sinalizadas no mapa pelas circunferências vermelhas, em toda espacialidade do bairro respectivo e alguns bairros lindeiros.

1. setor central
2. praça cívica
3. setor oeste
4. praça tamandare
5. setor aeroporto
6. praça do avião
7. setor urias magalhães
8. praça dos violeiros
9. raios de influência dos equipamentos/praças
10. reservatório joão leite
11. aeroporto
12. nerópolis
13. senador canedo
14. aparecida de goiânia
15. trindade





A pesquisa foi desenvolvida a partir da abordagem quantitativa e qualitativa para coleta dos dados e empirismo para análise dos mesmos. Para Tanaka e Melo (2011) a abordagem quantitativa busca descrever sentidos que são intrínsecos aos sujeitos, seus atos e aos objetos, por isso é determinada como objetiva; Trata-se de uma forma de pesquisa que se caracteriza como uma abordagem focal e estruturada, utilizando-se de dados numéricos percentuais; as técnicas de análise, que no caso deste trabalho são indutivas (isto é, com base em conhecimentos empíricos) e orientadas pelos resultados que podem ser generalizados.

E foi empregada uma abordagem qualitativa com relação às praças e suas características, pois os fenômenos avaliados na apropriação das praças possuem uma inter-relação com a subjetividade dos usuários (TANAKA e MELO, 2008). Essa abordagem associada à quantitativa, possibilitou compreender com maior profundidade a dinâmica de gênero, assim como, a apropriação dos espaços das praças avaliadas.

A investigação foi construída em quatro fases metodológicas: Na primeira fase levantou-se o problema por meio da análise situacional das instalações físicas das praças, Cívica, Tamandaré, do Avião e dos violeiros. Para tanto, se utilizou o método de observação participante em campo, não estruturada, que é usada como procedimento de exploração, em que o observador restringe o objeto de suas observações para, em seguida, delimitar suas atividades, podendo, às vezes, mudar seus objetivos iniciais, ou determinar com mais exatidão o conteúdo das suas observações (VIANNA, 2003). Os dados coletados na pesquisa de observação nas praças foram apresentados na justificativa e levantamento da problemática de forma mais detalhada nos resultados deste trabalho.

Na segunda fase elaborou-se a fundamentação teórica buscando dimensionar os relatos teóricos basilares para a pesquisa. Lakatos e Marconi (2005) afirmam que é indispensável relacionar a pesquisa ao universo teórico, optando-se por um modelo que sirva de embasamento, à interpretação da significação dos dados e acontecimentos colhidos e relatados. A finalidade da pesquisa científica não é apenas traçar ou descrever os fatos observados e experimentados, mas o desenvolvimento de uma interpretação, no que se refere aos dados obtidos, da forma mais completa possível.

A investigação foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica e documental sobre a temática proposta envolvendo a leitura, análise e interpretações de materiais teórico conceituais e documentos. Todo material recolhido passou por uma triagem e um plano de estudo. Os resultados são apresentados na forma textual com citações diretas e indiretas de autores, que relevam à temática, presentes nos capítulos 1 e 2 e a observação de inconformidades das praças, que causam afastamento de público. As observações das inconformidades são apresentada e utilizada para avaliação das praças, junto aos resultados da pesquisa.

Na terceira fase realizou-se um levantamento dos espaços físicos das praças, por meio de croquis e fotos recentes (obtidas com equipamento próprio ou tiradas por profissional com uso de D.R.O.N.E., para imagens aéreas, e fotos históricas (obtidas na Secretaria de Planejamento Municipal de Goiânia). Utilizou-se a fotografia como instrumento para a reavaliação do espaço público, a fim não só de documentar, como de compreender a essência deste espaço e as relações de uso que nele se estabelecem (MASCARO, 1986). E observou-se a aplicabilidade das ‘não conformidades’ (características que afastam o público, em especial as mulheres) nos espaços abordados.

Utilizou-se, também nesta fase, a aplicação de questionários (ver questionário, anexo 2, e compilado de respostas dos questionários aplicados, anexo 3), com o objetivo de dimensionar a percepção dos usuários com relação à praça. As questões abordadas com os indivíduos foram sobre: o seu perfil sócio econômico; o seu perfil de uso da praça; e a sua percepção do ambiente da praça.

Utilizou-se como critério de inclusão nas entrevistas: seleção aleatória de entrevistados que cumprissem os demais critérios; participantes com idade maior ou igual a quinze (15) anos de idade; amostra dividida em partes iguais entre homens e mulheres; realizadas em três períodos diferentes: manhã (06-12h); tarde (12-18h) e noite (18-22h), não foram realizadas entrevistas entre 22h e 06h (em função do aumento do risco para os pesquisadores neste período). Para cada praça foram realizadas 30 entrevistas, sendo 15 para cada gênero, em três (3) horários do dia (acima mencionados) em cada praça.

Na quarta fase os dados levantados na etapa anterior foram sistematizados e ordenados em gráficos e tabelas visando atender aos objetivos propostos. Realizou-

se análise descritiva empírica de dados para chegar à resposta de como as soluções de projeto arquitetônico e instalações físicas e não conformidades encontradas nas praças, Cívica, Tamandaré, do Avião e dos Violeiros, influenciam na sua apropriação espacial por diferentes gêneros.

Na análise dos dados acontece o processo subjetivo de desenvolvimento do entendimento do significado dos dados. Esta construção se dá consolidando, delimitando e interpretando o que as pessoas responderam e o que o pesquisador viu, levantou e leu. A análise envolve uma complexa revisão de dados e conceitos e um processo de raciocínio indutivo, entre descrição e interpretação. O significado é, portanto, a constatação dos resultados, esperados ou não, do estudo (TEIXEIRA, 2003).





## **1.1. PRAÇAS E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO**

Para se estudar as dinâmicas que envolvem os conceitos de praça, é imprescindível partir do entendimento da organização deste espaço no contexto da cidade e ainda compreender esta cidade no contexto do espaço urbano capitalista. Para tanto, lança-se mão dos conceitos de ‘fluxos’ e ‘fixos’ urbanos e de ‘lugar’, a fim de elucidar a importância dos espaços públicos no cotidiano urbano.

A partir da contextualização do sentido de lugar, busca-se olhar para a praça como o espaço público que tem a maior vocação para abrigar os acontecimentos da vida pública democrática. Sendo a praça um ponto de confluência urbana e um ambiente aberto para a cidade e para todos os seus moradores, espera-se que seu espaço físico seja provedor do bem-estar e do pleno uso para todos os cidadãos.

### **1.1.1. Espaços Públicos enquanto ‘fixos’ da dinâmica urbana**

Com a intenção de contextualizar o papel do espaço público, e mais especificamente das praças, enquanto ambientes das relações capitalistas urbanas é necessário lançar mão dos conceitos da geografia, que colocam o espaço urbano (fixo) como transformado pelos agentes sociais e econômicos e os “fluxos” gerados por eles.

Dimensionar a importância dos espaços livres como incentivo da vida urbana é uma intenção muito presente nas discussões sobre as cidades contemporâneas. A configuração urbana pode ser lida como produto social, e neste caso ela se faz indicador de como a cidade funciona, apontando as suas glórias e mazelas. Olhando o processo de gentrificação, pelo qual passam os centros das grandes cidades, com alteração do uso e com o abandono do poder público. É, comum, que em projetos de revitalização, o principal equipamento para minimizar os efeitos do processo de abandono sejam as praças (ROSANELI *et al.*, 2016).

Como definição utilizada por arquitetos e urbanistas, a mais comum encontrada é a de que espaços livres públicos se formam por meio da ausência de edificações em grandes largos, que admitem objetos e equipamentos de uso público ou de contemplação, como quiosques, sanitários e vegetação. (MAGNOLI, 2006).

“O termo Espaço Público surge cada vez mais como o *locus* de uma base de discussão transversal às diversas ciências, suscitando permanentemente novas abordagens” (NARCISO, 2009, p. 01). Para o autor, a expressão espaço público surge pela primeira vez num arquivo administrativo oficial de 1977, em quadro de intervenção pública, juntando na mesma categoria as ruas, praças, espaços verdes, valorização da paisagem urbana, mobiliário urbano, etc. Considera-se o espaço público como aquele que está dentro do território urbano (majoritariamente em cidades capitalistas, onde há predominância da propriedade privada), sendo esse espaço de uso coletivo e universal e pertencente ao poder público. Ou seja, conceitua-se espaço público como aquele que é, nele mesmo, espaço de ação e atuação política contemporânea.

O espaço público constitui ou deveria constituir uma fonte de forte representação pessoal, cultural e social, pois trata-se de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais que constituem uma sociedade (NARCISO, 2009, p. 01).

Nesse sentido, o autor geógrafo e urbanista Milton Santos (1985) traz uma perspectiva de espaço que considera além dos *fixos* nele situados, também os *fluxos* que o percorrem. Numa perspectiva voltada para a economia relativa aos espaços públicos. Santos(1985) enfoca num panorama evolutivo capitalista, desde a fase denominada mercantil ao recente período classificado como técnico-científico, apontando como dado imprescindível do último “a aceleração da circulação de bens e de pessoas”. Assim o papel de inércia dos capitais fixos, considerados como “geografizados segundo uma lógica que é a do momento de sua criação”, admite, não só a existência de fixos “ligados à atividade direta dos produtores individuais”, mas “também aqueles socialmente criados” (SANTOS, 1985, p.67).

Para Horta (2012) os fixos acabam reduzidos ao efêmero, são desespacializados, às vezes desmaterializados, ou são apenas observados em escala (do poder) local. Cabe especular se essa supervalorização dos fluxos - acompanhada de uma relativa negação dos fixos - tem alguma correlação, na Geografia, com alguns princípios metodológicos próprios de pesquisadores que buscam alcançar a essência dos processos e ultrapassar, assim, a “pura” descrição das formas (espaciais) aparentes.

Santos (1985, p.67) afirma que a inércia dos fixos, que “provêm de épocas passadas, [...] e cuja instalação correspondeu a uma lógica buscada na rede de relações múltiplas (políticas, econômicas, geográficas)”, não significa, em particular, “perda relativa de seu valor produtivo ou de sua capacidade de participar no processo de acumulação geral e dentro do ramo respectivo. É a incidência, sobre essas formas envelhecidas, das relações sociais, que lhes assegura um lugar na hierarquia dos papéis” (SANTOS 1985, p.67).

Nessa senda, o geógrafo aponta como fixos implantados pelo Estado “fixos que atraem e criam fluxos”, observando que “o subsetor governamental orienta os fluxos econômicos e humanos e determina a sua viabilidade e direção” (SANTOS, 1985, p. 76).

Portanto, diante do exposto, vê-se a real importância de abordagem do alcance dos fluxos no que tange a delimitação de espaços públicos. Mendonça (2007) confirma a capacidade e a forma de introdução destes fluxos em caso de não exercer estritamente a função de passagem. Em caso de assimilação local de características vindas dos fluxos, cabe notar o nível de receptividade deles pelo meio e as interferências, bem como mudanças nos estilos de vida geradas por eles. Mendonça (2007) indica que o autor Santos (1985, p. 55) traz esse conceito a partir do potencial intrínseco ao lugar, a partir das “rugosidades – formas remanescentes dos períodos anteriores, que devem ser levadas em conta quando uma sociedade procura impor novas funções”.

O discurso da globalização chega nas universidades brasileiras em meados de 1990, sendo Milton Santos o responsável por incorporar no construto meio técnico-científico a palavra informacional. Para ele, esse meio é idêntico à globalização e a informação e os sistemas comunicacionais conseguem relevância capital em sua interpretação. Para Maia (2012), a

A modificação acelerada, a velocidade, a incorporação sempre crescente de novos capitais fixos ao território (estradas, ferrovias, portos, aeroportos, instalações fabris etc.), a chegada e dispersão das técnicas de comunicação e informação etc. vão dar a este período uma forma nova que o diferencia dos demais. Isto provoca o que ele denomina de instantaneidade dos momentos e dos lugares, universalidade e unicidade das técnicas etc. (MAIA, 2012, p.31).

O autor supracitado diz que, o geógrafo deriva toda sua análise do espaço e como este se transforma ao longo do tempo, configurando o espaço geográfico, até culminar, na época atual, no meio técnico-científico-informacional. Para ele: “Só o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico” (SANTOS, 1997, p. 31), ou seja, o espaço geográfico é antes de tudo uma condição e um fenômeno técnico ele próprio.

É interessante manter essa perspectiva para entendimento sobre as várias interpretações que envolvem o espaço urbano, e espaço público, sendo muito importante não esquecer que o espaço urbano e/ou público integra o cotidiano de uma metrópole (CARLOS, 2001).

Mendonça (2007) aborda uma tendência de segmentação, segregação e desuso do espaço público, porém, afirma que esses fatores no contemporâneo, não são estáticos e definitivos, nem tampouco, abrangentes. Segundo a autora, é perceptível a permanência de espaços públicos como relevantes lugares de aprimoramento estético urbano e para deslocamento das pessoas. Todavia, mais relevante, é destacar a importância destes espaços como catalisadores da construção da cidadania.

### **1.1.2. Praça como lugar da vida pública**

Para elucidar quais os sentidos da praça, enquanto espaço social e palco de importantes facetas da vida em comunidade, apresenta-se algumas óticas complementares.

Robba e Macedo (2002, p. 17) trazem o conceito de praça dentro da esfera mencionada no tópico anterior, de espaço público: “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

Para Silva, Lopes e Lopes (2011) as praças são lugares de convivência social e com a natureza, podendo auxiliar para a construção e junção de uma sociedade, representando também espaços importantes para manifestações da cultura e política. As praças surgiram das demandas de espaços para hospedar as comemorações, encontros, reuniões, atividades de troca, sendo pontos acessíveis para a sociedade

concretizar diversas funções, como ver as pessoas e ser visto, realizar comércio, política ou simplesmente passear.

Font (2003) discorre que a expressão praça, derivada de *platea* (alargamento), é usada para apontar um espaço livre de construções no seu interior, porém, circundado por elas. No entanto, o termo acabou perdendo seu significado único para se transformar em uma palavra ampla e que indica espaços de projetos heterogêneos.

Segundo Zeisel (2006, p. 173), “[...] as pessoas mudam as configurações dos espaços a fim de facilitar suas atividades, podendo remover ou acrescentar coisas”. Os usos da praça podem ser modificados e/ou adaptados para atender as necessidades coletivas, atestando o espaço como produto social. Deste modo, no sistema econômico e no estilo de vida atual, as pessoas usam, originalmente, os espaços livres públicos para atender a quem busca comprar produtos com agilidade nas ruas e, com essa venda, tiram seu próprio sustento (ROSANELI et al., 2016).

Lamas (1993, p. 98) afirma que a praça “é um elemento morfológico das cidades ocidentais”, inexistentes anteriormente, distinguindo-se “de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados - pela organização espacial e intencionalidade de desenho. [...] A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa”.

Carneiro e Mesquita (2000) realizaram um estudo de espaços livres em Recife-PB, Brasil, onde são comuns ambientes como largos e adros, e trazem os seguintes conceitos:

Praças são espaços livres públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elemento organizador da circulação e de amenização pública, com área equivalente à da quadra, geralmente contendo expressiva cobertura vegetal, mobiliário lúdico, canteiros e bancos. [...] as praças como pequenos espaços na malha urbana deveriam ter suas funções protegidas por lei, inclusive com relação à manutenção do seu entorno com edificações de até um ou, no máximo, dois pavimentos, por questões de escala e proporção (CARNEIRO; MESQUITA, 2000, p. 27).

Diante dos conceitos expostos sobre praça, pode-se considerar que o uso desse local esteja vinculado ao seu contexto socioespacial.

De acordo com Robba e Macedo (2003, p. 39), “[...] tais usos de integração e articulação com as atividades da comunidade deram às praças um caráter de espaço centralizador muito forte e aumentaram sua visibilidade”, valorizando o espaço livre urbano e criando novas formas da população se apropriar dele (ROSANELI et al., 2016).

O autor Lamas, em sua obra “Morfologia urbana e desenho da cidade” caracteriza a rua como um “**lugar** de circulação” e a praça como “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas” (LAMAS, 1993, p. 102). O autor aponta que a praça na cidade tradicional, como a rua, estabelece “estreita relação do vazio (espaço de permanência) com os edifícios, os seus planos marginais e as fachadas. Estas definem os limites da praça e caracterizam-na, organizando o cenário urbano” (LAMAS, 1993, p. 102).

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno (CARLOS, 2007, p. 20)

Para Tuan (1983, p.83) “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. De acordo com Moreira (2007) o lugar pode ser interpretado por meio de dois espectros diferentes. No primeiro, lugar é ocupar um ponto na rede para inserir-se na geopolítica, no segundo, lugar pela compreensão de pertencimento do espaço em que se vive. Considerando a relevância do lugar na rede, Corrêa (2001, p. 107) analisa o tamanho de redes geográficas e estabelece que estas são “[...] ‘um conjunto de localizações geográficas interconectadas’ entre si ‘por um certo número de ligações’”.

Em Tuan (1975) o lugar significa diversas coisas, sendo estes significados dados pelas pessoas, que traduzem os espaços como aqueles em que se criam laços afetivos e subjetivos; praças ou ruas onde se corre e brinca desde criança, o pico de um morro onde se consegue ter a vista da cidade.

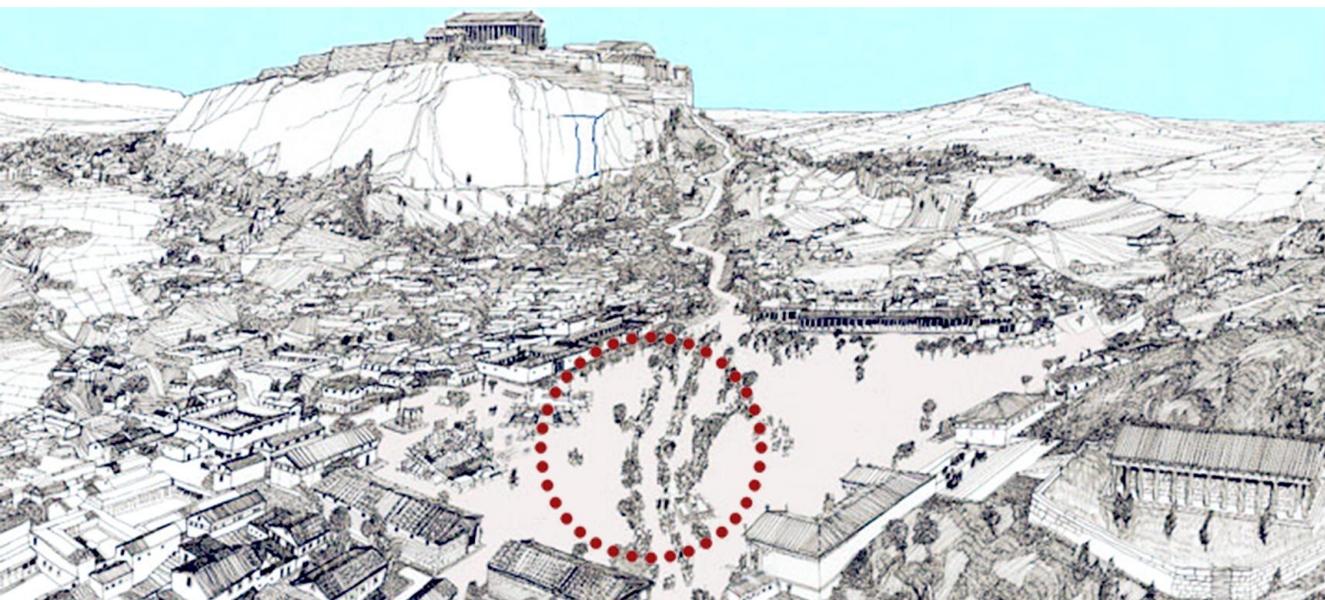
Compreender os lugares desta forma é atribuída por Ferreira (2000) dando ao lugar a ligação entre contextos, atitudes e eventos de pessoas, estando muito mais conectado de forma subjetiva que objetiva.

A partir da migração marcada pelo afastamento das áreas rurais, ocorre o crescimento desordenado das cidades e da população urbana. Ao mesmo tempo, tem-se o aumento de construções nas cidades, constituídas por lugares destinados a moradia, comércio, indústrias, serviços e os chamados de livres, sendo estes últimos destinados a cumprir as funções de convivência, lazer, recreação, etc. (SILVA; LOPES; LOPES, 2011).

Na Grécia e Roma antigas deram origem aos espaços livres públicos. Benévolo (2003) discorre que na Ágora originou-se a função social do espaço público como conhecida nos dias atuais. Lá ocorriam encontros, discussões políticas e conversas sobre setores sociais importantes, como direito, comércio, indústria, governo, religião. Dessa forma, a ágora se faz extremamente importante para a acrópole, se tornando o elemento vital para a sobrevivência desta. Ela era um ambiente coletivo comum, centralizado, destinado a debater as questões da sociedade à época (Figura 2).

**Figura 2**\_Exemplo de Ágora, na área central da cidade.

**Fonte**\_ Castellan (Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra26/agora.htm> Acesso em: 08/2018)



Ao surgir uma cidade, passava a existir, também, uma praça. Assim, a praça faz parte do contexto histórico e social urbano. O seu conceito, suas funções e usos são frutos das premissas econômicas, sociais, históricas e políticas vivenciadas pela cidade na qual está inserida. Sendo portadora das marcas das peculiaridades locais (Marx, 1980).

A praça, na Idade Média, segundo De Angelis et al. (2005) era não só um lugar de mercado, de encontro político, de encontro religioso, mas também um local destinado à espetacularização do dia a dia e das relações sociais. O espaço público de maior importância para cidade desta época era a praça de mercado, lugar com funções comerciais, para trocas e serviços, mas principalmente para o encontro social. Neste espaço, alocavam-se inúmeras tendas com grande variedade de produtos comercializáveis. Neste período, as praças eram divididas em dois tipos, a praça do mercado e a praça da igreja. Quanto à sua forma, a praça medieval era normalmente resultado de um vazio aberto na estrutura da cidade de forma espontânea, sem projeto urbanístico, formando um espaço de perímetro irregular. (LAMAS, 1993). De Angelis et al. (2005) afirmam que a praça só se torna elemento urbanístico, presente nos projetos urbanos, no período do Renascimento. É só então que se insere em definitivo na estrutura da cidade, tornando-se um lugar, espaço público e adquirindo valor funcional, político-social, como também o valor simbólico e artístico (Figura 3).

**Figura 3**\_Representação de uma praça Medieval (entre os séculos XII/XIII)

**Fonte**\_Nós e a História (Disponível em: <https://noseahistoria.wordpress.com/>. Acesso em: 08/2018).



Já na Idade Moderna, as cidades europeias passam a seguir um padrão uniforme, com ruas retas organizadas em um traçado regular, a praça localiza-se no centro da cidade, que é onde normalmente se organizam os prédios mais ‘importantes’, a igreja, o paço municipal, a casa dos cidadão mais ricos e influentes (BENEVOLO, 1993).

Entre os séculos XIX e XX, as praças tinham grande importância para a vida urbana, servindo como lugar para lazer e centro dos acontecimentos e novidades que ocorriam na cidade. As praças representavam o lugar de encontro, de comunicação, de trocas de mercadorias, de festas populares e de manifestações políticas, estando diretamente ligadas à ideia de centralidade na cidade ou no bairro, locais para onde convergem as ruas e se concentram seus habitantes (Figura 4). Os usos e funções desses espaços modificam-se às mudanças e às necessidades da sociedade (SILVA; LOPES; LOPES, 2011).

**Figura 4**\_Fotografia na década de 1910, em que o comboio passava no centro da cidade de Penafiel, Portugal.

**Fonte**\_Foto Antony (Disponível em: <http://penafielterranossa.blogspot.com/2014/11/viva-penafiel.html>. Acesso em: 08/2018)



Francisco *et al.* (2014) aponta a perspectivada possibilidade dos espaços de esperança construídos por lugares onde o sujeito significa e dá sentido à vida coletiva nas configurações espaciais da praça entendida como espaço público.

Lugar do encontro do eu e do outro, lugar da revelação da identidade cultural urbana forjada na diferença de múltiplos atores sociais que coabitam este espaço e constroem ali, por meio da dimensão simbólica, seus múltiplos lugares.

Consegue-se compreender diante de todo o exposto nesse capítulo que, as múltiplas idas e vindas e as recorrentes “permanências” de uma grande diversidade de usuários de um espaço público dentro do contexto de cidade, carregam em si, na maioria dos casos, um estreitamento contínuo e crescente dos mesmos usuários com este lugar antropológico e dos usuários entre si. A praça é muito mais do que a praça. Ela torna-se parte dos seus usuários, impregnando os seus processos de identidade. Ao mesmo tempo, em que estão postos em pauta, por um lado, os processos de identidade dos usuários envolvendo as suas respectivas atividades – ou não atividades – na praça, e, por outro lado, a própria praça com sua vida, sua expressão e sua finalidade.

## **1.2. RELAÇÃO DO SUJEITO COM A PRAÇA, SEGUNDO UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO**

Com o entendimento do processo histórico que torna a praça o lugar das relações sociais urbanas, de caráter democrático e diverso, busca-se compreender o gênero como criador de relações no espaço. Desta maneira, observa-se que o gênero tem influência na forma do indivíduo se apropriar do espaço público para seus usos cotidianos.

Dessa forma, cria-se uma ideia das questões de gênero que pertencem ao tema. Pode-se começar com o entendimento de que gênero é uma construção imposta às pessoas. Passando pela concepção de “geografia de gênero” que pontua os espaços dominados por mulheres e homens. E, finalmente, observa como se faz a vulnerabilidade do ser feminino inserido numa sociedade misógina.

Na perspectiva do gênero, busca-se compreender ‘se’ e ‘como’ a estrutura física oferecida no espaço público também influencia no uso do mesmo pelos corpos socialmente classificados. Desta forma, ao traçar uma linha de raciocínio sobre as interações criadas nos ambientes públicos, mais especificamente nas praças, este estudo buscará trazer às vistas quais características do espaço reforçam as diferenças de apropriação por mulheres e homens.

### 1.2.1. Gênero: a classificação dos corpos

Considerando o exposto e compreendendo que os sexos biológicos não são os únicos determinantes para às expressões de gênero, e com uso da obviedade de que o corpo físico de cada ser humano é a apresentação daquele sujeito para a sociedade, observam-se os corpos como vulneráveis as ações da sociedade, de outros sujeitos e até mesmo dos espaços (espaços colocados aqui não como agentes, mas, como “possibilitadores” das ações).

O Gênero já foi concebido, pela estadunidense Joan Scott, em análise, como “(...) um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p.14 ). Na continuidade, ela afirmou que “o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 14), já que estas relações se colocam a partir do início da vida social, nas interações familiares.

A expressão gênero é complexa e permite sua definição e redefinição. Heberle *et al.* (2006) entendem gênero como uma classe diferente da binaridade de sexos masculino/feminino concebidos pela biologia, o gênero permeia as interações sociais e é pautado como contexto argumentativo dos sentidos humanos, é socialmente construído. Citam também que a interação humana é uma das formas de construir a realidade social do indivíduo, de transmitir as estruturas sociais relevantes e de perpetuar as identidades sociais criadas. Dessa forma, gênero deve ser concebido em dois espectros: o da construção simbólica e da relação social material. Sendo os dois, ainda assim, inseparáveis.

Consequentemente, o projeto de uma geografia feminista é buscar e levar luz à relação das divisões de gênero e espaciais, descobrindo como se constroem reciprocamente, mostrando os problemas ocultos nessa divisão aparentemente natural. O foco, portanto, está em analisar até que ponto homens e mulheres vivenciam de forma distinta os locais e espaços, demonstrando que essas diferenças criam parte da constituição social tanto do lugar quanto do gênero (REIS, 2015).

Discute-se o papel tomado pela mulher após a revolução industrial e qual é o domínio espacial desta mulher que trabalha fora de casa, mas, continua com as atribuições dos cuidados com a casa e da criação dos filhos.

Trazem também o Gênero como formação social, questão tratada primeiramente em “O Segundo Sexo” por Simone de Beauvoir(1970).

A mencionada obra é considerada uma marca indispensável no pensamento feminista criado no séc. XX, que abre campos para a criação de teorias advindas das desigualdades construídas em razão da dicotomia entre os sexos. O argumento da obra é expressar que a mulher não é “segundo sexo” ou “outro” por motivos naturais e imutáveis, mas que é isso por conta da situação histórica que criou situação de inferioridade. Toda a premissa abrange, então, o questionamento da importância do termo “eterno feminino”, encarado pela sociedade como algo inerente a toda mulher e suficiente para prendê-la a restrições e limitações.

Beauvoir (1970) cita de forma coerente e lúcida a exposição de sua ideia: não existe justificativa para que a mulher seja de uma “casta” inferior ao homem. Ela analisa minuciosamente a história. A obra de Beauvoir perpassa a Antiguidade, Idade Média e chega aos tempos em que viveu, argumentando de forma clara e consistente todas as características importantes e necessárias para se criar um entendimento de como a mulher tomou postos tão distintos dos homens na sociedade.

Na história, é memorável que autores renomados tenham absorvido e propagado ideias de que a mulher ocupasse lugares como segundo sexo. Rousseau, dizia que a educação feminina deveria ser restrita aos afazeres domésticos, porque, para ele, a natureza feminina não era a do saber e conhecimento (GASPARI, 2003). Ademais, Kant tinha discurso sexista ao criar uma narrativa sobre como a mulher deveria viver para seu homem, sem personalidade de sujeito perante a história, que só poderia ser feita, de fato, por homens (GASPARI, 2003).

Na imaginação dos filósofos, não havia motivo algum de dar à mulher *status* político, pois no século XVIII, o homem era sua causa final de ser. O romantismo, devido ao iluminismo, ovacionava a expressão do amor em todas as suas formas. Observa-se a discriminação, fomentada pela fala sobre a fragilidade feminina, sua emotividade, amor, incapacidade e, portanto, inferioridade. Não era permitido que a mulher alcançasse o conhecimento.

Nietzsche descrevia a mulher como um “ser” fracassado que procura elevação alterando seus próprios padrões de conduta social, dando ao homem toda a responsabilidade de manutenção da dependência feminina.

Entendendo então que o homem teria que “[...] conceber a mulher como 'posse' como propriedade a manter sob sete chaves, como algo destinado a servir e que só então se realiza” (NIETZSCHE, 1992, p.143).

Porque a história é dinâmica e subjetiva, os valores mudam com o tempo. No século XIX, aumentaram as discussões e pensamentos sobre as mulheres, envoltas nos ideais do direito, igualdade e busca por liberdade e emancipação, sendo nessa era inventado o feminismo, que se tornaria maior no séc. XX.

De acordo com Beauvoir (1980, p. 291), a mulher atinge a plenitude humana quando tem a chance de dedicar-se a exercer atividades públicas e ser útil ao seu povo: “[...] É um paradoxo criminoso recusar à mulher toda a atividade pública, vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os terrenos e confiar-lhe a empresa mais delicada, mais grave que existe: a formação de um ser humano” (GASPARI, 2003 p.42).

Para a autora, “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980). Daí em diante, suas seguidoras, militantes do feminismo, a partir da década de 70, vão se fortalecendo cada vez mais. Argumentações sexistas derivadas da esfera privada, onde a mulher era dedicada somente ao universo doméstico, sendo este o seu “verdadeiro espaço”, começaram a ser dilaceradas com o sexo feminino passando a ocupar lugares fora de casa. Processo este que é fundamental, pois, quebra paradigmas, revisa conceitos e cria novas formas de pensar e agir, mas a mudança pode ser lenta e extremamente conflituosa, já que as ideias e conceitos de uma sociedade não mudam de uma hora para a outra.

Praun (2011) diz que a ideologia que domina, o faz porque seu discurso é construído, compartilhado e difundido em nível disciplinar e político e consegue assim, criar uma ordem social que faz com que as pessoas perpetuem sexismo e desigualdades. Então, é fundamental abranger a linguagem do discurso patriarcal como fundamental para construir a subjetividade entre feminino e masculino, mantendo assim as relações sociais de poder, onde se torna possível metodizar no tocante a construção social de gênero (NOGUEIRA, 2001).

Nota-se que, mesmo a mulher tendo ingressado no mercado de trabalho e de suas revoluções sociais em busca de igualdade, ainda existe na sociedade grande discriminação sexista. Segundo Nogueira (2001) a introdução das mulheres de classes

sociais diversas em setores do mercado de trabalho, mesmo apresentando mudanças estruturais, não garante objetivamente alterações expressivas na função feminina em meio a família, nem possibilita mudança de seu *status* social. Desta forma o *status* social impõe sobre os corpos condições distintas, sendo o gênero uma condição de grande impacto:

(...) As práticas em que corpos são envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais, o que, por sua vez, fornece condições para novas práticas nas quais os corpos são envolvidos. Processos corporais e estruturas sociais se conectam pelo tempo. Somam-se ao processo histórico no qual a sociedade é corporificada e os corpos são arrastados para a história. (...) Gênero é uma forma específica de corporificação social. A característica distintiva de gênero é que este se refere a estruturas corporais e processos ligados à reprodução humana (CONNEL, PEARSE, 2015, p. 112 e113).

Reis (2015) discorre que, em se tratando de mulheres, as características biológicas das mesmas serviram de catalisadores para o tratamento de inferiorização, se tornando mais disponíveis à exploração e abusos. Então, de naturais, as dicotomias entre os sexos passaram a ser sociais e culturais e por isso a categoria de gênero é fundamental para entender tal construção e eliminar a naturalidade com que é realizada a opressão feminina, ao mostrar os pilares materiais e simbólicos das desigualdades entre homens e mulheres.

A opressão ao feminino coloca nas relações sociais, desde pequenas, amarras que impedem a mulher de fazer algo que queira, até nas condições de violências ao corpo, colocado como vulnerável, simplesmente por se apresentar feminino:

Ora, ser mulher relaciona-se a “parecer mulher” ou autodefinir-se como tal. Na lógica perversa do estupro, “ser mulher” é condição ontológica passível de estupro se achem no direito de estuprar travestis, que também são mulheres. O estupro é como uma condenação dirigida a todos os que “são mulheres” seja porque se parecem são heterodenominadas, seja porque se autodenominam (TIBURI, 2016, p.110).

Durante longo tempo, a expressão das espacialidades dos grupos de mulheres, dos não brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante não foram consideradas adequadas como objeto de estudo dessa ciência. A razão de suas ausências no discurso geográfico deve ser vista pela legitimação

naturalizada dos discursos hegemônicos da Geografia branca, masculina e heterossexual que nega essas existências e impede o questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades (REIS, 2015).

### **1.2.2. Breves apontamentos sobre a ocupação dos espaços e a diversidade de gênero**

Fatores sociais e pessoais são capazes de influenciar na percepção e apropriação dos espaços físicos pelo indivíduo, já que a percepção espacial é uma experiência sensorial (AUMONT, 2008). O uso dos ambientes públicos e privados passa por um crivo cultural que diz como cada pessoa de cada grupo deve se colocar nestes lugares. Um desses fatores geradores de amarras de comportamento e de percepção do local é o gênero como a construção social que designa espaços normativos para homens e mulheres, onde parte-se de um princípio binário que separa comportamentos naturais de acordo como o sexo de cada pessoa (ALVES; PITANGUY, 1985).

Os controles exercidos socialmente, até então, tem o homem como dominador do espaço público (produtivo), o que faz com que as mulheres sejam alocadas como responsáveis do privado (reprodutivo). Porém, mesmo com as mudanças ocasionadas pela revolução industrial, quando mulheres passaram a acumular funções e trabalhar também fora do lar, as áreas de domínio e sua configuração não foram alteradas, já que a responsabilidade acrescida por elas não fez com que diminuíssem as que já lhe pertenciam, envolvendo casa e família (MARTÍNEZ; MMOYA; MUNHOZ, 1995).

Percebendo a existência de uma segregação do domínio do lugar em função dos gêneros, faz se necessária uma análise do ponto de vista da arquitetura e urbanismo que demonstre as relações da produção espacial com tal disparidade. As diferentes posições de uso e controle do local, exercida por homens e mulheres, ocasionada e alimentada, sobretudo por uma sociedade patriarcal, tem também suas relações com as composições físicas do espaço (CORTÊS, 2008). A partir do momento que o espaço é pensado de uma posição isolada das questões do gênero, os seus

reflexos se isolam também das necessidades diferentes dos sexos, não conseguindo assim atendê-las de forma simultânea (MUXI; MONTANER, 2011).

Existe uma grande diferença na forma de se apropriar dos espaços públicos por homens e mulheres (homens fazem uso dos espaços públicos de forma mais livre de medos e de julgamentos sociais), e esta diferença se expande também para a imagem emotiva (gama de sentimentos se formam subconscientemente relacionados a espaços e objetos) que as pessoas formam da cidade (MARTÍNEZ; MMOYA; MUNHOZ, 1995).

Para tanto, supõe-se que haja fatores além dos sociais que propiciem a opressão do espaço sobre os corpos, e do gênero masculino sobre o feminino. Acredita-se que o próprio espaço possa deter sistemas que reforçam as disparidades entre os gêneros. Em entrevista à “*Su Casa*” costarriquenha, Zaida Muxi (2008) lembra características do espaço público que o tornam barreiras para a apropriação dos mesmos pelo gênero feminino:

O espaço público é o espaço necessário para realizar as tarefas reprodutivas que realizam as mulheres, já que este mundo teoricamente interior sai para a rua para poder ser completado. Este espaço muitas vezes não é pensado para estas atividades, não há calçadas de qualidade, não há sinalização de mudança de nível, não se pensam nas pessoas com cadeiras de rodas nem em carrinhos de bebês. A segurança no espaço público tem relação direta com a multiplicidade de atividades que se dão nos bairros, a segurança não se consegue com a segregação entre o público e o privado com grades e muros, e sim com espaços ativos e com pessoas habitando-os a toda hora (MUXI, 2008).

Jane Jacobs (2014) no livro “Morte e Vida das Grandes Cidades”, traz análises de como ocorre à apropriação dos espaços públicos nas grandes cidades, ainda que não o faça da perspectiva dos gêneros, propriamente dito, mostra características que atraem ou afastam as pessoas dos ambientes urbanos do seu ponto de vista feminino. Trata do domínio dos espaços pelas crianças (consequentemente pelas mães), discute o que é diversidade de uso e de público, aponta de que forma acontece a diversidade nos espaços públicos.

Jacobs (2014) também discute a demanda que as cidades têm de uma utilização mais diversa, densa e complexa, propiciando assim um sustentáculo constante e mútuo de forma econômica e social.

Ela aborda quatro aspectos importantes que geram diversidade para as cidades e seu planejamento urbano, sendo por meio desses aspectos o surgimento do estímulo da vitalidade urbana.

Então, para Jacobs (2014) diversidade surge inicialmente por causa de como a população urbana se comporta e é fundamental para sua compreensão. Como segundo aspecto, existe o desempenho econômico das cidades e como elas podem ser lugares fabulosamente dinâmicos, aplicando-se isso integralmente às zonas prósperas, de solo fértil propiciados a milhares de pessoas. No terceiro aspecto, compreendem-se algumas características da decadência e revitalização, no passo de como as cidades são utilizadas e como sua população se comporta juntamente a elas, verdadeiramente. O último aspecto é uma sugestão de alterações nas práticas de trânsito, projeto, habitação, administração e planejamento.

Jacobs (2014) afirma que a apropriação de uma praça que apresenta diversidade física e funcional de usos adjacentes, é também diversa e dinâmica, como observado no fluxo de uso da Rittenhouse Square na Filadélfia, descrito por Joseph Guess:

Primeiro, uns poucos andarilhos madrugadores que moram ao lado do parque fazem caminhadas em passo firme. Logo depois, juntam-se a eles, e fazem o mesmo, moradores que atravessam o parque para ir trabalhar em outros bairros. Pouco depois de essas pessoas terem saído da praça, começam a passar pessoas a trabalho, muitas delas retardando o passo, e no meio da manhã surgem as mães com os filhos pequenos, junto com um número crescente de comerciantes. Antes do meio-dia, as mães e as crianças se vão, mas o movimento da praça continua a crescer com os empregados em horário de almoço e pessoas que vêm não se sabe de onde para almoçar no clube de arte e em restaurantes próximos. De tarde, as mães e as crianças aparecem de novo, os comerciantes e as pessoas a trabalho demoram-se mais, e eventualmente escolares juntam-se a eles. No fim da tarde, as mães já se foram, mas surgem os trabalhadores que vão para casa – primeiro, os que estão saindo do bairro; depois, os que estão retornando. Alguns destes permanecem na praça por algum tempo. Daí em diante, noite adentro, a praça recebe muitos jovens com encontro marcado, uns que vieram para jantar fora por perto, outros que moram perto, outros que parecem vir só por gostar dessa mistura de animação e lazer. Durante o dia inteiro, aparecem alguns idosos que dispõem de tempo, outros que são mendigos e vários ociosos anônimos. Em resumo, a Rittenhouse Square tem quase sempre um movimento contínuo pelas mesmas razões que uma calçada viva tem uso contínuo: pela diversidade física funcional de usos adjacentes, e pela conseqüente diversidade de usuários e seus horários (JACOBS, 2014 p.104).

Para áreas de baixa densidade residencial, e entorno predominantemente institucional, a dinâmica das praças tende a contrariar as características supracitadas como o relacionado à Washington Square também na Filadélfia:

(...) somente um contingente de usuários potenciais: os funcionários de escritórios. Esse contingente principal de usuários usa a praça diariamente quase nos mesmos horários. Todos chegam ao bairro de uma vez. Ficam ocupados durante toda a manhã, até o horário do almoço, e de novo presos depois do almoço. Após o expediente, nem sinal deles. Portanto, a praça, inevitavelmente, está vazia na maior parte do dia e da noite. Nela se instala o que normalmente preenche os vazios urbanos, os maus frequentadores (JACOBS, 2014 p.105).

Fica claro diante do exposto pela autora supramencionada, que a ocupação do espaço público pelo gênero feminino depende do fluxo de atividades cotidianas e da sensação de segurança que o local oferece. O entardecer, anoitecer, clama por atividades domésticas exercidas, na sociedade ainda patriarcal, pelas mulheres. Porém, pode compreender que, o fator da segurança que o local oferece ainda é o de maior peso na decisão de frequentar ou não o espaço público. Portanto, dos textos de Jacobs (2014), entende-se que a vitalidade urbana está ainda vinculada ao gênero feminino em uma vida segura privada, enquanto o gênero masculino transita pela vida pública.

Dessa forma é importante notar que, enquanto em alguns pontos históricos foram instituídas noções de continuidade e unidade, nos dias de hoje se vive em uma época onde a ênfase é dada às noções de pluralidade e ruptura. São aspectos característicos do pensamento contemporâneo que prevaleça a multiplicidade. Novas ideias e categorias de observação como estilos de vida, identidades, movimentos sociais ganham destaque. A sociedade dividida por classes toma forma de grupos e movimentos sociais, embasados em sexo, local, etnia, etc. fazendo parte de uma vasta e diversa gama de estruturas singulares (SORJ, 2000).

Zaida Muxi, traz em seu livro em parceria com Josep Maria Montaner o documento “Ciudad Próxima: Urbanismo Singénero” (2011) os motivos dos diferentes domínios espaciais de homens e mulheres, discute exemplos de arquitetura de mulheres para mulheres onde se apresenta a relação do subjetivo espacial das mulheres, pautado muito mais no privado do que no público.

Muxi (2011) revela a construção cultural e histórica entre homens e mulheres nas sociedades. Todavia, seus escritos, ainda que significassem grande progresso, não foram suficientes para escapar de uma tendência à normalização de representações femininas e masculinas, vinculando os homens ao mundo público e à cultura e as mulheres ao universo doméstico, natureza, privado, em razão de suas funções na reprodução biológica.

Confirma Muxi (2011) que os modos de produção atuais do território e do urbano são mantidos por raciocínios vulgarizados que ultrapassam os pormenores socioculturais, econômicos e do meio ambiente local. Todavia, apesar da grandeza desses raciocínios à proporção global e dos progressos técnicos, econômicos, científicos e culturais, a formação do espaço permanece reforçando arquétipos contestáveis e antagônicos.

Para tanto a dinâmica das relações urbanas extrapola as delimitações da cidade formal, sendo necessário evocar o conceito de metápole, que propicia a compreensão de relações políticas e sociais mais profundas. “Uma metápole é o conjunto de espaços no qual tudo ou parte dos habitantes, das atividades econômicas ou dos territórios estão integrados no funcionamento cotidiano (ordinário) de uma metrópole” (ASCHER, 1995 p.34).

Assim para Muxi (2011) o ideal metropolitano integra esse crescimento urbano em eixos centrais, afastando-as em áreas periféricas distantes da área central, com espaços públicos indigentes, precários e sem segurança, em assentamentos distantes e concentrados, vez em espaços definitivos com tendência a serem autossuficientes, muitas vezes não tendo habitantes, vez em ocupações cada vez mais lotadas e miseráveis de qualquer infraestrutura.

Essa separação metropolitana gera inúmeros problemas: movimentos oscilantes rotineiros; maior tempo de trajeto ao se deslocar pessoas e mercadorias; aumento da poluição do ar e som; síndrome da periferia e separação socioespacial; deterioração do *continuum* urbano; surgimento de vazios intersticiais, tanto dentro das unidades vizinhas quanto entre os loteamentos habitados e os que sobram vazios em razão da especulação imobiliária; eclosão de ambientes urbanos inóspitos e destruídos; danificação de áreas rurais ou urbanas tradicionais que permeavam as cidades.

Cortês (2008) afirma que as formas de pensamento e as mudanças de conceitos nos estudos urbanos trouxeram a tona os sinais distintos da pós-modernidade, não só produziram importantes implicações sociais e epistemológicas, em geral, como também reforçaram o questionamento do papel e da função do espaço público, que pode ser observado, por vezes, como palco de uma visão limitada da realidade social, reproduzindo na prática discursos etnocêntricos e sexistas.

Também, discute-se como a formação física do espaço pode agir diretamente sobre o controle social. José Miguel Cortês, em seu livro “Políticas do Espaço: Arquitetura, Gênero e Controle Social” (2008), apresenta o conceito de “panóptica de controle”, de Michel Foucault, tratando de um modelo arquitetônico que permite o controle a partir da vigia (modelo de prisão que permite que de um lugar possa se ver tudo o que acontece). Apoiar-se ainda em Henri Lefebvre, para a produção de um espaço urbano mais libertador e crítico e, também, descreve como o espaço público é desfavorável à diversidade de gênero e, age a partir do controle dos corpos.

O autor trata ainda da relação do poder econômico político e social com a apropriação dos espaços urbanos. Aponta como os cidadãos, enquanto moradores, trabalhadores e consumidores são frequentemente colocados em um lugar de submissão a este espaço e a este poder. Cortês (2008) desenvolve mais a proposta de Foucault, relatando experiências artísticas e arquitetônicas, públicas e privadas, muito distintas entre si, nas quais relações como a família, a moral estabelecida, a de poder político e econômico, procuram dominar e controlar o espaço, alterando como ele se apresenta.

Dá foco a uma arquitetura, enquanto planejamento espacial e de institucionalização territorial, que vigia, manipula e pune. É voltada para o seu interior, não para o exterior, para a cidade, e é aparelhada de objetivos disciplinares e de tecnologias de poder que tem o objetivo de gerar transformações mais profundas nos grupos sociais e nos indivíduos, no sentido de colocá-los sob controle.

Interessante no trabalho do autor supramencionado, e de válida expressão para a pesquisa que aqui se desenvolve, é a ideia de que o espaço urbano estabelece, na sua distribuição, utilização, transferência e simbolismo, hierarquias e prioridades que favorecem determinados valores e anulam outros. Assim, Cortês (2008) argumenta que são o trabalho e as demais atividades atribuídas ao masculino que organizam a

vida cotidiana, a casa e planejam a cidade, adaptando os espaços aos movimentos, rotinas, desejos necessidades e prioridades desta “masculinidade” forjada socialmente.

Desta maneira, o autor atesta que a organização espacial ajuda a construir uma reprodução das relações de gênero que apresentam a autoridade e os privilégios masculinos como algo natural e inquestionável. Por conseguinte, o autor sugere que é preciso tentar desconstruir as visões da cidade como um lugar neutro e sem história, que tem a pretensão de criar categorias universais de validação (CORTÊS, 2008).

O livro “Políticas do Espaço: Arquitetura, Gênero e Controle Social” desenvolve ainda um estudo sobre o significado da verticalização da cidade, para além do adensamento de regiões, apontando os arranha-céus como uma imagem emblemática do século XX, representando mais que a globalização da economia, do poder corporativo, do avanço tecnológico e da realização da modernidade. Os arranha-céus (a torre contemporânea) são entendidos também como metáforas que se inserem na temática do controle social, de uma masculinidade autoritária e sua ereção projetada no espaço. Estas edificações são, por tanto, paradigmas do símbolo falocêntrico e uma presença icônica baseada num modelo de poder que procura manter a posição de domínio masculina (CORTÊS, 2008).

A fim de completar a visão da formação do espaço subjetivo com influência dos gêneros também são tomados os conceitos da Geografia de Gênero do livro “Mujeres, Espacio Y Sociedad: Hacia una Geografía Del Género” (1995) de um grupo de mulheres de Madrid, que partem das imagens mentais desenhadas por homens e mulheres, onde se observa uma menor área de domínio das mulheres, mostra como acontece a relação de gênero com o espaço-tempo.

As autoras propõem a consideração da superposição de escalas que é necessária para analisar os processos relacionados com as relações de gênero. Assim, também levam em consideração a diversidade, que se refere às classes sociais, grupos étnicos, religiões, ciclo de vida, práticas matrimoniais, que se aproximam de uma Geografia Regional de Gênero. Introduzem o conceito de trabalho, com foco na análise das relações sociais e implicações econômicas, e os problemas para medir o trabalho produtivo das mulheres. De uma perspectiva teórica (posições da teoria do capital humano, da segmentação do mercado de trabalho e marxista) expõem as causas pelas quais a posição das mulheres no trabalho remunerado é muito diferente da dos homens.

Ao lado de uma descrição das diferenças territoriais concluem que pelas características do trabalho das mulheres; reprodutiva ou doméstica e produtiva, Subestima-se a participação social, econômica e estatística das mulheres no mercado de trabalho (MARTÍNEZ, *et al.*, 2016).

Procura-se discorrer sobre as relações de gênero enquanto atores principais na construção do espaço, e que se deve ampliar as reflexões geográficas acerca das relações de gênero, ampliando-as como parcela das atuações espaciais que deixam descobrir a base da construção geográfica e social (REIS, 2015). Nos dias atuais, mais do que nunca, o espaço pode mostrar a luta de classes, estruturas de poder, etc. porque, como afirma Lefebvre (1999) a luta social no mundo é uma luta pela criação social do espaço.

Tavares (2017) coloca que a construção social do gênero vinculada ao feminino, estabelece o corpo das mulheres de forma vulnerável e reafirma a concepção de que o espaço público é perigoso, corroborando, por sua vez, com uma aproximação relacionada à vitimização feminina. Dessa forma, frente ao senso comum que propaga a ideia de que não há ambiente seguro para o corpo feminino, observa-se que é sugerido às mulheres que aceitem as imposições normativas de cidade feitas pelos homens, criadas para obedecer aos interesses do mercado. Então, se reconhece a relevância de novas práticas de planejamento que abracem as adversidades de gênero no ambiente urbano e que de forma dialética entendam a diversidade de ações sociais e de resistência na cidade para o aumento da autonomia das pessoas como caminho para justiça e emancipação social.

Deve-se levar em conta a invisibilização da mulher no espaço urbano. Os dados relacionados à violência contra a mulher alertam em relação à necessidade urgente de criação de políticas públicas e ações realmente efetivas contra as desigualdades de gênero. Por isso, perante a construção social da aceção de gênero feminino e sua espacialidade, é imprescindível desconstruir as diferentes formas de experimentar e conceber a realidade diante dos processos de opressão e desigualdades aplicadas aos gêneros (TAVARES, 2017).

Assentindo com a demanda de romper com as hierarquias e a com a reflexão de que “diferentes são os homens, heterossexuais, brancos, eles não são diferentes de ninguém, ao contrário, são como todo mundo; esta diferença é um

estigma” (DELPHY, 2013, p. 9), aceitar que todos são diferentes é o avanço mais importante. Todavia, mesmo assim, mulheres ainda são consideradas diferentes de uma forma negativa. É por isso que há indiferença dos “iguais”, frente a tanta diversidade. Reflexo que se vê no planejamento, majoritariamente, ao cercear as chances de autonomia da mulher e de tomar para si o espaço de preservação dessas diversidades (TAVARES, 2017).

Percebe-se então, que os espaços urbanos são formados, todos os dias, nas cidades, pelas mulheres, por meio de práticas (solidárias e de resistência, coletivas e individuais) que exemplificam a necessidade de o planejamento sobressair-se a concepção masculina que ainda o define. Esses espaços são formados por ações sociais de corpos estigmatizados e tidos como não pertencentes a estes espaços urbanos. Então, são forçados, dialeticamente, a resistir a essas ações opressoras e reafirmar sua dicotomia de formas diferentes. Tempo, lugar, classe social, geração, etnia, todas operam de forma a coexistir no mesmo espaço.

Em larga abrangência, o planejamento do espaço deve considerar preocupações práticas de uma sociedade. É por isso que somos levados sempre a um modelo que transcorre esses interesses, ou à criação de observações e pesquisas que traduzam tais necessidades, ao mesmo passo que consigam criar uma fotografia do problema urbano de um bairro ou área em pauta. Contudo, delimitar os defeitos na intervenção assim como os de seu impacto é um procedimento concebido por variáveis políticas, técnicas e sociais, da mesma forma quando marcam os locais de estudos urbanos.

De forma que o problema urbano é diferente de acordo com o lugar, é imprescindível saber que existem diferenças na forma como as desigualdades de gênero se mostram, a fim de impedir a tendência de uniformização/homogeneização dessas desigualdades, num espectro de universalização e integração das políticas.

### 1.3. O ESPAÇO PÚBLICO E O INDIVÍDUO

As praças enquanto elementos morfológicos das cidades ocidentais se apresentam como espaços livres, públicos, urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população. Estes espaços têm grande importância para manifestações culturais, sociais e políticas. Usos da praça podem ser modificados e/ou adaptados para atender às necessidades de quem a frequenta.

O seu uso é vinculado ao seu contexto socioespacial. Para tanto, precisa ter características físicas que a tornem lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos. Onde o indivíduo se situe num espaço, se tornando o lugar que permite pensar o viver. Pois, quando o espaço é inteiramente familiar, torna-se lugar, onde os sujeitos criam vínculos mais afetivos e subjetivos, significando e dando sentido à vida coletiva.

A percepção espacial é uma experiência sensorial e pessoal, pois depende também da subjetividade do indivíduo. Desta maneira, o gênero é fator determinante da apropriação da praça. Homens e mulheres por serem expostos a diferentes realidades sociais (homem dominador do espaço público e mulheres como responsáveis do privado) se apropriam das praças de formas também distintas.

Nota-se, porém, que o próprio espaço detém sistemas que reforçam as diferentes apropriações do espaço público, por que, as relações de poder estabelecidas entre os gêneros colocam o corpo da mulher como vulnerável. E esta vulnerabilidade não é somente referente à violência física, mas também à simbólica, que age julgando e constringendo.

O espaço precisa conter características acolhedoras, contar com infraestrutura que permita a variedade de usos. Para tanto, iluminação, bancos, *playgrounds*, lanchonetes, quadras de esportes, etc. garantem que o espaço propicie que a praça abrigue diferentes usos trazendo assim vida ao lugar. Outra relação também importante, para gerar tal vida, é a relação da praça com seu entorno. Quanto mais diverso, maior a possibilidade de correspondência e uso.





## 2.1. CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE GOIÂNIA: EVOLUÇÃO URBANA

Para a compreensão das dinâmicas de uso das praças, objeto deste estudo, faz-se necessário traçar um histórico do surgimento e da evolução urbana da cidade de Goiânia. Desta maneira pretende-se compreender os movimentos urbanos que impulsionaram o surgimento dos Setores: Central, Oeste, Aeroporto e Urias Magalhães (do mais antigo para o mais novo). E conseqüentemente o surgimento das suas praças principais: Cívica, Tamandaré, do Avião e dos Violeiros, respectivamente.

Destarte, analisam-se os caminhos do crescimento da cidade de Goiânia, considerando os agentes políticos, sociais e geográficos desde a mudança da capital do estado até o momento atual, passando pelas direções tomadas pelo vetor de crescimento em função dos planos diretores e ações do capital.

A decisão de mudança da capital de Goiás foi impulsionada pela ideia de progresso que havia nascido junto ao modernismo e pela necessidade de ocupação dos vastos territórios do estado de Goiás, até então negligenciados. Segundo Pedro Ludovico Teixeira (1973, p. 209) o idealizador da nova capital, “Goiânia é o ponto de referência da marcha para o Oeste. É a estrela guiadora das caravanas de progresso e de trabalho, que hão-de vir (...) usufruir os recursos e industrializar as matérias-primas do Brasil Central.”

Não obstante, Goiânia foi projetada como imperativo do futuro e do progresso, esta finalidade promovida por seus idealizadores, capitaneada por Pedro Ludovico Teixeira, fora perseguida com o afinco em seus primeiros lustros. Executaram-se esforços imensos, mobilizando amplo espectro da política, do erário público e privado, dos grupos sociais, dos valores e, até, das crenças (SILVA; OLIVEIRA, 2015).

A nova capital do Estado trouxe com ela um material alegórico que figurava para concepções modernas de desenvolvimento. Esperava-se que a cidade fosse o ponto principal de transição para uma nova era na história: entendia-se que a sua construção quebrava paradigmas, ou seja, trazia um novo significado (MELLO, 2004). Para tanto, “Só estudos da forma urbana inicial do desenho definitivo de plano de Urbanização de Goiânia permitiam identificar signos, imagens e símbolos que

tornam visíveis as representações da modernidade que se pretendia avançar na primeira metade de século XX” (MANSO,2001, p.93).

Daher (2003) afirma que, em janeiro de 1933, com o Decreto n° 2.851, o governo goiano contrai um empréstimo com a união para financiar a construção de Goiânia e, em abril do mesmo ano, o estado adquiriu as terras onde seria erguida a cidade, por meio de doação dos proprietários da terra, doação em pagamento, permuta e compra, totalizando uma área de 3.645hectares e 14ares. Em maio de 1933, o governo goiano baixou o decreto 3.359, que estabelecia os limites do perímetro urbano, suburbano rural da nova capital, definindo, ainda, as áreas a serem loteadas, além de propor um regulamento fixando os preços de modalidades de venda de lotes.

Constam-se, que os requisitos para a escolha do local de Goiânia se basearam nas exigências do urbanismo moderno. A menção à topografia plana é, indiscutivelmente, a opção por um traçado racional, por ser o terreno ideal para se desenhar um sistema viário de linhas retas e funcionais além de facilitar a execução das infraestruturas urbanas. Assim, a cidade se coloca próxima a importantes cursos d’água que atenderiam a sua demanda de abastecimento (MONTEIRO, 1933).

E mesmo apesar da distância dos grandes centros, do péssimo estado dos meios de comunicação até Goiás e da precária situação financeira do estado, Pedro Ludovico procurou os melhores profissionais da área de urbanismo do país para projetar Goiânia. No começo do século XX o urbanismo só era reconhecido nos países desenvolvidos, embora com algumas reservas, principalmente na sua fase de implantação. No Brasil, a aplicação desse saber era feita nos centros mais desenvolvidos como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e outros estados. Imagine a ousadia de construir nos confins do Brasil, uma capital dentro dos moldes contemporâneos da época (DAHER, 2003).

O lugar escolhido possuía topografia plana, poucas ondulações, entorno amplo, permitindo que a cidade se desenvolvesse em diversos sentidos e direções. Atuando como barreiras havia a ferrovia, ao norte do centro político-administrativo, situado no limite de expansão e os obstáculos dos mananciais (córregos Botafogo e Capim Puba). A barreira atuava como ponto limite da área urbana. No início da implantação, a intenção era que a cidade crescesse até o sexto ano para o lado norte e após isso, para o lado sul e, depois, para o oeste. (OLIVEIRA, 2005).

A pedra fundamental de Goiânia foi lançada em 1933 e, nesse mesmo ano, foi elaborado o primeiro plano para a cidade por Atílio Correia de Lima (Figura 5), arquiteto formado pela escola nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, com mestrado no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (MELLO, 2004). O plano de Atílio foi revisitado por Armando Augusto de Godoy, quando foi modificada a concepção para o setor sul agregando o conceito de cidade-jardim (figura 6). E estes unidos à equipe técnica da empresa Coimbra Bueno e Cia, responsável pela execução das obras, pesquisavam o que havia de mais moderno: “Comprometidos com a Prática do Urbanismo, esses profissionais estiveram atentos aos preceitos da modernidade dos contextos regional e nacional” (MANSO, 2001, p. 95).

**Figura 5**\_Primeiro plano do núcleo inicial de Goiânia de Atílio Correia Lima, 1934.

Fonte\_MANSO, 2001, p. 221.



**Figura 6**\_Plano definitivo do núcleo inicial de Goiânia com a alteração do setor Sul Feita por Armando Augusto de Godoy, 1938.

Fonte\_MANSO, 2001, P. 222.



A construção de Goiânia dentro da escala nacional, uma nova sede administrativa, munida de todos os requisitos que uma cidade moderna requer, era necessária para integrar o interior brasileiro ao mercado nacional. Goiás seria então incluído no roteiro comercial do Brasil, articulando-se com todas as regiões do País (DAHER, 2003).

Como bem expressou Benedito Silva num discurso, Goiânia é o sertão transfigurado e habitável, oferecendo o conforto das grandes cidades. (...) o problema urgente do Brasil é a conquista de seus próprios espaços, pois, que outra coisa para o país, se não uma conquista dos seus próprios espaços. Será a incorporação à cultura brasileira, da extensa parte do território pátrio sobre a qual Goiânia exerce, com intensidade crescente, a sua influência civilizada? (TEIXEIRA, 1973, p. 209/210).

No entanto, para a viabilização de uma capital em região tão erma, é importante que os insumos básicos sejam produzidos próximo à região urbana, para que seus preços se tornem razoáveis. Só assim, é possível atender à parcela mais pobre da população. Para tanto a zona rural que circunda uma grande cidade é condição para seu desenvolvimento:

Uma cidade moderna não só precisa dispor de reserva de terreno para a sua expansão futura, como também necessita que em torno dela as populações camponesas cresçam convenientemente e se entreguem a determinadas atividades de maneira a fornecer-lhes aos habitantes produtos indispensáveis a preço razoável, bem como contribuir para a expansão do comércio urbano (MONTEIRO, 1936, p.54).

Ao examinar a estrutura urbana de Goiânia, percebe-se que Atílio buscou privilegiar o sistema viário. No traçado do núcleo pioneiro sobressai a Avenida Goiás, que se assemelha a uma grande alameda.

Para a zona comercial, Atílio preocupou-se em favorecer o tráfego de veículos e as áreas de estacionamento por meio da utilização de uma malha ortogonal, como era prerrogativa modernista. Para a zona industrial, localizada nas imediações da estrada de ferro a norte, o urbanista privilegiou desvios, um fácil acesso e, naturalmente, o estacionamento de uma estação de triagem. Para a zona residencial, o plano previa uma área tranquila e distante do movimento do centro (UNES; MANSO, 2004).

A zona comercial seria localizada próximo ao Centro Administrativo, no Setor Central. Ele tenta obter o máximo de funcionalidade na zona mais frequentada, desenhando no interior das quadras comerciais uma área pública livre, com acesso próprio para os veículos abastecerem e descarregarem as mercadorias e coletar o lixo local. Essa estratégia impede tumultuar o trânsito e permite realizar esse serviço de forma mais tranquila, eficiente e higiênica (DAHER, 2003, p. 95).

Para tanto, a zona urbana é pensada em função de uma setorização onde a área comercial, por ser naturalmente de circulação mais intensa, foi planejada com uma rede de ruas e avenidas com largura suficiente para satisfazer ao tráfego por várias décadas, e com a possibilidade de alargamento dessas áreas sem desapropriação. Todas as quadras dessa zona dispõem de áreas públicas internamente para uso do comércio (carga e descarga de mercadorias) sem interrupção e sem os longos estacionamentos na via pública. Ainda nessa zona foram previstas áreas maiores para o *parking*, o ponto de estacionamento de veículos de aluguel (UNES; MANSO, 2004).

Goiânia foi prevista para uma população de 50 mil habitantes. Inicialmente, implantar-se-ia parte do seu projeto de 15mil pessoas. Mas a área da cidade não foi fixada para 50 mil habitantes para sempre, existindo a possibilidade de estendê-la futuramente quando excedesse esse número populacional. Assim, Atílio desenha o seu traçado em uma estrutura aberta conforme o modelo francês, onde as avenidas são implantadas para unir a parte já existente às partes novas acrescidas da cidade (DAHER, 2003).

Em cidades como Goiânia, áreas que não são litorâneas, existe a possibilidade da expansão urbana em 360°. Todavia, no plano original da cidade, o crescimento era previsto para o sul, em função da ferrovia que passava a norte, no bairro comercial. É previsto, que nesses casos de barreiras físicas, que se surja um subcentro do outro lado. Mas em Goiânia, não surge um primeiro subcentro, pois o núcleo urbano de Campinas, já existente na época da implantação da nova capital, cumpre esse papel naturalmente, dado a sua localização no lado oposto. Campinas dava facilidades de acesso a população, migrantes de baixa renda que se instalavam nessas áreas de periferia (OLIVEIRA, 2005).

Campinas, em 1932, era um povoado característico do interior, possuía um total de 14.300 habitantes e um incipiente centro comercial, transformado em bairro da capital em janeiro de 1936. Campinas também se torna o centro de abastecimento para as obras da capital, com predominância de atividades industriais de beneficiamento, a partir de 1964. Perde sua condição centro abastecedor da capital na década de 1970, período em que o centro de Goiânia passa a ser lugar que concentra a administração municipal e estadual, o comércio e os principais serviços (OLIVEIRA, 2005).

No plano original de ocupação da cidade, os lotes eram vendidos com a obrigatoriedade de construção imediata nos setores Central e Norte, incluindo os lotes para fins industriais, exceto casos isolados. No entanto, em julho de 1947 foi expedido novo regulamento de vendas de lotes, que permitia a venda nos setores sul e oeste, sem a construção imediata compulsória, permitindo então que especuladores fizessem a compra de terrenos sem intenção de uso, em primeiro momento (MANSO, 2001).

No relato sobre o nascimento da cidade de Goiânia de Monteiro (1937) observa-se que foram usados subterfúgios para que a cidade se desenvolvesse rapidamente e dentro da área planejada. Para tanto, o objetivo maior era que não houvesse terrenos ociosos na região central, o que geraria custos maiores com infraestrutura urbana.

As medidas que mais contribuíram para que as construções rapidamente tomassem conta dos terrenos da nova cidade foram: (além da obrigatoriedade de construção imediata nos lotes adquiridos no setor central) a isenção de impostos para áreas adquiridas e a propaganda difundida por todo o estado e fora dele.

Na década seguinte o quadro já havia mudado bastante em função dos esforços de ocupação do centro da cidade. Em 1935 já se iniciavam as ocupações irregulares do Setor Vila Nova e Bairro Botafogo (atualmente, chamado de setor universitário) em detrimento à tentativa do poder público de manter a risca o plano de Atílio. No entanto, em 1945 os bairros iniciais do plano de 1934 já estavam consolidados (DAHER, 2003).

Não obstante, já no fim da década de 1940 a maioria das pessoas alojadas na cidade de Goiânia viviam em condições outras que não de aluguel ou em casa própria. Eram invasões, remanescentes rurais e o operariado que ali estavam em condição irregular (OLIVEIRA, 2005).

O crescimento da cidade na década de 1950 é exponencial, a questão da terra urbana chega a uma condição tão calamitosa, que em 1959 é aprovada a Lei nº1.566: “fica suspensa a aprovação de loteamentos particulares no município de Goiânia, perímetro urbano, até que seja feita uma revisão geral nos atuais” (DAHER, 2003, p.240).

Assim até 1950, a formação do espaço urbano de Goiânia respeitou os planos iniciais e teve seu crescimento ‘monitorado’ pelo Estado, chegando a esse período com duas expansões delimitadas: uma expansão ao sul, em direção as terras do Estado e outra a oeste, em direção à área da firma Coimbra Bueno e Cia. Tanto o setor Sul quanto a Vila Coimbra (hoje setor Coimbra) estavam com a construção de edificações em seus lotes proibidos pelo Estado (OLIVEIRA, 2005).

No entanto na década seguinte as transformações da realidade geoespacial da cidade de Goiânia eram evidentes (Quadro 1) (figura 5):

#### **Quadro 1\_ Situação de alguns bairros em 1960.**

**Fonte\_** Goiânia: uma utopia europeia no Brasil(2003) \*Acrescentado pela autora, fonte: Prefeitura de Goiânia (*online*, 2018).

<b>BAIRRO</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
<b>Setores Central e Norte</b>	Bastante adensados
<b>Setor Aeroporto</b>	Loteado e habitado
<b>Setor sul</b>	Ocupação parcial
<b>Setor Oeste</b>	Ocupação parcial
<b>Jardim América</b>	Loteado e com ocupação iniciada
<b>Setor Bueno</b>	Ocupado
<b>Criméia Oeste</b>	Loteado e habitado
<b>Parque dos Buritis</b>	Parcialmente invadido por edificações de grande porte
<b>Parque Capim Puba</b>	Ocupado por Invasões
<b>Setor Sudoeste</b>	Loteado e praticamente vazio
<b>Urias Magalhães*</b>	Com algumas invasões de atividade rurais

**Figura 7** \_Imagem aérea Goiânia início da década de 1960.

**Fonte**\_Acervo físico SEPLAM (2018)



Já em 1963 o governo municipal libera novamente a execução de novos loteamentos. A partir do golpe de 1964, acontece a intervenção federal no processo de urbanização de Goiânia. A essa altura os Setores Central e Norte estavam bem adensados. O Setor Oeste (embora não tenha sido desenhado conforme inicialmente previsto) já estava loteado e habitado, assim como Vila Nova e Nova Vila, o Criméia Leste (de propriedade de Urias Magalhães) já estava iniciando sua ocupação, assim como outros loteamentos de propriedade privada, e várias outras áreas da cidade estavam em avançado processo de ocupação irregular (DAHER, 2003).

Até a década de 1990, quatro planos diretores foram determinantes na história da urbanização de Goiânia: o primeiro de Atílio Correia Lima, alterado em seguida por Armando Augusto de Godoy de 1938 institui o primeiro traçado da cidade e suas diretrizes de crescimento, suas determinações foram seguidas até 1950, priorizando o adensamento da região central da cidade; o segundo desenvolvido pelo arquiteto Luís Saia entre 1959 e 1962 não foi efetivado em função do golpe de 1964 e da intervenção federal no desenvolvimento da cidade; o terceiro do arquiteto Jorge Wilhelm de 1967 a 1979 caracterizado por impulsionar a expansão da cidade; o quarto da Engevix Engenharia S.A, oficializado em 1994 que regulariza espaços urbanos (OLIVEIRA, 2005).

A Crítica que se faz sobre o plano diretor vigente, de 2007, é que apesar de muito falar do papel social da terra urbana e do adensamento das áreas com infraestrutura estabelecida, é um instrumento de gabinete que pouco dialoga com a realidade da cidade. E que acaba por contribuir com as exclusões socioespaciais, apesar de atender menos às demandas do setor privado que seu antecessor (FERREIRA, 2015).

A partir das diretrizes formais do planejamento urbano de Goiânia, da especulação imobiliária incentivada pelo poder público e privado, da industrialização da região, e dos outros movimentos que fizeram o crescimento territorial e populacional da cidade nestes oitenta e cinco (85) anos, atualmente, é a décima segunda (12º) colocada em quantidade populacional no país, com uma estimativa para 2018 de 1,5 milhões de habitantes (IBGE, 2010).

Conforme dados do IBGE (2010) a cidade de Goiânia é a sexta maior do Brasil em território, possuindo 256,8 km<sup>2</sup> de urbanização. A Região Metropolitana de Goiânia habita 2,2 milhões de pessoas, número esse que a torna a décima mais populosa do país.

### **2.1.1. Desenvolvimento socioeconômico da cidade de Goiânia**

O plano diretor de Atilio de 1933 sinalizava que a classe A se instalaria no setor central, onde estariam também os melhores equipamentos urbanos. Nas décadas seguintes este público se instalaria nos setores Sul e Oeste. Já a classe proletária se alojaria no setor Norte, próximo às indústrias e aos comércios, e, portanto, dos seus postos de trabalho (DAHER, 2003).

Desta maneira, “A zona urbana, com exceção da norte, era claramente a zona “nobre” da cidade e a suburbana, incluindo aqui a norte, a popular” (OLIVEIRA, 2005). Mas, Campinas que já existia antes da execução de Goiânia, e era ocupada organicamente e habitada por pessoas de todas as classes, com a execução das obras do plano piloto de Goiânia, passou a receber parte dos imigrantes, o que muda também a condição social estável do bairro (DAHER, 2003).

Em levantamento domiciliar datado de 1985, feito pelo departamento de Plano Diretor de Transporte Público constatou-se que:

(...) a população de alta e média renda concentrava-se nos setores Bueno, Marista, Sul, Oeste, Nova Suíça, Aeroporto e Jardim Goiás (regiões central e sul); a população de renda média localizava-se, principalmente, nos bairros Jardim América, Prive Atlântico, Setor Universitário, Campinas e Setor Coimbra (regiões central, sul e oeste – esta última, nas proximidades das anteriores); a população de baixa renda localizava-se em loteamentos irregulares, invasões de fundo de vales, conjunto populares, bairros periféricos distantes, zona situada ao norte da ferrovia, região norte e noroeste (OLIVEIRA, 2005).

No entanto, esta dinâmica sofre transformações com o tempo, pois as classes mais altas passam a ocupar lugares distantes deste centro para elas reservado. Isto se dá pelo Surgimento dos condomínios horizontais murados, sistema este que “prosperou na cidade sem que houvesse uma regulamentação” (RODOVALHO, 2008). No Plano Diretor da cidade de 2007, porém, este tipo de parcelamento de solo urbano passa a ser previsto e regulado, permitindo inclusive a regularização dos condomínios já existentes.

Outro movimento que, também, caracteriza esta fase do desenvolvimento da cidade de Goiânia (espaços urbanos segregados) é a execução por parte do poder público de habitações de interesse social em áreas isoladas. Neste caso, porém, não há grandes investimentos em infraestrutura e serviços urbanos. Este vetor do crescimento urbano segue, contudo, na direção inversa à recomendação do Ministério das Cidades (2002) que sugere o adensamento dos centros para a criação de cidades sustentáveis.

## **2.2.PROJEÇÃO DAS PRAÇAS EM GOIÂNIA**

Com a intenção de compreender quais os significados e motivos das praças objetos deste estudo é preciso entender como e para que essas praças foram concebidas mediante ao desenvolvimento desta cidade moderna.

Em relação às vias públicas, praça e espaço livre, Atilio apresenta um desenho urbano de concepção barroca, adotando critérios modernos para atingir um caráter artístico e monumental. Procurou tirar partido de grandes perspectivas propiciadas por avenidas largas e praças com circulação geralmente em rótulas e preocupando-se em prever generosas áreas verdes que visavam à salubridade e beleza da cidade (UNES; OLIVEIRA, 2004).

Em observação ao relato de Ofélia Monteiro no seu livro “Como Nasceu Goiânia” (1936), sugestionam-se que a intenção do plano original de Goiânia era que as praças fossem, tão somente, pontos de confluência de trânsito. Que guardassem a monumentalidade em obeliscos e jardins, no entanto, não se pensava nas praças como pontos de encontro e desenvolvimento da vida social:

A praça principal do centro administrativo, que não está sujeita a trânsito intenso, apresenta um caráter monumental. Os edifícios públicos que a guarnecem formam um conjunto arquitetônico único, ligados por um elemento comum em forma de colunata formando galeria coberta (MONTEIRO, 1936, p.142).

Os espaços livres da cidade, como os parques, os jardins e as praças, são elementos de higiene pública, além de seu aspecto estético e social. Quanto às praças, existem duas tendências de dispô-las: a tendência francesa que abre largamente as praças, e a tendência alemã de fechá-las. As praças abertas seriam mais próprias para abrigar feiras, festas e comemorações, enquanto as fechadas prestam-se à valorização dos monumentos, afirmam Robba e Macedo (2002).

Como mencionado, Atílio praticamente não criou praças em Goiânia. Apenas a Praça Cívica atende as considerações do urbanista austríaco Sitte (1992). O urbanista australiano Camillo Sitte criticou a substituição das praças pelas rotatórias nas cidades modernas:

Assim esses são os êxitos de um sistema que, refutando toda a tradição artística, restringiu-se unicamente às dúbidas questões do tráfego e que chama de praças a esses cruzamentos monstruosos, onde se evita tudo aquilo que caracteriza uma praça, e onde se acumula tudo o que é ao mesmo tempo feito e nada prático, essas são as consequências de um projeto centrado nas linhas de tráfego e não nas praças e nas ruas como deveria ser (SITTE, 1992, p. 104).

Porém, em detrimento ao observado no plano original de Atílio a revisão proposta por Godoy, ainda em 1933 (que sofreu resistência por parte de Atílio, uma vez que o arquiteto não acreditava no êxito do modelo) previu para o Setor Sul uma separação profunda entre o tráfego e as áreas destinadas à moradia, com a criação de uma praça em cada miolo de quadra, trazendo o conceito de cidades-jardins para Goiânia.

Estas praças do setor Sul tinham uma intenção muito diferente daquelas previstas por Atílio. Elas eram para o uso comum dos moradores daquela quadra, onde carros não tinham acesso, uma extensão pública do âmbito privado (MANSO, 2001).

Dentro dessa perspectiva, respeitando o plano original de Atílio, com exceção ao setor sul, o restante das áreas verdes distribuídas pela cidade de Goiânia, chamadas de praças, não passam de meras rotatórias e espaços ajardinados entre as pistas de carros, como as Avenidas Goiás e Paranaíba.

As praças dos centros administrativos seriam as principais da cidade, e ali seriam comemoradas as datas cívicas do país e da cidade. Em Goiânia, seu tratamento paisagístico foi inspirado nos jardins franceses do início do século XX, recorrendo ao modelo de urbanismo da França (DAHER, 2003).

Para a autora supramencionada, a praça mais importante é a do centro administrativo, a que era denominada de Praça Couto Magalhães (Praça Cívica); não tem finalidades para satisfazer exclusivamente ao tráfego, mas principalmente para demonstrações cívicas. Pela sua amplitude, deveria atrair, nos dias festivos da nação, o povo, despertando o espírito patriótico. Toda ela tratada com jardins baixos, à francesa, contém no seu centro de simetria, um grande monumento comemorativo da função do Estado e das grandes bandeiras.

Os edifícios públicos, que a guarnecem, formam um conjunto arquitetônico, ligados por um elemento comum em forma de colunata, que formam uma galeria de circulação aberta no cruzamento dos eixos das avenidas Pedro Ludovico, Araguaia, Tocantins, e Goiás (DAHER, 2003).

É a Praça Cívica que traz as nuances da intenção do projeto original de Goiânia. Nela está o marco zero da cidade e a voz do povo nos momentos de uso cívico. No entanto, procura-se compreender se também é possível encontrar características desta “praça goiana” aqui apresentada nas demais praças objetos deste estudo.

As seções seguintes serão usadas para descrever e comparar as características físicas espaciais das praças e seus bairros, como objetos de compreender as afinidades e diferenças das praças estudadas e com isso poder traçar uma lógica na apropriação desses diferentes espaços públicos.

### 2.3. CONDIÇÕES DE OCUPAÇÃO DOS BAIRROS DAS PRAÇAS

Para a compreensão da relação do espaço da praça com a cidade, é preciso primeiro saber qual a mancha de influência do equipamento urbano na cidade. Para tanto, o anexo VII do Plano diretor de Goiânia (2007) dá parâmetros para “Parques de Bairro”, parâmetros estes que se encaixam perfeitamente às praças escolhidas para o estudo:

1. Localização em área de fácil acesso ao bairro seja a pé ou por transporte coletivo;
2. Uma unidade para cada 20.000 habitantes;
3. Área mínima do terreno: 20.000 m<sup>2</sup>, que podem estar dissociados em áreas de até 6.000 m<sup>2</sup>;
4. Raio de influência máximo: 2.400m.

Desta maneira arbitra-se por delimitar os bairros das praças como as áreas de influência das praças e de interesse para este estudo. Os setores: Central; Oeste, Aeroporto e Urias Magalhães têm suas situações socioeconômicas e de ocupação moldadas pelo desenvolvimento da cidade de Goiânia. Assim, pretende-se comparar nesta secção do presente estudo as condições atuais destes bairros nos quesitos: Surgimento; Índice de Desenvolvimento Urbano Municipal; Densidade demográfica e Gênero da População.

Cada um dos bairros estudados surgem em um momento diferente da história e dinâmica da cidade, e por isso apresentam características de ocupação diferentes entre si (Quadro 2).

O setor Central foi o primeiro a ser executado, ocupado e regularizado; o setor Oeste foi para onde a cidade se expandiu ainda respeitando ao plano original; o setor Aeroporto se torna de Aeroporto a bairro residencial por estar em posição privilegiada, e a cidade ter crescido mais que o previsto nos primeiros planos; o setor Urias Magalhães, no entanto, encontra-se na região suburbana e é parcelado mais tarde, quando a legislação permite à abertura de novos loteamentos a cidade se expande para a região norte, mesmo com a barreira física da linha de ferro.

**Quadro 2\_ Surgimento e ocupação dos bairros de interesse.**

Fonte\_ Goiânia: uma utopia europeia no Brasil(2003); Portal Mapa Goiânia (*online*, 2018).

<b>BAIRRO</b>	<b>ÁREA m<sup>2</sup></b>	<b>DOC. APROV.</b>	<b>ANO IMPLAN.</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>
<b>Central</b>	3.460.275	Dec. n° 90-A;1938	1945	Anterior a 1945
<b>Oeste</b>	2.735.228	Dec. n° 90-A;1938	1952	1952
<b>Aeroporto</b>	1.256.154	Dec. n° 045; 1957	1960	1960
<b>Urias Magalhães</b>	1.792.731	Dec. n° 261; 1968	1968	1964

Com base no parâmetro da densidade demográfica, que possibilita à compreensão de o quanto a infraestrutura e os serviços urbanos atendem à demanda populacional. Assim, nota-se que o movimento de crescimento segregado da cidade faz com que áreas mais centrais e dotadas de recursos sejam muitas vezes subutilizadas. O ideal, para tanto, é que este índice permaneça entre 379-455 habitantes por hectare (MASCARO, 1986) (quadro3).

**Quadro 3\_ Densidade demográfica por bairro/Goiânia.**

Fonte\_ Prefeitura de Goiânia - SEMDUS/DIUG/DVPRD/DVESEE. \*Reduzido aos bairros de interesse, pela autora.

<b>REGIÃO</b>	<b>BAIRRO</b>	<b>ÁREA ha</b>	<b>POPULAÇÃO</b>	<b>DENSIDADE habitantes /ha</b>
<b>Centro</b>	Central	348,30	24.204	69,49
<b>Sul</b>	Oeste	274,24	26.519	96,70
<b>Centro</b>	Aeroporto	148,97	10.658	71,55
<b>Norte</b>	Urias Magalhães	165,50	10.533	63,64

Desta maneira, observa-se, que apesar do setor Oeste apresentar uma maior densidade demográfica, que os demais setores estudados, todos eles têm a densidade urbana menor do que o recomendado (quadro 3).

Apesar de este fator não impactar diretamente, quando relacionado às praças que recebam maior número de usuários de outras regiões da cidade, naquelas que se pode observar uso mais comum dos moradores das regiões de influência, pode-se aferir, que o equipamento atende à demanda de laser daquela localidade.

**Tabela 4**\_População por gênero, por bairro de interesse/Goiânia.

Fonte\_IBGE, in [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) censo 2010. \*Reduzido aos bairros de interesse, pela autora

<b>BAIRRO</b>	<b>TOTAL</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>	<b>PERCENTUAL MULHERES</b>
<b>Central</b>	24.204	10.408	13.797	<b>57%</b>
<b>Oeste</b>	26.519	11.589	14.930	<b>56%</b>
<b>Aeroporto</b>	10.658	4.783	5.875	<b>55%</b>
<b>Urias Magalhães</b>	10.533	5.021	5.512	<b>52%</b>
<b>Goiânia</b>	<b>1.297.553</b>	<b>618.840</b>	<b>678.713</b>	<b>52%</b>

Outra dicotomia necessária para este estudo é a proporção entre homens e mulheres nas regiões delimitadas. Estes dados possibilitam trazer à tona uma questão importante para a compreensão das relações de poder estabelecidas nos espaços públicos. Como se observa que nas áreas de influência das praças os números de mulheres são maiores do que os de homens, estes dados podem vir a reforçar ou deslegitimar relações de poder que venham a ser identificadas (tabela 4).

Observa-se por tanto que a quantidade de mulheres nos bairros de foco é substancialmente maior, no entanto esta não é a realidade que nota-se na apropriação praças examinadas (tema que será mais explorado nas seções seguintes).

E mesmo que as praças recebam pessoas de outros lugares, que não seus bairros de influência, os dados mostram que as mulheres estão em maior número na sociedade goianiense, por tanto, partindo de uma premissa de igualdade na referida apropriação nos espaços públicos, esta dinâmica deveria se aplicar também nas praças.





### 3.1. CAMPO DE ESTUDO E ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO

Esta pesquisa se apoia na necessidade de que os espaços públicos recebam e acolham as pessoas sem distinção de gênero, pois, como públicos são por essência de todos os cidadãos.

A praça é o “espaço dotado de símbolos, que carrega o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e socioculturais, sendo fundamental para a cidade e seus cidadãos(...) Constitui-se em local de convívio social por excelência” (DIZERÓ, 2006).

No entanto, as mulheres têm ainda sua área de domínio muito ligada às suas casas, isso se deve as condições histórico-culturais a que as mulheres foram progressivamente condicionadas, podendo também se relacionar ao fato de que os espaços públicos muitas vezes não são convidativos e seguros (MARTÍNEZ; MMOYA; MUNHOZ, 1995).

A relevância desse estudo vem da possibilidade de que com a compreensão do espaço, segundo o ponto de vista dos oprimidos, projetem-se novos espaços públicos mais diversos e conseqüentemente mais democráticos.

Há pouca produção acadêmica da Arquitetura e Urbanismo buscando compreender as relações de gênero, sinalizando um espaço teórico com muitos questionamentos e que deve ser explorado.

Pesquisou-se o “estado da arte” da temática abordada por meio dos bancos de dados: *Scielo* e *Google Acadêmico* em dezembro de 2018, adotou-se como descritores: ‘apropriação do espaço público pelo gênero’; ‘praça gênero’; ‘mulheres no espaço público’; ‘mulheres na praça’.

Dos artigos trazidos pelas bases de dados foram selecionados vinte e três (23) artigos tendo como critério de inclusão todos os que tratassem das relações de gênero em praças e/ou espaços públicos, as relações de gênero com a produção arquitetônica e urbanística e a apropriação dos espaços públicos em função de suas características físico espaciais.

Dos vinte e três (23) artigos encontrados, nem um (0) trata diretamente da apropriação de praças pelos gêneros.

Porém, quatro (4) deles trazem o gênero como fator importante para a elaboração de projetos de arquitetura e urbanismo; quinze (15) relacionaram o espaço público à violência de gênero e quatro (4) tratam de fatores determinantes na apropriação das praças.

O presente estudo procura analisar como as instalações físicas das praças: Cívica, Tamandaré, do Avião e do Violeiro, escolhidas sob os critérios já apresentados, influenciam na sua apropriação espacial pelos diferentes gêneros. Desta maneira, pretende-se dar enceta ao entendimento de como a produção arquitetônica do espaço influencia na sua apropriação pelos gêneros.

Ambiciona-se também que este estudo seja um estímulo para a produção de espaços públicos que considerem o gênero como fator determinante.

Para tal, busca-se primeiro compreender, partindo das bases teóricas, características dos ambientes que propiciem a apropriação da praça de forma democrática, sem distinção de gênero; Por conseguinte, analisa-se, em comparação das diferentes praças, como as características físico-espaciais destas, e socioeconômicas do seu público alvo, interferem na apropriação; e utiliza-se do espectro da disciplina fotográfica para captar nuances da ocupação espacial, que à primeira vista parecem corriqueiras e banais, mas denunciam a imagem da cidade, em particular, a fenomenologia do habitante.

Esta última ferramenta, aumenta a margem de diálogo da pesquisa, resgatando a memórias da cidade, seja pela foto de época, ou captando a poética do cotidiano. A reflexão por meio da fotografia tenta amarrar a percepção objetiva e subjetiva do espaço público, a praça, com seus atores social, mesmo com difícil simultânea apreensão. Além, amarra o ideário e a imagem da cidade mecanicista moderna goiana, enquanto disciplina urbana, ao indivíduo voluntarioso, regional e contraditório. Como se a fotografia registrasse e imagem do encontro entre o habitante e a máquina.

As imagens apresentadas são a captura temporal das experiências construídas no espaço urbano, ora de caótica leitura, destacando pertinentes elementos de seu contexto natural, focalizando-os e reorganizando-os, segundo diferentes posições e escalas.

A fotografia como disciplina artística transpõe o espectro, tornando objeto, elemento comunicador de algo sobre o habitante e o habitat/prça. Segundo Brissac, “a função da arte é construir imagens da cidade que sejam novas, que passem a fazer parte da própria paisagem urbana (...) através dessas paisagens, redescobrir a cidade” (BRISSAC, 1998, p. 13).

Finalmente, prospecta-se como a produção de espaços públicos, mesmo estando imersa em uma cultura machista, carregando e reproduzindo suas marcas invisíveis, pode pensar lugares plurais, que possibilitem as experiências de igualdade entre os gêneros.

Supõe-se que haja fatores além dos sociais, que propiciem a opressão do espaço sobre os corpos, e do gênero masculino sobre o feminino. Acredita-se que o próprio espaço possa deter sistemas que reforçam as disparidades entre os gêneros.

Por meio das revisões das bibliografias, foi possível determinar os fatores que geram tais disparidades, como tipos de instalações, relações com o entorno, perfil do usuário entre outros. As leituras, permitiram compreender se as praças escolhidas para o estudo são ou não dotadas de características opressoras e como os usuários percebem e reagem.

Nas seções seguintes serão apresentados os avanços obtidos sobre os resultados desta pesquisa, por meio da execução das etapas metodológicas descritas na introdução deste estudo, partindo das informações obtidas nas concepções teóricas e nas constatações empíricas propiciadas pelas respostas às indagações dadas pelos próprios usuários das praças.

Não se considera que as análises que se seguem sejam definitivas e imutáveis, e sim que a organização das informações levantadas e das ideias formadas neste trabalho como os resultados e discussões são um passo para elucidação das relações de gênero nas praças.

Nos itens seguintes apresentam-se as inferências produzidas de forma empírica com base dos dados levantados sobre as praças de estudo. São apresentadas as praças separadamente nas suas nuances físicas e estruturais, as características do seu público e a apropriação que este público aplica sobre os espaços. Neste ponto são apresentados e ponderados os dados dentro da realidade de cada espaço em específico.

Em seguida faz-se a análise de um espectro mais amplo relacionando o que se construiu sobre cada praça em suas relações e particularidades para o macro, para o que se pode compreender sobre as praças, se não de modo geral, ao menos sobre as praças da cidade de Goiânia inseridas em um contexto histórico e local, característicos.

### 3.2. PRAÇA CÍVICA: ESPAÇO, SUJEITOS E APROPRIAÇÃO

Iniciam-se as análises pela primeira e principal praça da cidade de Goiânia, a Praça Cívica. A Praça Cívica tem o nome oficial de Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira, tem uma área: 87.700,00m<sup>2</sup>, sendo que a área útil de praça (desconsiderando edificações e espaços inacessíveis) é de 26.600,00m<sup>2</sup>. A Praça fica no Setor Central, na região administrativa Centro (figura 8 e 9). Sua inauguração aconteceu em outubro de 1933 no local encontra-se a pedra fundamental da cidade de Goiânia (Figura 10). A última reforma terminou em agosto de 2016, quando foi retirado o estacionamento, e qualificada a explanada para uso cívico e de convivência (SEPLAM, 2018).

O histórico de construção da Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira, remonta à ideia original do espaço como sendo um polo de irradiação, para compor uma nova capital de modelo radiocêntrico, projetada por Atílio Corrêa Lima. Atílio considerava, que a capital necessitava da monumentalidade, fazendo o uso da influência francesa, notada na geometria do traçado e na estética dos bulevares.

**Figura 8**\_A Praça Cívica; projetada para acomodar a expressão coletiva, universal e da modernidade, carrega a atitude regional e tradicional, entisica ao cidadão.

**Fonte**\_ Acervo da autora.



Lima afirmava que: “guardando as devidas proporções, o efeito monumental procurado é o do princípio clássico adotado em Versalhes, Karlsruhe e Washington” (LIMA, 1937).

No plano urbanístico de Goiânia, o arquiteto desenhou o Centro Cívico na parte mais alta, permitindo assim visibilidade maior e mais estratégica do Palácio das Esmeraldas, residência oficial do governador, e acesso aos setores habitacionais e comerciais.

**Figura 9**\_Vista aérea Praça Cívica; mesmo com a disponibilidade dos equipamentos e recintos contemplativos, a Praça Cívica não possui coopresença noturna expressiva.

**Fonte**\_ Acervo da autora.



Em seu aspecto funcional, o espaço foi projetado com recintos de convivência, contemplado por duas fontes luminosas e uma área limitada por três principais edificações. A parte restante do local foi destinada à circulação viária, com a função de conectar os futuros setores da cidade e, ao mesmo tempo, facilitar o acesso aos edifícios administrativos. A conclusão das obras da Praça Cívica foi em 1933, mesmo ano em que ocorreu o lançamento da pedra fundamental da cidade, realizada por Pedro Ludovico (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2018, online). Mesmo diferente ao plano original, ainda hoje, a praça guarda as características do traçado germinal.

Analisa-se, para tanto, as características físicas do espaço da praça a fim de compreender a influência que o mesmo tem a apropriação pelos gêneros. No interior da praça estão instalados o centro Administrativo Estadual e outras edificações públicas. Vários deles são tombados como patrimônio histórico (quadro 5).



**Figura 10**\_Multidão na praça; 1942, no batismo cultural da capital.

**Fonte**\_ Acervo físico MIS Goiânia (2018)



Seu entorno imediato, conta com edificações de uso comercial e institucional. Internos ao seu perímetro, encontram-se, em destaque central, o "Monumento às Três Raças", feito pela artista Neusa Moraes, em 1968 (Figura11). Ainda, esculturas e obeliscos em homenagem a Pedro Ludovico e ao povo goiano.

**Figura 11**\_Neusa Moraes; escultora de renome, criadora da estátua “das três raças”.

**Fonte**\_ O popular (Disponível em: <https://www.opopular.com.br/editorias/80>) Acesso em: 11/2018



**Quadro 5**\_Bens Tombados pelo Estado na Praça Cívica / Despacho nº 1.096/1982.

Fonte\_Secretaria do Estado e da Cultura

<b>NOME COMUM</b>	<b>NOME OFICIAL</b>
<b>Praça Cívica</b>	Praça Dr. Pedro Ludovico Teixeira
<b>Palácio do Governo</b>	Palácio das Esmeraldas
<b>Tribunal de Justiça</b>	Centro Cultural Marieta Telles Machado
<b>Fórum (ou Secretaria de Estado do Trabalho)</b>	Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento
<b>Coreto</b>	Coreto
<b>Obeliscos</b>	Obeliscos (o obelisco central demolido)
<b>Fontes Luminosas</b>	Fontes Luminosas
<b>Museu Zoroastro Artiaga</b>	Museu Zoroastro Artiaga / Departamento Estadual de Informação / Departamento de Imprensa e Propaganda
<b>Procuradoria - Geral do Estado (antiga Chefatura de Polícia)</b>	AGEPEL- Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira
<b>Tribunal de Contas</b>	Tribunal de Contas do Estado de Goiás

Possui grande esplanada livre para eventos, centralizada, com estrutura de anfiteatro ao seu redor, conta com bancos que atendem à cerca de 300 pessoas, em espaços de lazer contemplativo, chafarizes, que não estão em funcionamento. Não possui playgrounds e/ou equipamentos para esportes, apesar de sua área aberta possibilitar esportes sobre rodas, como patins e skate. Possui estrutura de quiosque para duas lanchonetes, porém, são utilizadas apenas em dias de eventos.

A praça, de forma geral, está em um estado de conservação muito bom, por ter passado por revitalização recente. Em seus canteiros estão plantadas inúmeras árvores de grande porte propiciando sombra em parte importante da praça, exceto na esplanada de eventos; apresenta ainda jardins no entorno dos prédios institucionais. Sua iluminação noturna é heterogênea com maior eficiência junto aos monumentos e na esplanada central, e menor eficiência sob as árvores;

Quanto à sua conformação da malha urbana, é o ponto de convergência de vias estruturais (Av. Goiás, Av. Tocantins, Av. Araguaia, Av. 85, Rua 10, etc.) e ruas locais e de ligação (Rua 18, Rua 83, Rua 97, Rua 84, Avenida Cora Coralina, Rua Dona Gercina Borges Teixeira, Rua 16).

Funciona como terminal de conexão urbana por receber ônibus de todas as regiões da cidade. Não convida mais ao uso do carro, como era antes da reforma de 2016, por agora oferecer poucas vagas para estacionamento. É dotada de ciclofaixa, que faz ligação com o eixo da avenida universitária.

Pôde-se perceber, em observação não estruturada, diferentes usos e apropriação do espaço. Aos domingos, o anel interno da Rua 82, que circunda toda a praça, é fechado para a prática esportiva e para abrigar encontros e eventos diversos. Recebe anualmente grandes eventos, como os shows de ano novo e aniversário da cidade. Aos fins de ano é montada a “Vila do Papai Noel”, evento já tradicional, que conta com decoração natalina, praça de alimentação e apresentações de cantatas de natal. Normalmente é ponto de encontro para manifestações populares e políticas (Figura 12). No dia a dia, faz-se caminho entre um ponto de ônibus e outro, ou entre o carro e o edifício de destino, ou ainda como lugar de descanso para os servidores públicos que trabalham nos edifícios da praça e adjacentes.

**Figura 12\_** Comício das “diretas já” em Goiânia; praça Cívica, em junho de 1983.

**Fonte\_** Hauptmann (Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/>). Acesso em: 11/2018



No cotidiano, a praça não costuma ser destino por si só, a não ser para quem procura atendimento público nos edifícios institucionais e para as pessoas que ali trabalham. Nota-se a presença de moradores de Rua e, ao mesmo tempo, pontos de espera da polícia civil, sendo possível avistar várias viaturas.

No entanto, essa observação diverge da percepção dos usuários da praça, que responderam a esta pesquisa. Esta ideia será desenvolvida a diante. São vistos também pequenos grupos de pessoas fazendo uso dos bancos em longos períodos de ócio, já que o ambiente propicia sombra e conforto térmico, sob a sombra das arvores. No período noturno o lugar fica bastante ermo. Nota-se, em geral, apenas algumas pessoas passando e os guardas patrimoniais fazendo ronda em dias normais. No entanto, no período de natal, quando é colocada decoração, a praça fica bastante movimentada pelo funcionamento do comércio (figura 13).

**Figura 13**\_Uso pleno da Praça Cívica; festividades da cidade.

**Fonte**\_ Vinícius Schimidit



Unidos a essas percepções apresentadas, com relação à praça, pretende-se compreender a relação do sujeito com o espaço, para tanto, foram aplicados trinta (30) questionários fechados, sendo quinze (15) com cada gênero na Praça Cívica (quadro 6). Ao final de cada questionário solicitava-se que a pessoa comentasse sobre a sua impressão com relação à praça (anexos 2). Durante a observação não estruturada, e nas entrevistas, foi observado um menor número de mulheres com relação aos homens, além de uma maior dificuldade de abordar mulheres durante a aplicação dos questionários. Estas, muitas vezes, pareciam mais apressadas. Porém, foi arbitrado que o número de entrevistas dos diferentes gêneros seriam iguais para garantir a representatividade da fala destas mulheres mantendo o mesmo peso com relação à dos homens no montante da análise dos dados. Como foi determinado que as entrevistas fossem feitas de forma aleatória, quando se concluiu as quinze (15) entrevistas com os

homens faltavam ainda seis (6) mulheres para chegar ao número determinado. Neste momento passou-se a aplicar os questionários apenas com mulheres até que se completasse o material.

**Quadro 6**\_Dados resumidos das entrevistas na Praça Cívica (completo no anexo II).

Fonte\_ Levantamento dos dados e produção do quadro pela autora.

<b>GÊN.</b>	<b>ORIENT. SEXUAL</b>	<b>EST. CIVIL</b>	<b>IDAD.</b>	<b>RENDA TOTAL</b>	<b>RESIDE</b>	<b>FREQUENTA PORQUE</b>
F	Hetero	Casad@	30	1 a 2	Central	Lazer/esporte
F	Hetero	Casad@	58	4 a 8	Balneário	Passagem
F	Hetero	Solteir@	15	4 a 8	Conj. Riviera	Congrega
F	Hetero	Solteir@	36	2 a 4	Universitário	Passagem/lazer
F	Hetero	U. Estável	N/C	2 a 4	Garavelo	Passagem
F	Hetero	Casad@	38	+ de 8	Oeste	Negócio
F	Hetero	Solteir@	25	1 a 2	Jd. Atlântico	Passagem
F	Hetero	Solteir@	16	2 a 4	Jd. Goiás	Passagem/cong.
F	Homo	Solteir@	18	2 a 4	Res. dos ipes	Congrega
F	Hetero	Solteir@	18	1 a 2	Universitário	Alimentação
F	Hetero	U. Estável	41	2 a 4	Riviera	Descanso
F	N/C	Casad@	48	+ de 8	Setor leste	Passagem
F	Hetero	Divorciad@	49	2 a 4	Sudoeste	Descanso
F	Hetero	Casad@	38	1 a 2	N/C	Passagem/neg.
F	Hetero	Solteir@	26	2 a 4	Jd. Escala	Passagem
M	Homo	Solteir@	21	4 a 8	Bueno	Passagem
M	Hetero	Casad@	37	+ de 8	Jd. Califórnia	Passagem /neg.
M	Hetero	Solteir@	20	2 a 4	Res. Itaipu	Passagem/neg.
M	Hetero	Divorciad@	50	4 a 8	Norte ferro.	
M	Hetero	Casad@	42	2 a 4	Central	Passagem
M	Homo	Solteir@	18	2 a 4	Res irisvile	Passagem/lazer
M	Hetero	Solteir@	33	1 a 2	Coimbra	Serviços
M	Hetero	Casad@	42	1 a 2	Parque Ateneu	Serviços
M	N/C	Solteir@	53	2 a 4	Vila Brasília	Alimentação/Descanso
M	Hetero	Solteir@	49	4 a 8	Novo Horizonte	Negócio
M	Hetero	Solteir@	44	1 a 2	Tremendão	Negócio
M	Hetero	Solteir@	37	1 a 2	Outro estado	Descanso
M	Hetero	Casad@	31	1 a 2	Central	Lazer
M	Hetero	Solteir@	20	2 a 4	Aparecida	Lazer
M	Hetero	Solteir@	18	+ de 8	Jd. Gramado	Passagem/neg.

<b>SE SENTE SEGUR@</b>	<b>MEDO DE QUÊ</b>	<b>GÊN. INTERFERE NA PERCEPÇÃO/SEGURANÇA</b>
Às vezes ã	v. patrimonial/ v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. sexual	Sim
Nunca	v. física	Sim
Às vezes ã	v. sexual/v. física	Sim
Nunca	v. física	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/ v. física	Sim
Às vezes ã	v. sexual/v. moral/v. física	Sim
Nunca	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/v. física	Sim
Nunca	v. sexual/v. física	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. moral	Sim
Nunca	v. patrimonial/v. física	Não
Sempre	v. patrimonial	Sim
Nunca	v. patrimonial	Sim
Às vezes ã	v. sexual/v. física	Não
Às vezes ã	v. física	Sim
Nunca	v. moral/v. física	Não
Sempre	N/C	Sim
Às vezes ã	v. física	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/v. física	Sim
Às vezes ã	N/C	Não
Sempre	N/C	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial	Sim
Sempre	v. moral/v. física	Não
Sempre	v. patrimonial/acidentes	Sim
Nunca	v. patrimonial, v. física	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial	Sim
Nunca	v. moral	Não
Às vezes ã	v. física	Sim
Sempre	N/C	Não
Às vezes ã	v. patrimonial/v. moral	Sim

Descreve-se a seguir as características dos sujeitos abordados na entrevista. Do universo entrevistado, na praça em questão, apenas quatro (4) pessoas responderam ser homossexuais, sendo três (3) homens e uma (1) mulher, nem uma pessoa se absteve de responder esta pergunta.

A mulher que se identificou como homossexual, quando ao final da entrevista foi solicitado que comentasse sobre suas percepções com relação a praça, disse não se sentir totalmente à vontade na praça, por entender que a sua condição sexual e seu gênero a colocam em posição de vulnerabilidade.

Durante todas as interações com as pessoas nesta praça, identificou-se apenas uma pessoa que se identificou fora do espectro de gênero, relatando ter sexo biológico masculino, porém, gênero não binário (quando a pessoa não se identifica como homem nem com mulher).

Apenas quatro (4) pessoas questionadas afirmaram viver no mesmo bairro da praça. Entre outras motivações que levaram o sujeito à praça, o mais comentado foi “passagem”, o que leva à conclusão de que a praça normalmente não é destino.

Vinte e quatro pessoas afirmaram acreditar que o seu gênero interfere diretamente em sua sensação de segurança no lugar, o que prova que existe um senso comum que um dos gêneros corre maiores riscos em espaços como este.

Quanto ao perfil sócio econômico, dezessete (57%) das pessoas abordadas na praça são solteiras, nove (30%) pessoas são casadas, três (10%) divorciados. Dezessete (57%) pessoas afirmaram ter mais de 30 anos. Quinze (50%) estão na universidade ou já concluíam cursos superiores e destes nove (60% das pessoas com curso superior em curso ou concluído) são mulheres. Nove (30%) tem renda familiar maior de 4 salários mínimos. Quinze (50%) tem casa própria. Apenas duas (7%) pessoas abordadas na praça residem no bairro central, o mesmo da praça.

Quanto ao perfil do uso que os entrevistados fazem da praça: doze (40%) chegam à Praça de transporte público e nove (30%) disseram chegar à pé, mesmo vivendo em outros bairros. Em detrimento disto quinze (50%) disseram ter pelo menos um veículo automotor em casa. Seis pessoas (20%) disseram frequentar outras praças. Sete (23%) das pessoas estavam acompanhados no momento que foram abordados.

Com relação à percepção que o sujeito tem da praça, três (10%) pessoas disseram não gostar da praça, uma delas alega ser pela falta de eventos culturais.

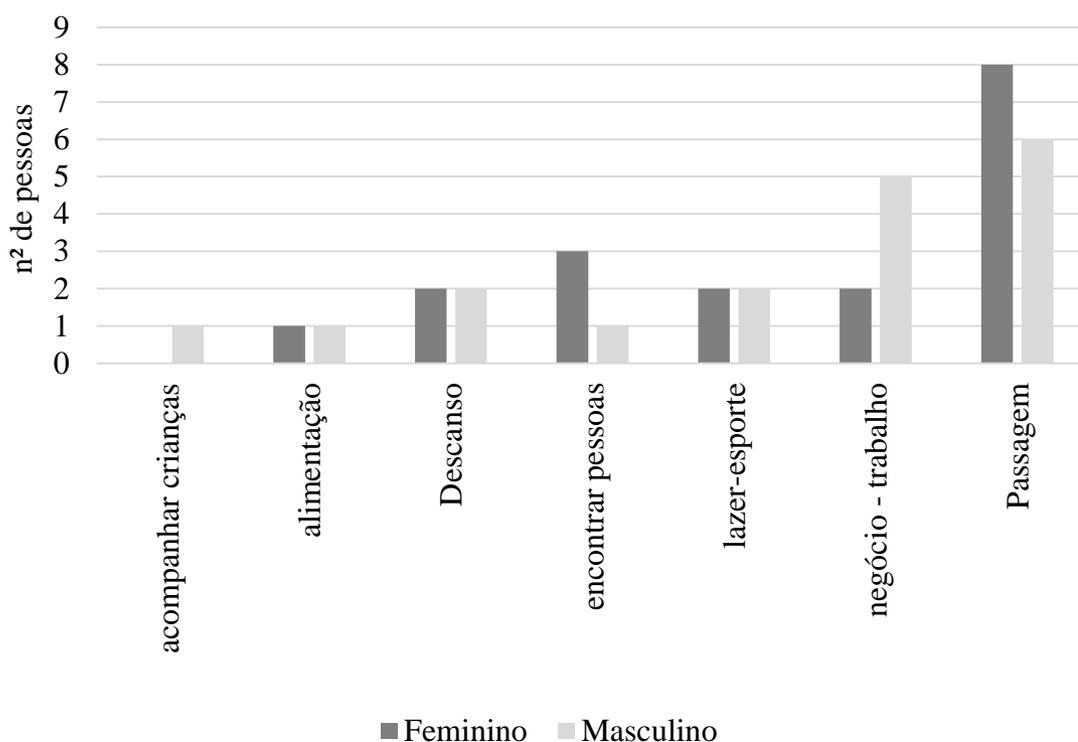
Outra, acha o espaço muito grande para pouco uso e infraestrutura que possibilite estes usos e, a última, disse que como mulher homossexual se sente intimidada na praça.

A Praça Cívica tem uma estrutura física preparada, e que convida ao uso de massa, no entanto, na escala do indivíduo, este espaço amplo e livre pode gerar efeitos de hostilidade. Este atributo pode estar ligado ao risco e ao medo.

Da mesma maneira, observando às respostas dadas pelos sujeitos sobre seu posicionamento diante do lugar de segurança nota-se uma diferença na segurança percebida pelos gêneros (figura 15).

**Figura 14**\_Praça Cívica; Motivação para estar na praça

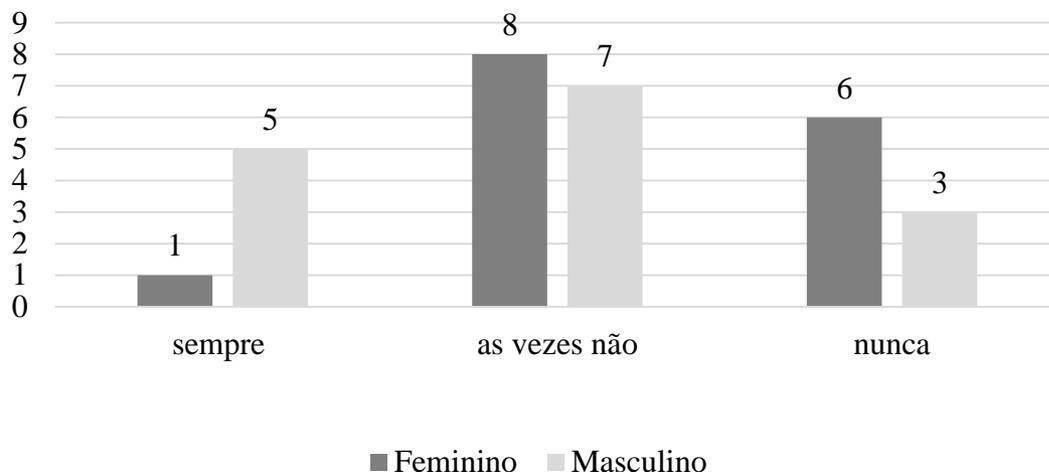
Fonte\_ Levantado e produzido pelo autora.



Os entrevistados responderam também sobre o que acreditavam que poderia tornar o espaço melhor para o uso, nesta questão havia múltiplas opções podendo a pessoa escolher mais de uma e sugerir outras opções (figura 14).

**Figura 15\_** Praça Cívica; Se sente seguro na praça?

**Fonte\_** Levantado e produzido pelo autora.



Das 15 pessoas (50% do total de entrevistados) que responderam ter medo “as vezes” 13 (87% dos que responderam “as vezes”) disseram ficar intimidados no período noturno e 2 (13% dos que responderam “as vezes”) no período vespertino, estes dois relataram que não frequentam a praça no período da noite.

Quando se observam as repostas por gênero, as mulheres apontaram que falta à praça lanchonetes e policiamento. Porém, como já observado, o espaço não tem lanchonetes, de fato.

Existe policiamento ostensivo e de ronda, segundo afirmado pelos policiais questionados na própria praça. Leva nos ao entendimento de que a sensação de segurança não está ligada, apenas, a presença do policiamento, mas, também, à questões ligadas ao espaço, a possibilidade de ver e ser visto.

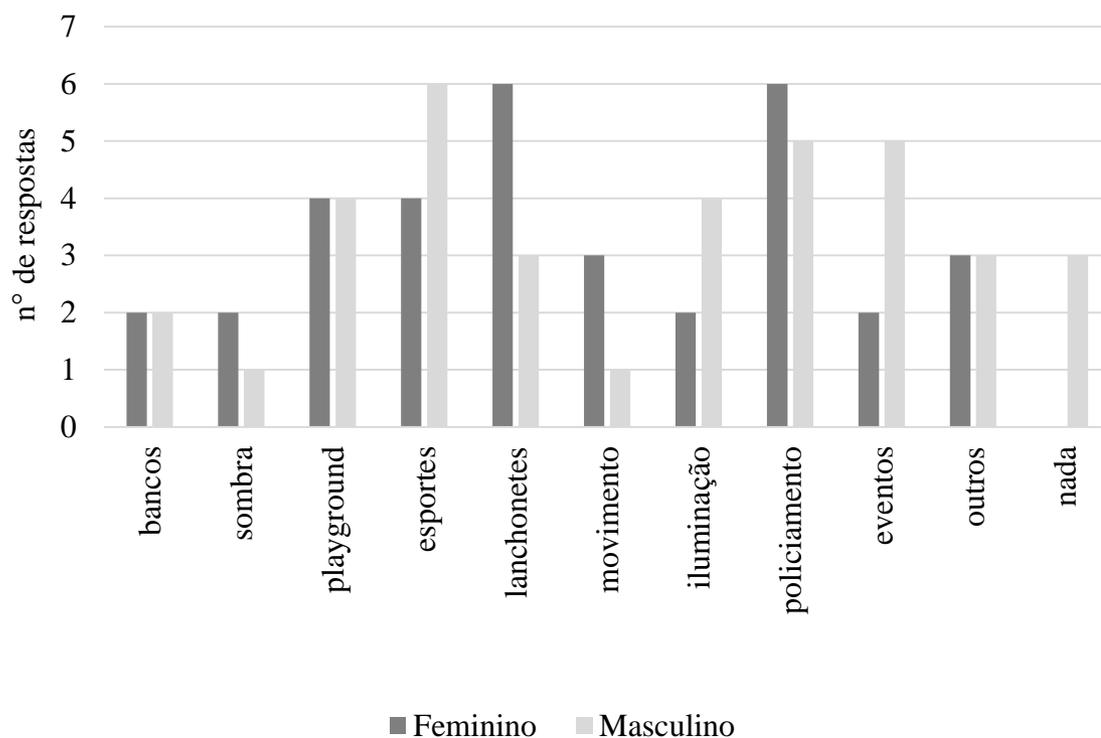
Quanto ao gênero masculino nota-se que o maior número de respostas foi para a falta de infraestrutura para esportes.

Ao se questionar qual a motivação pela qual o sujeito se deslocou até a praça (figura 16), se reforça a ideia de que o espaço não é destino, mas parte do caminho para outro lugar, já que a justificativa que mais aparece, para homens e mulheres, é passagem.

O apontamento dos negócios como a segunda maior motivação para os homens corrobora com os apontamentos teóricos de que o espaço público é de domínio do homem por conter as atividades produtivas.

**Figura 16** Praça Cívica; O que falta na praça?

**Fonte** Levantado e produzido pelo autora.



**Figura 17\_** Praça Cívica planta esquemática

Fonte\_ Produzido pela autora

1. avenida tocantins
  2. avenida goiás
  3. relógio art déco
  4. coreto art déco
  5. rua 82
  6. rua 10
  7. monumento às três raças
  8. obeliscos
  9. espelhos d'água e chafariz
  10. museu goiano
  11. museu da imagem e do som
  12. palácio do governo
  13. centro administrativo
  14. quiosques
- . pouca acessibilidade para o sujeito
  - . barreiras visuais e enclausuramento
  - . espaço arido e desprotegido
  - . ausência de conexão com o entorno
  - . espaço restrito/barreira física
  - . mobiliário/equipamento deteriorado
  - . quiosque desativado
  - . ausência de usos/espços residuais





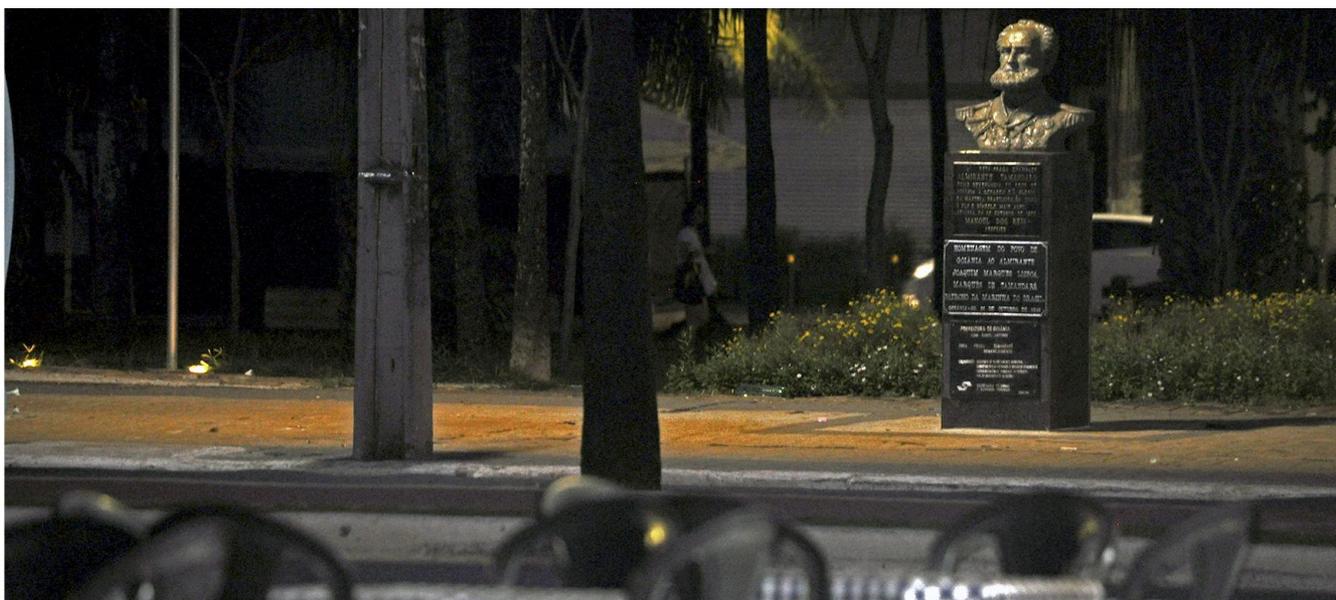
### 3.3. PRAÇA TAMANDARÉ: ESPAÇO, SUJEITOS E APROPRIAÇÃO

Segue-se a apreciação das praças pela seguinte em ordem de surgimento, a Praça Tamandaré que tem o nome oficial de Praça Almirante Tamandaré. Sua área é de 43.400,00m<sup>2</sup>, considerando as áreas das praças Estado da Palestina e Khalil Gibran, pra efeito deste estudo. A praça fica no Setor Oestes e região administrativa Sul. Sua inauguração aconteceu em outubro de 1972 e sua última reforma em dezembro de 2004, quando foi feito termo de ajustamento de conduta, cadastrando e organizando lugares para os lavadores de carros (figura 18) (SEPLAM, 2018).

Tanto o Setor Oeste, quanto a Praça Tamandaré se misturam com a história de Goiânia. O bairro fez parte do projeto da construção da capital, porém sua urbanização se deu na década de 1950. Inicialmente, onde hoje é a Praça, não havia nenhum equipamento de lazer, apenas solo exposto. Como a Praça Tamandaré foi uma das primeiras opções de lazer da capital, o lugar era o ponto de encontro da juventude goianiense durante as décadas de 1970 e 1980 (figura 19), comum da época com atos de rebeldia e busca pela liberdade (LORRUAMA, 2018, online).

**Figura 18** \_A Praça Tamandaré; cortada pela avenida Assis Chateaubriand, está dentro da dinâmica modal da cidade, mas deficiente como equipamento coletivo.

**Fonte** \_Acervo da autora.



Nesse período, a Praça também servia como pista para rachas de veículos com motores potentes, além de lugar de encontro para motociclistas. O Setor Oeste desde seu surgimento foi considerado um bairro elitizado, com moradores de classe média.

**Figura 19**\_Praça Tamandaré no ano de 1982.

**Fonte**\_(SEPLAM, 2018)



Com isso, os bares em volta da Praça Tamandaré tiveram como principais frequentadores os intelectuais, como escritores, músicos, jornalistas, artistas plásticos, entre outros. (LORRUAMA, 2018, online).

O seu entorno imediato é composto por instituições bancárias e comércios. No entanto o bairro tem vocação mista, nas avenidas há predominância comercial e institucional privado, principalmente com a presença de vários bancos e nas ruas locais uso residencial. Para efeito deste estudo, foram consideradas partes da Tamandaré outras duas praças menores que são adjacentes a ela, Estado da Palestina a norte e a Khalil Gibran a sul. Não há grandes edificações no interior do perímetro da praça, apenas sete pequenos quiosques.

Apresenta um busto em homenagem ao Almirante Tamandaré, e uma escultura não identificada. Conta com mobiliários como: bancos, pergolados, bancas de revistas e um novo playground com equipamentos diferenciados e modernos na Praça Estado Palestina.

A Praça Tamandaré como um todo não apresenta equipamentos específicos para esportes. Conta com vários restaurantes e lanchonetes no seu entorno imediato, e dentro de seu perímetro, com os quiosques.

A conservação das estruturas está ruim, principalmente as pavimentações e os jardins (no momento do levantamento estava havendo replantio de jardim). Possui inúmeras árvores de grande porte e palmeiras variadas em toda a extensão da praça e pequenos jardins (figura 20).

**Figura 20\_**Vista aérea da Praça Tamandaré, O grande fluxo do transporte de massa, contrasta com os recintos internos labirínticos e mal zelados pelo município.

**Fonte\_**Acervo da autora.



A iluminação noturna é deficitária em seu interior, sendo mais eficiente nas ruas que a contornam. É cortada pela Avenida Assis Chateaubriand e circundada pela Avenida República do Líbano, ambas as avenidas estruturais da região, é tocada também pelas ruas 5, 10, 7, 8 que têm caráter local.

A praça funciona como eixo para transporte público, por possuir grande número de rotas de ônibus. Oferece bolsões de estacionamento que em horário comercial não são suficientes para a demanda. Nas tardes de sábado, recebe a "Feira da Lua", que movimentava cerca de dez mil pessoas por semana. Na ocasião da feira, são fechadas as vias em volta da praça, e grande parte das quadras vizinhas são afetadas pelo fluxo de carros e demanda de estacionamento gerada.



Recebe eventos esporádicos, como a feira de antiguidades. Tem um fluxo de pessoas importante nas paradas de ônibus da Avenida Assis Chateaubriand. É anualmente decorada para o natal, recebendo atividades diferenciadas neste período.

O novo playground (inaugurado em 18/07/2018) na Praça Estado da Palestina tem gerado grande fluxo de pessoas devido aos equipamentos diferenciados com conceito sustentável (Figura 21), principalmente no fim da tarde. A praça recebe diariamente uma unidade móvel da polícia de bairro. Contudo, o lugar apresenta ainda uma característica mais de caminho ou passagem do que de destino final.

**Figura 21** *Playground* na Praça estado da palestina.

Fonte\_Acervo da autora.



No dia a dia da praça pode-se constatar momentos de maior e menor fluxo dependendo do dia da semana e dos horários comerciais. Em fins de semana (exceto junto ao playground e nos horários da feira) e no período noturno, o interior da praça se apresenta bastante vazia. Mesmo durante a semana nota-se movimento em locais pontuais, como junto ao espaço destinado aos lavadores de carros e nos pontos de ônibus, porém no interior das praças (já que a praça se divide em suas pela Avenida Assis Chateaubriand) o mais comum é observar pessoas atravessando. Estas regiões da praça geram desconforto ao atravessar pela configuração das árvores e a posição dos bancos e dos quiosques “de costas” para a praça, fazendo com que a pessoa que atravessa não consiga ter o domínio visual de tudo à sua volta. Em análise aos dados levantados por meio da aplicação dos questionários (conforme metodologia descrita

na introdução) e perante o cumprimento dos pré-requisitos de abordagem, observa-se nesta praça (assim como na Praça cívica) maior dificuldade no cumprimento das abordagens com mulheres.

Porém, neste caso, apesar de a constatação baseada na experiência de que a frequência de mulheres é ligeiramente menor do que a de homens, a dificuldade não foi no cumprimento do número de entrevista porem durante as entrevistas. Quando abordadas, principalmente na região mais interna a praça e em horários de menor movimento notava-se um desconforto das mulheres em permanecer paradas no local, nestes casos, era solicitado pela pesquisadora, que se deslocassem para mais próximo dos pontos de ônibus ou de um quiosque (houveram três casos relatados no diário de campo além dos dois casos de desistência de resposta ao questionário em função da chegada do transporte).

Descreve-se a seguir um perfil pessoal e socioeconômico dos sujeitos abordados nas entrevistas realizadas na referida praça. De todas as 30 pessoas indagadas (15 do gênero masculino e 15 do gênero feminino), somente três (3) pessoas tiveram respostas, quanto à orientação sexual, diferentes de heterossexual, sendo que uma (1) mulher se disse Homossexual, uma (1) mulher não quis responder sobre sua sexualidade e um (1) homem se identificou como bissexual. Esta foi a única pessoa em toda a pesquisa (considerando as outras praças) a ter esta resposta.

Quinze (50%) das pessoas questionadas são solteiras ou divorciadas. Vinte e três (77%) pessoas têm mais de 30 anos de idade e treze (43%) destas pessoas têm mais de 50 anos de idade. Vinte e uma (70%) não chegaram até o ensino superior. Quinze (50%) dos entrevistados na praça tem uma renda familiar de até dois salários mínimos, no entanto dezanove (63%) dos entrevistados têm residência própria. Estes dados nos mostram um perfil de usuário de classe baixa apesar de o setor Oeste ser considerado um bairro de classe média a média alta.

Assim, compreende-se o fato de que vinte e sete (90%) das pessoas são de outros bairros e que treze (43%) disseram chegar à praça de transporte público. No momento da aplicação dos questionários pôde-se notar que muitos estavam ali para o horário de folga dos trabalhos ou esperando o transporte coletivo, isso vem de encontro ao fato de que a maioria respondeu que sua motivação para estar na praça é passagem ou negócios (entende-se negócios como qualquer atividades remunerada ou trabalho).

Dezesseis (53%) pessoas disseram ter pelo menos um veículo automotor em casa.

Dezoito (60%) dos entrevistados afirmaram frequentar outras praças.

### Quadro 7\_Dados resumidos das entrevistas na Pç. Tamandaré (completo anexo II).

Fonte\_ Levantamento dos dados e produção do quadro pela autora.

GÊN.	ORIENT. SEXUAL	EST. CIVIL	IDAD.	RENDA TOTAL	RESIDE	FREQUENTA PORQUE
F	Hetero	Solteir@	41	1 a 2	Garavelo	Passagem
F	N/C	Casad@	52	1 a 2	Conj Cachoeira Dourada	Negócio
F	Hetero	Solteir@	18	2 a 4	Real Conquista	Negócio/serviços públicos
F	Hetero	Casad@	16	1 a 2	Buena Vista 4	Passagem
F	Hetero	Divorciad@	32	2 a 4	Goiânia sul	Passagem
F	Hetero	Um. Estável	28	2 a 4	Itaipú	Passagem/encontro
F	Hetero	Solteir@	54	1 a 2	Res. Mendanha	Negócio, Atividade política
F	Hetero	Solteir@	15	4 a 8	Jardim olímpico	Lazer/esporte/acompanhar criança
F	Hetero	Solteir@	26	< 1	Sudoeste	Passagem
F	Hetero	Solteir@	57	< 1	Cidade nova Guapó	Passagem/Esperando transporte
F	Hetero	Casad@	54	+ de 8	Oeste	Passear com o cachorro
F	Hetero	Casad@	24	1 a 2	Sudoeste	Negócio/Descanso
F	Hetero	Solteir@	43	1 a 2	Buena vista	Passagem, Esperando transporte
F	Hetero	Casad@	55	1 a 2	Coimbra	Negócio
F	Homo	Solteir@	33	+ de 8	Itatiaia	Lazer/esporte/acompanhar criança
M	Bi	Solteir@	53	2 a 4	Castelo Branco	Negócio
M	Hetero	Solteir@	24	1 a 2	Coimbra	Negócio
M	Hetero	Casad@	51	4 a 8	Rec. das Minas Gerais	Negócio
M	Hetero	Divorciad@	58	1 a 2	Jd. Guanabara	Negócio
M	Hetero	Um. Estável	52	2 a 4	Pontal sul	Passagem/alimentação
M	Hetero	Casad@	56	2 a 4	Rio Formoso	Negócio
M	Hetero	Casad@	40	1 a 2	Jardim Goiás	Passagem/alimentação
M	Hetero	Solteir@	51	< 1	Aparecida de Goiânia	Negócio
M	Hetero	Solteir@	36	< 1	Universitário	Lazer/esporte/negócio
M	Hetero	Solteir@	42	2 a 4	Oeste	Passeio
M	Hetero	Casad@	37	+ de 8	Bueno	Passagem/acompanhar crianças
M	Hetero	Casad@	75	1 a 2	Garavelo	Negócio
M	Hetero	Casad@	38	2 a 4	Oeste	Acompanhar crianças
M	Hetero	Casad@	71	2 a 4	Balneário	Negócio
M	Hetero	Casad@	44	+ de 8	Eldorado	Lazer/esporte/acompanhar criança

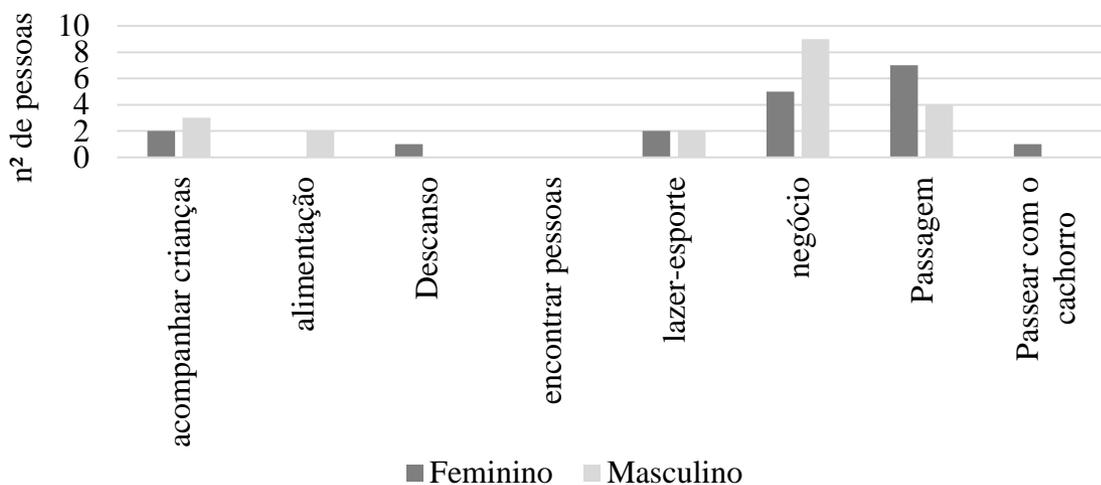
Nove (30%) das pessoas estavam acompanhados no momento que foram abordados. Quanto ao perfil de uso que os entrevistados fazem da praça: vinte e uma (70%) das pessoas disseram ir à praça pelo menos uma vez por semana e dezesseis (53%) pessoas afirmaram permanecer na praça por mais de uma hora.

<b>SE SENTE SEGUR@</b>	<b>MEDO DE QUÊ</b>	<b>GÊN. INTERFERE NA PERCEPÇÃO/SEGURANÇA</b>
Nunca	N/C	N/C
Nunca	N/C	Sim
Às vezes ã	N/C	Sim
Às vezes ã	v. sexual	Não
Às vezes ã	v. sexual	Sim
Nunca	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/v. física	Não
Às vezes ã	v. sexual/v. moral/v. física	Não
as Sempre	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/v. física	Sim
Nunca	v. patrimonial/v. física	Sim
Nunca	v. física	Não
Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/v. física	Sim
Às vezes ã	v. sexual/v. física	Não
Às vezes ã	v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. moral/v. física	Sim
as Às vezes ã	v. patrimonial	Não
Nunca	v. patrimonial/v. física	Não
Sempre	N/C	Sim
Sempre	N/C	Sim
Nunca	v. patrimonial/v. física	Não
Nunca	v. patrimonial/v. física	Sim
Sempre	N/C	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/v. física	Sim
Nunca	v. patrimonial/v. física	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial	Não
Sempre	N/C	Não
Sempre	N/C	Sim
as Sempre	N/C	Sim

A informação converge com o fato de que quatorze (47%) foram até a praça por motivos de negócios/trabalho. Sobre a percepção do sujeito, uma única pessoa respondeu não gostar da praça, ambulante, que fica em alguns domingo próximo ao playground. Ele alega que a praça “não rende vendas suficientes e que por isso prefere a praça do sol, recentemente reformada e com maior circulação de pessoas”. Para a Praça Tamandaré, a dinâmica mostra-se convergente a impressão de que um ambiente com aquela conformação física, impõe hostilidade para as mulheres. No entanto a quantidade de homens que expressam ter algum medo, principalmente noturno, pois todas as onze pessoas que afirmaram se sentir seguros só “às vezes” respondera, também, que o período noturno é que traz maior insegurança. Mostra que o espaço pode ter efeitos diferentes para o sujeito, dependendo da hora do dia (figura 23).

**Figura 22** Praça Tamandaré; Motivação para estar na praça

Fonte\_ Levantado e produzido pelo autora.



Ao responder sobre o que poderia tornar o espaço melhor do seu ponto de vista, onde a pessoa poderia escolher mais de uma dentre as múltiplas opções e sugerir outras opções (figura 24). As respostas mais evocadas foram policiamento e sombra tanto para mulheres quanto para homens, o que atesta que apesar de haver alocado ali um veículo da polícia de bairro, que fica estacionada em horário comercial sobre a praça Estado da palestina, a grande extensão da praça, é a sua configuração que gera insegurança. Além disso, a praça é bastante sombreada em seu centro (nas duas “abas” adjacentes à avenida Assis Chateaubriand).

**Figura 23\_ Praça Tamandaré; Se sente seguro na praça?**

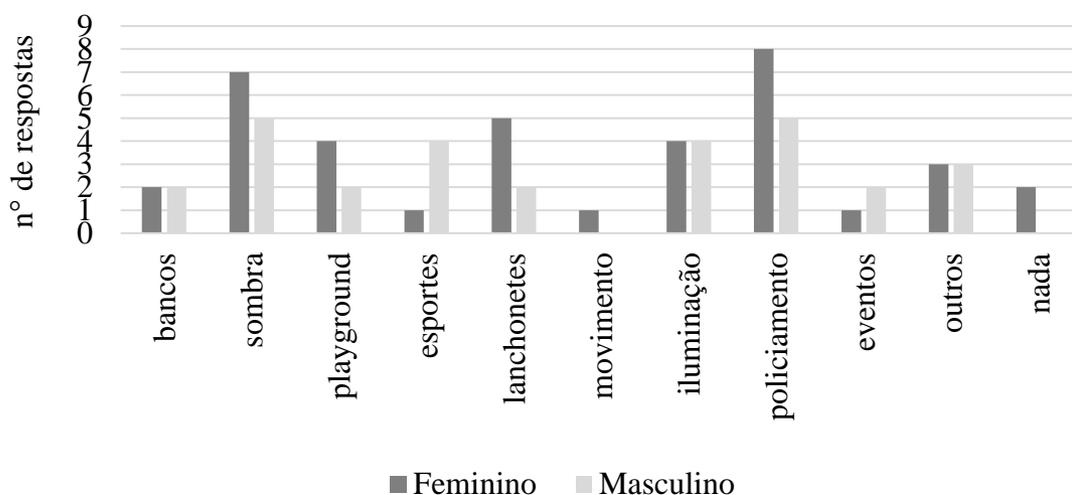
Fonte\_Levantado e produzido pelo autora.



Essas regiões são as de maior vulnerabilidade, não permitindo que as pessoas vejam ou sejam vistas. A Praça apresenta características físicas e de uso bastante parecidas as da praça cívica, no sentido de que ambas fornecem serviços, que tem mais vida durante o dia e não contão com infraestruturas de esporte/lazer ativos (desconsiderando o efeito pontual do playground da Praça Estado da Palestina). Questionado o motivo pelo qual, o sujeito se deslocou até a praça (figura 22), reforça-se a ideia de que o espaço não é destino, mas caminho para outro lugar, já que entre mulheres a justificativa é a de passagem. O apontamento dos negócios tem maior motivação para os homens, confirmando os ementas teóricas do espaço público dominado pelo homem, em função das atividades produtivas.

**Figura 24\_ Praça Tamandaré; O que falta na praça?**

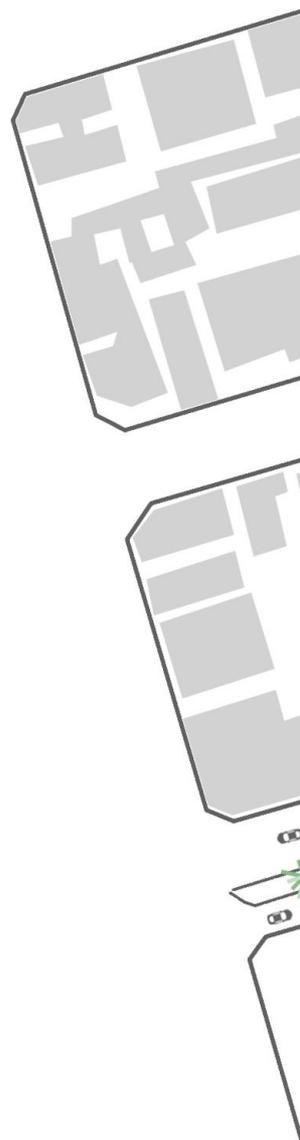
Fonte\_Levantado e produzido pelo autora.



**Figura 25**\_Praça Tamandaré planta esquemática

Fonte\_Produzido pela autora

1. avenida assis chaateaubriand
  2. avenida república do libano
  3. rua 5
  4. rua 7
  5. rua 8
  6. rua 10
  7. playground
  8. quiosques
  9. abrigos transporte público
  10. estação ciclovária
- . pouca acessibilidade para o sujeito
  - . barreiras visuais e enclausuramento
  - . passeios labirínticos
  - . ausência de conexão com o entorno
  - . espaço restrito/barreira física
  - . mobiliário/equipamento deteriorado
  - . quiosque mal posicionado sem ligação com a praça
  - . ausência de usos/espços residuais
  - . insalubridade por desconformidade e conflito de uso/lavadores de carros





### 3.4. PRAÇA DO AVIÃO: ESPAÇO, SUJEITOS E APROPRIAÇÃO

Avalia-se nesta sequência a Praça do Avião que tem o nome oficial de Praça Santos Dumont. Tem uma área de 20.600,00m<sup>2</sup>, fica no Setor Aeroporto e na região administrativa Centro. Foi inaugurada em janeiro de 1968 e passou por sua mais recente reforma em outubro de 2003, executada por fundo cooperativo do bairro com a prefeitura. Se situa no Setor Aeroporto, próximo ao Centro de Convenções da capital (SEPLAM, 2018).

Com o crescimento da cidade, foi necessária a construção de um novo aeroporto, o Santa Genoveva. O antigo espaço foi transformado no próprio bairro, no ano de 1969, e por conseguinte, na Praça do Avião, inaugurada com um jato caça F-8, doado pela Força Aérea Brasileira/FAB (Figura 27)

Atualmente, a praça possui uma réplica do 14-BIS (figura 26), uma obra do artista plástico Fernando Nólêtho, que faz uma homenagem ao famoso aeroplano do aviador brasileiro Alberto Santos Dumont (CURTA MAIS, 2018, online).

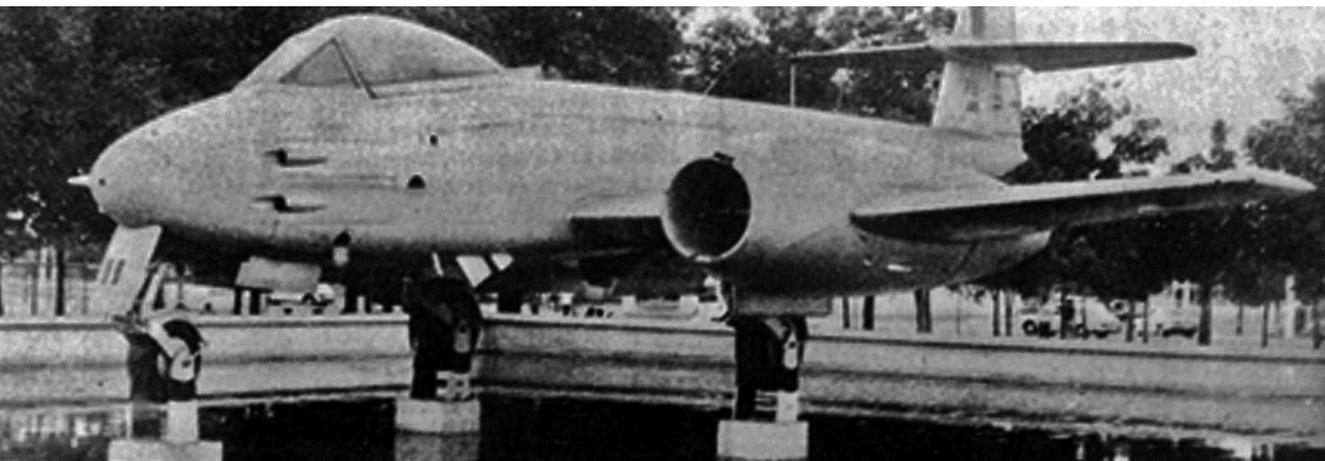
**Figura 26**\_A Praça do Avião; urbanismo pautado no ideário moderno espacial.

Fonte\_Acervo da autora.



**Figura 27**\_Avião cedido pela FAB na Praça do Avião em 1976.

Fonte\_SEPLAM (2018)



O entorno imediato à praça é comercial, no entanto há também uma igreja que ocasiona momentos de movimento de passagem na praça. O bairro como um todo tem caráter mais residencial. No interior da praça existem quiosques de alimentação, bem como um sanitário público construído em alvenaria. Apresenta um busto em homenagem à Santos Dumont, quadra de esportes, pista de skate, equipamentos de ginástica, playground, pista para caminhada, mesas para jogos e bancos. Possui ainda, praça de alimentação interna a seu perímetro em funcionamento (que proporciona grande movimento a praça, principalmente no período noturno), e restaurantes em seu entorno imediato. O estado de conservação geral está ruim, vários equipamentos de esporte e playground encontram-se avariados ou deteriorados (Figura 28).

**Figura 28**\_ *Playground* lúdico; sem manutenção e pouco sombreamento.

Fontes\_Acervo da autora.



O espaço é iluminado de forma heterogênea com priorização de áreas como entorno dos quiosques e pista de caminhada. Sem pontos de escuridão excessiva. Observou-se grande uso dos equipamentos de lazer e esporte no fim da tarde e no período noturno (Figura 29). O Espaço é circundado pela Avenida República do Líbano e é centro de confluência das vias Rua K, Avenida Pires Fernandes, rua 11 A. Há ponto de ônibus próximo, no entanto, as principais formas de acesso são por meio de veículos particulares ou a pé.

**Figura 29\_** Vista aérea da Praça do Avião; arranjo com recintos contemplativos, de lazer e serviços, mas recorre sensações de desconforto nos usuários do espaço.

**Fontes\_**Acervo da autora.



A praça recebe poucos eventos, no entanto seu uso cotidiano é vasto, todos os seus equipamentos e mobiliários, são bastante utilizados, mesmo com a perceptível ausência de manutenções. É notável a interação social que ali acontece, principalmente entre as crianças. No período noturno o movimento, normalmente, se estende até depois das 23 horas. Pondera-se, para tanto, os dados levantados por meio da aplicação dos questionários (conforme metodologia descrita na introdução, respeitando a métrica de 15 com homens e 15 com mulheres), buscou-se informações a respeito do perfil do usuário, do perfil de uso com relação à praça e sobre o espaço físico da praça. A experiência de pesquisa nesta praça se faz bastante diferente das anteriores, pois os períodos de movimentação e as formas de uso são muito distintos dos percebidos nas praças anteriores.



**Quadro 8**\_Dados resumidos das entrevistas na Praça do Avião (completo anexo II).

Fonte\_Levantamento dos dados e produção do quadro pela autora.

<b>GÊN.</b>	<b>ORIENT. SEXUAL</b>	<b>EST. CIVIL</b>	<b>IDAD.</b>	<b>RENDA TOTAL</b>	<b>RESIDE</b>	<b>FREQUENTA PORQUE</b>
F	Hetero	Casad@	30	4 a 8	Cidade verde	Representação política
F	Hetero	Casad@	45	+ de 8	Aeroporto	Passear com cachorro
F	Hetero	Solteir@	48	2 a 4	Aparecida	Negócio
F	Hetero	Viuv@	69	1 a 2	Aeroporto	Acompanhar crianças
F	Hetero	Casad@	43	2 a 4	Aeroporto	Lazer/esporte/acompanhar criança alimentação
F	Hetero	Casad@	40	1 a 2	Aeroporto	Lazer/esporte/acompanhar criança
F	Hetero	Casad@	29	1 a 2	Central	Lazer/esporte
F	Homo	Solteir@	25	4 a 8	Aeroporto	Lazer/esporte/acompanhar criança
F	Homo	Casad@	38	4 a 8	Bueno	Lazer/esporte/acompanhar criança Passear com cão
F	Hetero	Casad@	31	1 a 2	Aeroporto	Lazer/esporte/acompanhar criança encontro
F	Hetero	Casad@	31	4 a 8	Central	Alimentação
F	Hetero	Solteir@	36	1 a 2	Jd. balneário	Negócio
F	Hetero	Casad@	44	+ de 8	Bueno	Alimentação/Passear com cães
F	Hetero	Solteir@	22	2 a 4	Aeroporto	Lazer/esporte/encontro
F	Hetero	Casad@	36	4 a 8	Palmeiras da goiás	Alimentação
M	Hetero	Casad@	41	+ de 8	Jardim Goiás	Passagem
M	Hetero	Solteir@	61	+ de 8	Aeroporto	Lazer/esporte
M	Hetero	Solteir@	23	1 a 2	Vila nova	Alimentação
M	Hetero	Solteir@	22	2 a 4	Aeroporto	Lazer/esporte
M	N/C	Casad@	59	4 a 8	Aeroporto	Acompanhar crianças
M	Hetero	Divorciad@	37	2 a 4	Aeroporto	Negócio
M	Hetero	Solteir@	17	2 a 4	Central	Lazer/esporte/encontro
M	Hetero	Solteir@	24	4 a 8	Bela vista	Lazer/esporte/encontro
M	Hetero	Casad@	52	+ de 8	Central	Passagem/lazer/esporte/ Passear com cães
M	Hetero	Solteir@	34	4 a 8	Aeroporto	Alimentação
M	Hetero	Casad@	42	+ de 8	Aeroporto	Alimentação
M	Hetero	Casad@	41	+ de 8	Pq. Amazônia	Alimentação
M	Hetero	Solteir@	45	4 a 8	Aeroporto	Acompanhar crianças
M	Hetero	Solteir@	17	2 a 4	Central	Negócio
M	Hetero	Casad@	52	+ de 8	Central	Lazer/esporte/acompanhar criança

	<b>SE SENTE SEGUR@</b>	<b>MEDO DE QUÊ</b>	<b>GÊN. INTERFERE NA PERCEPÇÃO/SEGURANÇA</b>
	Às vezes ã	v. física	Sim
	Sempre	N/C	Sim
	Sempre	N/C	Não
	Nunca	v. física	Não
nças/	Às vezes ã	v. física	Não
nças	Às vezes ã	v. física	Sim
	Sempre	N/C	Sim
nças	Sempre	N/C	Sim
nças/	Sempre	N/C	Não
nças/	Sempre	N/C	Não
	Sempre	N/C	Não
	Sempre	N/C	Sim
	Sempre	N/C	Sim
	Sempre	N/C	Sim
	Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/v. física	Não
	Às vezes ã	v. patrimonial/v. física	Sim
	Às vezes ã	v. física	Não
	Às vezes ã	v. física	Sim
	Às vezes ã	v. patrimonial	Sim
	Às vezes ã	v. moral	Não
	Sempre	N/C	Sim
	Sempre	N/C	Sim
	Sempre	N/C	Sim
	Sempre	v. patrimonial	Sim
	Sempre	N/C	Não
	Às vezes ã	v. patrimonial	Sim
	Sempre	N/C	Não
	Sempre	N/C	Não
	Sempre	N/C	Sim
as	Sempre	N/C	Sim

Em horário comercial a praça permanece parada e ganha vida nos fim de tarde, nestes períodos percebe-se, por vezes, um número maior de mulheres. Houve uma demora maior a aplicação dos questionários em período vespertino, pois nas abordagem era necessário que o pesquisador caminhasse maiores distancias dentro da praça.

Descreve-se a seguir um perfil pessoal e socioeconômico dos sujeitos abordados nas entrevistas realizadas na referida praça.

Três (10%) pessoas deram uma resposta quanto à orientação sexual diferente de heterossexual. Destas, duas mulheres se identificaram como homossexuais e um homem não quis responder sobre o tema. Uma mulher comentou de forma espontânea, ao fim da entrevista, sobre se incomodar com demonstrações de afeto entre pessoas do mesmo sexo.

Dentre as pessoas entrevistadas houveram ainda dezesseis (53%) casados, sendo dez mulheres. Por tanto 75% das mulheres eram casadas. Vinte e uma (70%) das pessoas tem mais de 30 anos, quinze (50%) estão cursando ou já haviam concluído um curso superior.

Quanto à renda familiar, dezessete (53%) pessoas disseram ter mais de 4 salários mínimos, treze (43%) disseram viver em casa própria e catorze (46%) moram no bairro da praça. Pra tanto, dezessete (53%) pessoas vão a pé para a praça e nem uma pessoa usa ônibus para chegar até ela. No entanto, vinte (67%) pessoas têm veículo automotor.

Observando a forma de apropriação da praça, vinte e quatro (80%) vão até a praça pelo menos 1 vez por semana. Além, dezoito (60%) pessoas permanecem mais de uma hora, dezenove (63%) usam outra praça com frequência e vinte e quatro (80%) estavam acompanhados. Dezenove (63%) pessoas acreditam que estar acompanhado muda a percepção de segurança

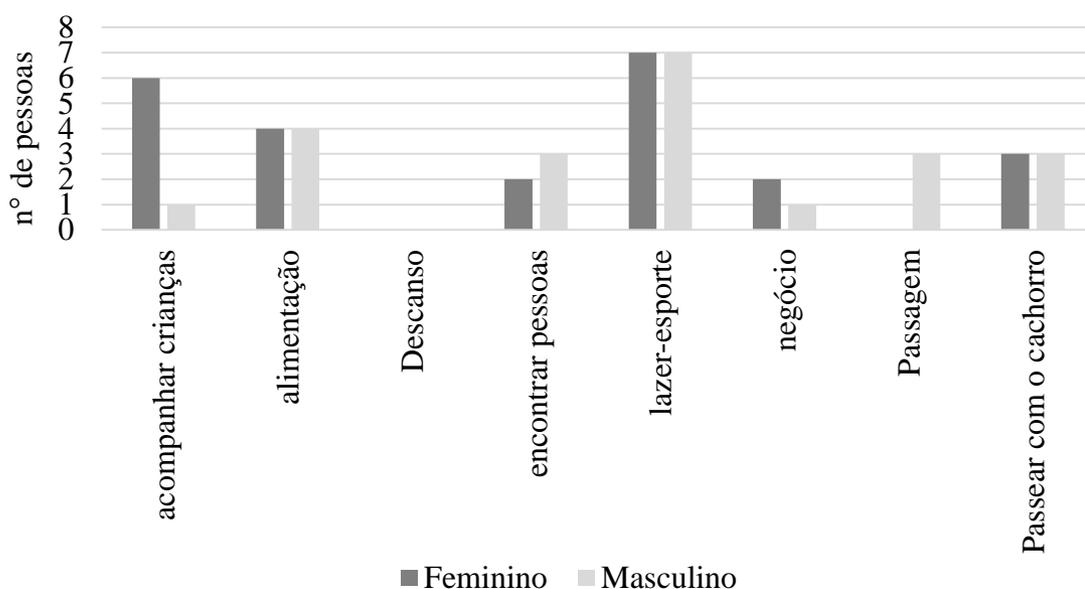
Ao discutir a motivação para as pessoas estarem na praça (figura 30) e, munidos das informações sobre as características socioeconômicas dos seus usuários, observa-se que existe um perfil comum. Trata-se da mulher adulta, casada, que vai até a praça para acompanhar crianças, fazer esportes ou ter momentos de lazer. Implica, que diferentemente das praças inseridas em entornos institucionais, esta não se faz passagem.

É sim destino final de seu público, que procura as atividades proporcionadas pelas suas estruturas físicas. Das motivações que levaram os indivíduos à praça apenas um (1) afirmou estar na praça de passagem, assim podemos afirmar que a praças tem caráter de destino.

Os resultados das entrevistas, permitem afirmar, que a Praça do Avião é um lugar seguro, pois dezenove (63%) pessoas, das trinta entrevistadas, afirmaram não ter medo de nem um tipo de violência. Dos onze (37%) entrevistados, que afirmaram ter algum medo, oito (27%) deles disseram ter medo de violência física. Apesar de haver segurança na praça, dezenove (63%) pessoas afirmaram, que o seu gênero interfere na percepção de segurança.

**Figura 30**\_Praça do Avião; Motivação para estar na praça

Fonte\_Levantado e produzido pelo autora



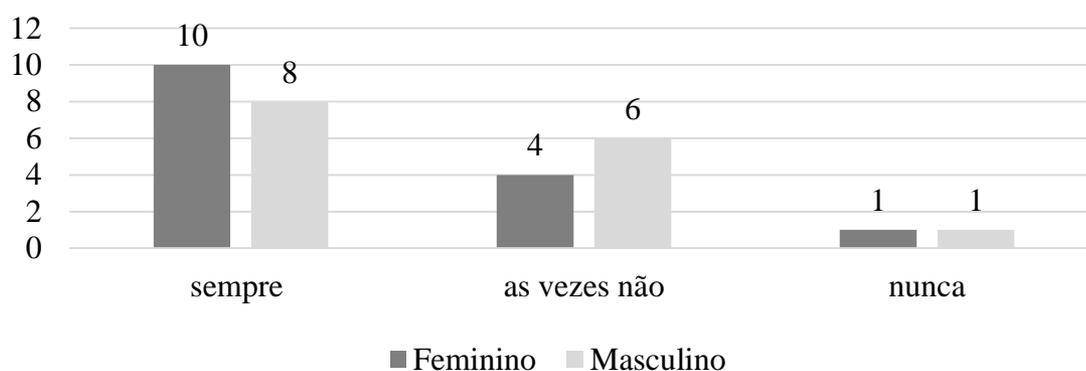
Quando as pessoas foram questionadas sobre o que falta na praça (figura 32), a maioria, tanto homens, quanto mulheres, apontam à falta de policiamento. Este posicionamento corrobora com o fato de que a praça, apresenta uma estrutura completa, no ponto de vista das possibilidades de uso. No entanto, o entendimento de que o espaço é seguro, inclusive pelas mulheres, não muda a sentimento, que se houvesse a presença de policiamento ostensivo, a praça geraria uma sensação mais reconfortante.

Podemos afirmar, que a percepção de segurança, principalmente por parte das mulheres, está relacionada à presença dos usuários, ainda mais intensa, quando esses usuários são as próprias mulheres.

Houveram várias queixas com relação à manutenção da praça, do péssimo estado dos seus equipamentos e da desatenção do poder público para com o espaço.

**Figura 31\_ Praça do Avião; Se sente seguro na praça?**

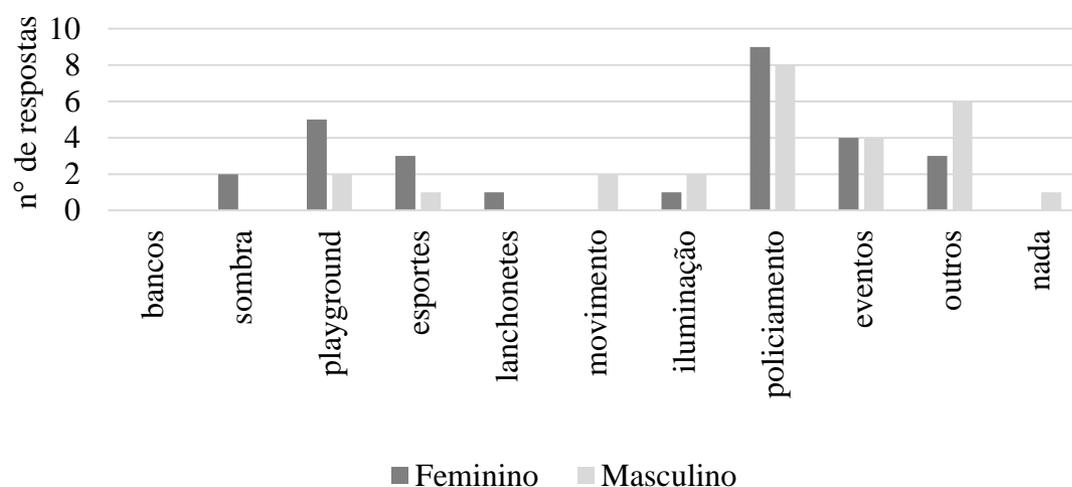
Fonte\_ Levantado e produzido pelo autora.



Nota-se, que a única praça onde a maioria das mulheres mostrou se confortável (figura 31), mais que os homens, foi, também, a mais diversa em possibilidades de usos.

**Figura 32\_ Praça do Avião; O que falta na praça?**

Fonte\_ Levantado e produzido pelo autora.

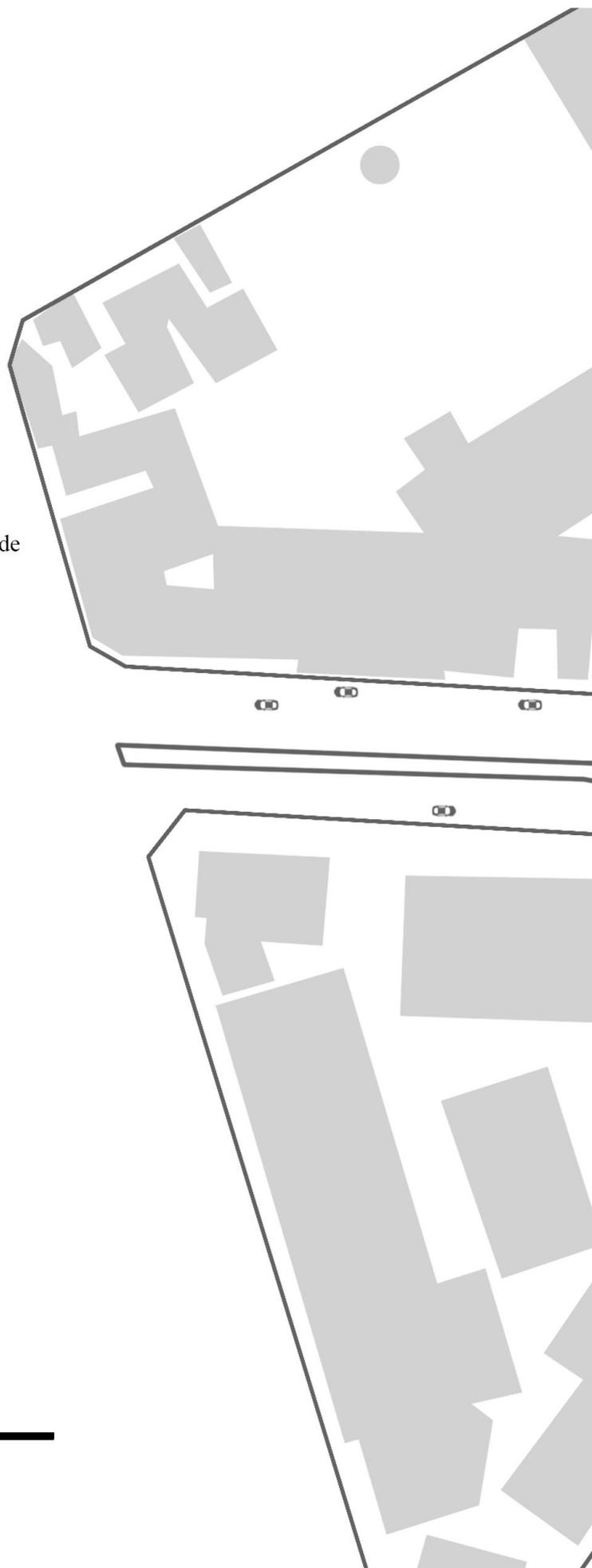


Pode-se se compreender, que a praça tendo grande frequência de pessoas no período noturno, consequência do bairro possuir um perfil predominantemente residencial, imprimi um sentimento de segurança e conforto nestes usuários. Horário noturno de uso, que geralmente, pode ser o mais inseguro ou opressor.

**Figura 33**\_Praça do Avião planta esquemática

Fonte\_Produzido pela autora

1. avenida república do libano
  2. avenida pires fernandes
  3. réplica do 14BIS
  4. quadra poliesportiva
  5. pista de skate
  6. quiosques
  7. playground
  8. centro comunitário
- . pouca acessibilidade para o sujeito
  - . barreiras visuais e enclausuramento
  - . recintos projetados/paisagismo/mobiliário
  - . ausência de conexão com o entorno
  - . espaço restrito/barreira física
  - . mobiliário/equipamento deteriorado
  - . quiosque atrativo ao uso
  - . ausência de usos/espços residuais
  - . insalubridade por desconformidade e conflito de uso/vendedores de carros
  - . marco visual positivo





### 3.2. PRAÇA DOS VIOLEIROS: ESPAÇO, SUJEITOS E APROPRIAÇÃO

A fim de concluir uma abordagem separada das praças, gerando material para análise comparativa destas, dedica-se esta seção a Praça dos Violeiros. Praça esta que tem nome oficial de Praça Padre Cícero Romão Batista, com área de 28.100,00m<sup>2</sup>. Localizada no Setor Urias Magalhães, região Administrativa Norte. Sua inauguração aconteceu em dezembro de 1976, no entanto, na aprovação do loteamento, em 1968, tinha o nome de Praça da Liberdade (figura 35) (SEPLAM, 2018).

A sua última reforma aconteceu em janeiro 2005, quando foi colocada uma nova viola em bronze na estátua em homenagem aos violeiros, tradicionais figuras nas festas de Folia de Reis realizadas, outrora, no bairro. A estátua do violeiro, obra do artista Angelos Ktenas, foi colocada em um alto pedestal, evitando novos furtos do bronze fundido (Associação de Moradores Pró Bairro Urias Magalhães, 2018, online), além, da instalação de equipamentos de ginástica, ajardinamento, espelho d'água, quadra poliesportiva e playground no espaço da praça.

**Figura 34\_** A praça dos Violeiros; apresenta particular perfil de ocupação, principalmente, pela origem e renda da sua população usuária.

**Fontes\_**Acervo da autora.



**Figura 35**\_Estátua em bronze; feita por Angelos Ktenas, Praça dos Violeiros, 1985.

Fonte\_SEPLAM (2018)



A mais ou menos cinco quilômetros do centro da cidade, os lotes do Sr. Urias só foram lançados para a comercialização em 15 de novembro de 1968.

Neste tempo, a paisagem encontrada no bairro era diferente da que se vê atualmente, o setor era uma grande fazenda ocupada pelo mato e por um pequeno número de casas. Não havia nada que identificasse o local como um bairro, exceto as ruas abertas e os lotes demarcados. Não havia asfalto, rede de água tratada, rede de esgoto e luz. A expansão físico-econômica no setor Urias Magalhães ocorreu de forma retardada, devido à demora na chegada da infraestrutura (Associação de Moradores Pró Bairros Urias Magalhães, 2018, online).

O entorno imediato da praça é comercial, com algumas residências, no entanto, o bairro tem caráter residencial, com exceção das avenidas principais. Há na área da praça o 2º Distrito Policial e um Fórum Criminal, com seus acessos voltados diretamente para a área pública. O espaço possui quadra de esportes, equipamentos de ginástica, *playground*, pista para caminhada, bancos e chafariz, que não se encontra em funcionamento. O equipamento, ainda, conta com dois quiosques de alimentação. O estado de conservação dos equipamentos disponíveis está ruim.

Possui árvores de grande e médio porte, bem espaçadas entre si, ocasionando grandes regiões de sol pleno. A praça é circundada por palmeiras, possui áreas com gramados e jardins.

A iluminação noturna é inconstante e focada na região dos equipamentos esportivos.

Cortada pela Avenida Goiás, eixo estruturante de transporte norte-sul, está em fase de implantação nas imediações da praça. Conta com uma linha de ônibus frequente, que liga a praça diretamente ao centro da cidade. É circulada por ruas locais e apresenta bolsões de estacionamento (Figura 36). Observou-se aumento de movimentação no período noturno e em fins de semana. No entanto, não é difícil encontrar pessoas fazendo uso dos equipamentos de ginástica e pista de caminhada em variados horários do dia.

**Figura 36**\_Vista aérea da Praça dos Violeiros; apresenta se pelo resíduo espacial e a falta de equipamentos.

**Fontes**\_Acervo da autora.



Apesar de haver uma delegacia voltada para a praça, há muitas queixas de que o lugar costuma ser ponto de venda e uso de drogas ilícitas. Em períodos de maior movimentação de pessoas, podem ser encontrados vários ambulantes fornecendo guloseimas e aluguel de brinquedos infantis.

Avalia-se os dados levantados por meio da aplicação dos questionários (conforme metodologia descrita na introdução, trinta com mulheres e 30 com homens) e perante o cumprimento dos pré-requisitos, sobre os dados. Buscou-se informações a respeito do perfil do usuário, do perfil de uso com relação à praça e sobre o espaço físico da praça. A experiência de pesquisa nesta praça assemelha-se à vivida na Praça do Avião, guardadas as diferenças de condições socioeconômicas e das características do espaço físico da Praça dos Violeiros.



Aqui, também, conta-se com uma diversidade de usos, apesar da infraestrutura simples, do ponto de vista da elaboração dos equipamentos e mobiliários urbanos.

### Quadro 9\_Dados resumidos das entrevistas Pç. dos Violeiros (completo anexo II).

Fonte\_ Levantamento dos dados e produção do quadro pela autora.

GÊN.	ORIENT. SEXUAL	EST. CIVIL	IDAD.	RENDA TOTAL	RESIDE	FREQUENTA PORQUE
F	Hetero	Casad@	55	4 a 8	Novo Mundo	Lazer/esporte
F	Hetero	Casad@	68	2 a 4	Urias M.	Acompanhar crianças
F	Hetero	Solteir@	39	1 a 2	Urias M.	Lazer/esporte
F	Hetero	Solteir@	45	4 a 8	Urias M.	Lazer/esporte
F	Hetero	U. Estável	21	1 a 2	Jd Real Conqui.	Negócio
F	Homo	Solteir@	29	2 a 4	Urias M.	Lazer/esporte
F	Hetero	Casad@	32	4 a 8	Can.de Moraes	Lazer/esporte/acompanhar crianças
F	Hetero	Solteir@	49	<1	Urias M.	Acompanhar crianças
F	Hetero	Solteir@	13	<1	Urias M.	Lazer/esporte/encontro
F	Hetero	Solteir@	28	1 a 2	P. Nacional/TO	Lazer/esporte/acompanhar crianças
F	Hetero	Casad@	30	4 a 8	Urias M.	Acompanhar crianças
F	Hetero	Solteir@	25	2 e 4	Urias M.	Lazer/esporte
F	Homo	Solteir@	19	2 e 4	Jd. Balneário	Negócios/alimentação
F	Hetero	Casad@	45	2 e 4	Urias M.	Lazer/esporte/acompanhar crianças
F	N/C	U. Estável	50	4 e 8	Pq. das Flores	Alimentação
M	Hetero	Solteir@		2 a 4	Urias M.	Lazer/esporte
M	Hetero	Solteir@	28	2 a 4	Urias M.	Lazer/esporte
M	Hetero	Casad@	42	4 a 8	Jd. Balneário	Acompanhar crianças
M	N/C	Solteir@		2 a 4	Urias M.	Passagem
M	Hetero	Solteir@	27	<1	Urias M.	Lazer/esporte
M	Homo	Solteir@	30	2 a 4	Urias M.	Acompanhar crianças
M	Hetero	Solteir@	22	1 a 2	Urias M.	Lazer/esporte
M	Hetero	Casad@	48	+ de 8	Tocantins	Descanso/passeio
M	Hetero	Casad@	61	+ de 8	Orizona/GO	Lazer/esporte/acompanhar crianças/alimentação
M	Hetero	Casad@	57	+ de 8	Bueno	Alimentação/serviços
M	Hetero	Casad@	24	1 a 2	Urias M.	Acompanhar crianças
M	Hetero	Casad@	37	2 a 4	Urias M.	Lazer/esporte/acompanhar crianças
M	Hetero	Solteir@	41	4 a 8	Goiás	Lazer/esporte
M	Hetero	Solteir@	35	2 a 4	Bueno	Encontro
M	Hetero	Casad@	44	2 a 4	Formosa/GO	N/C

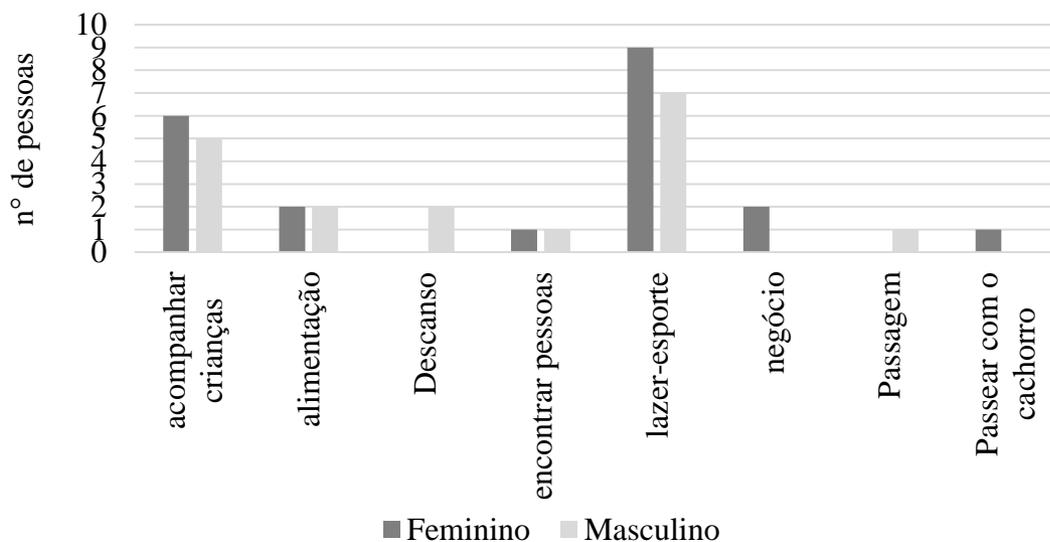
<b>SE SENTE SEGUR@</b>	<b>MEDO DE QUÊ</b>	<b>GÊN. INTERFERE NA PERCEPÇÃO/SEGURANÇA</b>
Nunca	v. patrimonial/v. sexual/v. sexual	Sim
Sempre	v. sexual/v. sexual	Não
Às vezes ã	v. sexual/v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. sexual/v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. sexual/v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. física	Não
Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/v. física	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/v. física	Sim
Sempre	N/C	Não
Sempre	N/C	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. moral/v. física	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial	Não
Às vezes ã	v. moral/v. física,	Sim
Nunca	v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial	Não
Às vezes ã	v. patrimonial	Sim
Nunca	v. patrimonial/v. sexual/v. sexual	Sim
Sempre	N/C	Não
Sempre	v. patrimonial/v. sexual/v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/v. sexual/v. sexual	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial	Sim
Às vezes ã	v. patrimonial/Física	Não
Às vezes ã	v. física	Sim
Sempre	N/C	Não
Sempre	N/C	Sim
Sempre	N/C	Não
Às vezes ã	v. patrimonial/v. física	Sim
Sempre	N/C	Não
Sempre	N/C	Sim

Traça-se um perfil do usuário. Das trinta pessoas entrevistadas dezoito (60%) tem mais de 30 anos de idade, também, dezoito (60%) das pessoas responderam ter a escolaridade máxima até ensino médio concluído. Cinco (17%) das trinta pessoas, não se identificaram como heterossexuais. Duas mulheres e um homem se colocaram como homossexuais. Duas pessoas, uma de cada gênero, optaram por não responder sobre sua sexualidade.

Vinte (66%) entrevistados responderam que a renda familiar não ultrapassa quatro salários mínimos. Dezesete (56%) vivem na casa própria e, também, dezesete (56%) moram no bairro da praça. Vinte um (70%) relatam chegar a pé na praça. Ninguém chegou à praça de ônibus. Mesmo com a maior parte das pessoas indo à praça caminhando, vinte (66%) possuem veículo automotor.

Vinte e três (77%) pessoas vão a praça pelo menos uma vez na semana, mostrando que a praça faz parte da rotina. Dezesete (56%) pessoas disseram permanecem por mais de 1 hora. Apenas dez (33%) pessoas relataram frequentar outras praças. Vinte (66%) pessoas estavam acompanhadas no momento dos questionários. Quinze (50%) acreditam, que acompanhado muda-se a percepção de segurança. Na luz pelo motivo que levou as pessoas à praça, lazer e esporte foram os mais citados, seguidos por “acompanhar crianças”. No entanto, houve uma gama variada de motivações. As motivações de homens e mulheres foram semelhantes (figura 37).

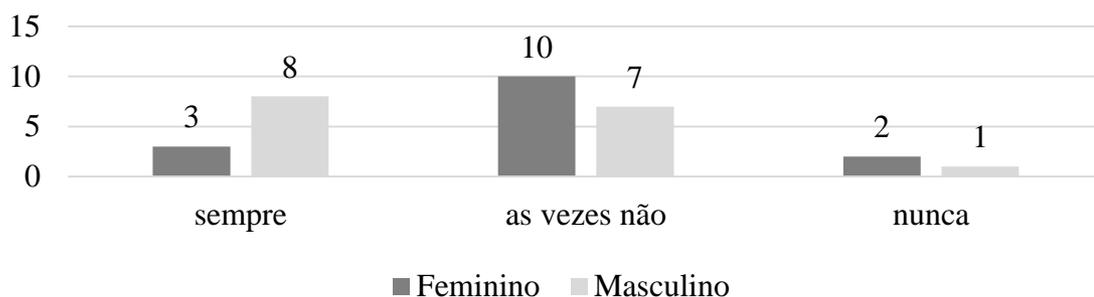
**Figura 37** Praça dos Violeiros; Motivação para estar na praça  
Fonte\_ Levantado e produzido pelo autora



Apesar da variedade de usos e existência da delegacia, vinte (66%) pessoas entrevistadas afirmaram ter algum medo ao visitar a praça. No entanto, a Praça dos Violeiros, mostrou variadas opiniões, quanto à impressão de falta de segurança, bem semelhante à da Praça Cívica. Deve-se ao pontual problema da incidência de tráfico e uso de drogas ilícitas no lugar, relatado pelos habitantes (figura 38).

**Figura 38\_** Praça dos Violeiros; Se sente seguro na praça?

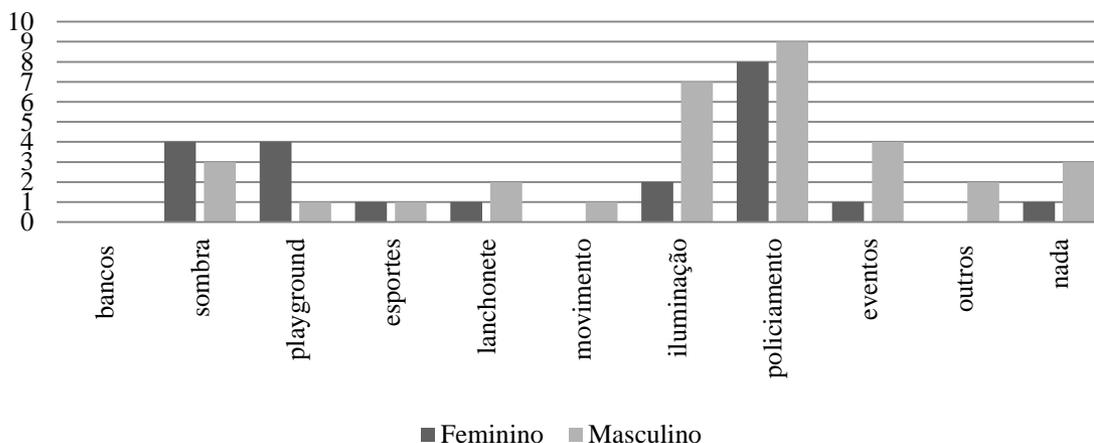
Fonte\_Levantado e produzido pelo autora



Quando questionados sobre o que falta na praça, para que ela se tornasse melhor para o uso, curioso fato da maioria apontar o policiamento, já que existe um D.P em seu interior. Confirma-se, que nos momentos de observação assistemática, não presenciou-se policiamento no local, tampouco, na própria delegacia. Foi mencionada também a falta de iluminação, já que a praça tem maior movimento no período noturno (figura 39). Outra questão que pode ser observada, foi a falta de manutenção dos equipamentos disponíveis.

**Figura 39\_** Praça dos Violeiros; O que falta na praça?

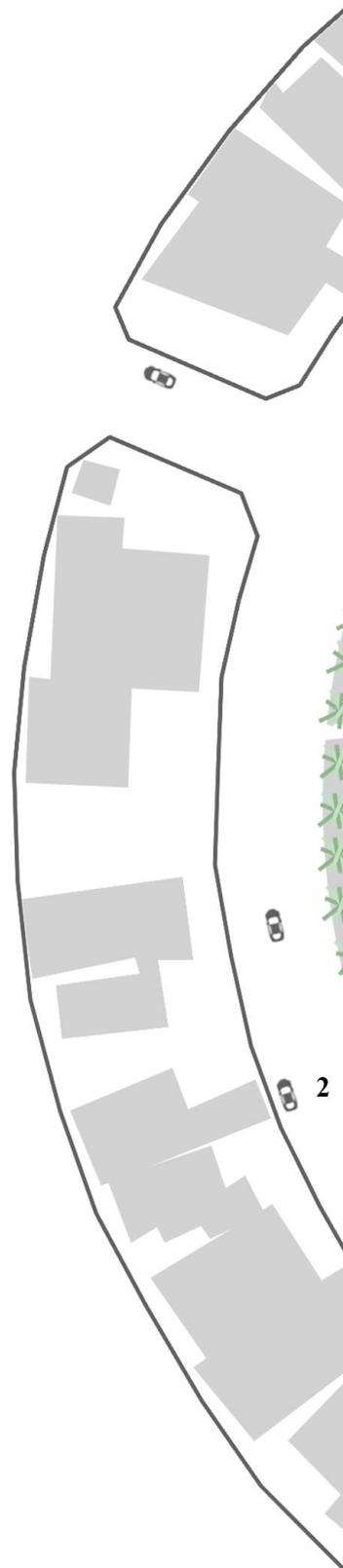
Fonte\_Levantado e produzido pelo autora.

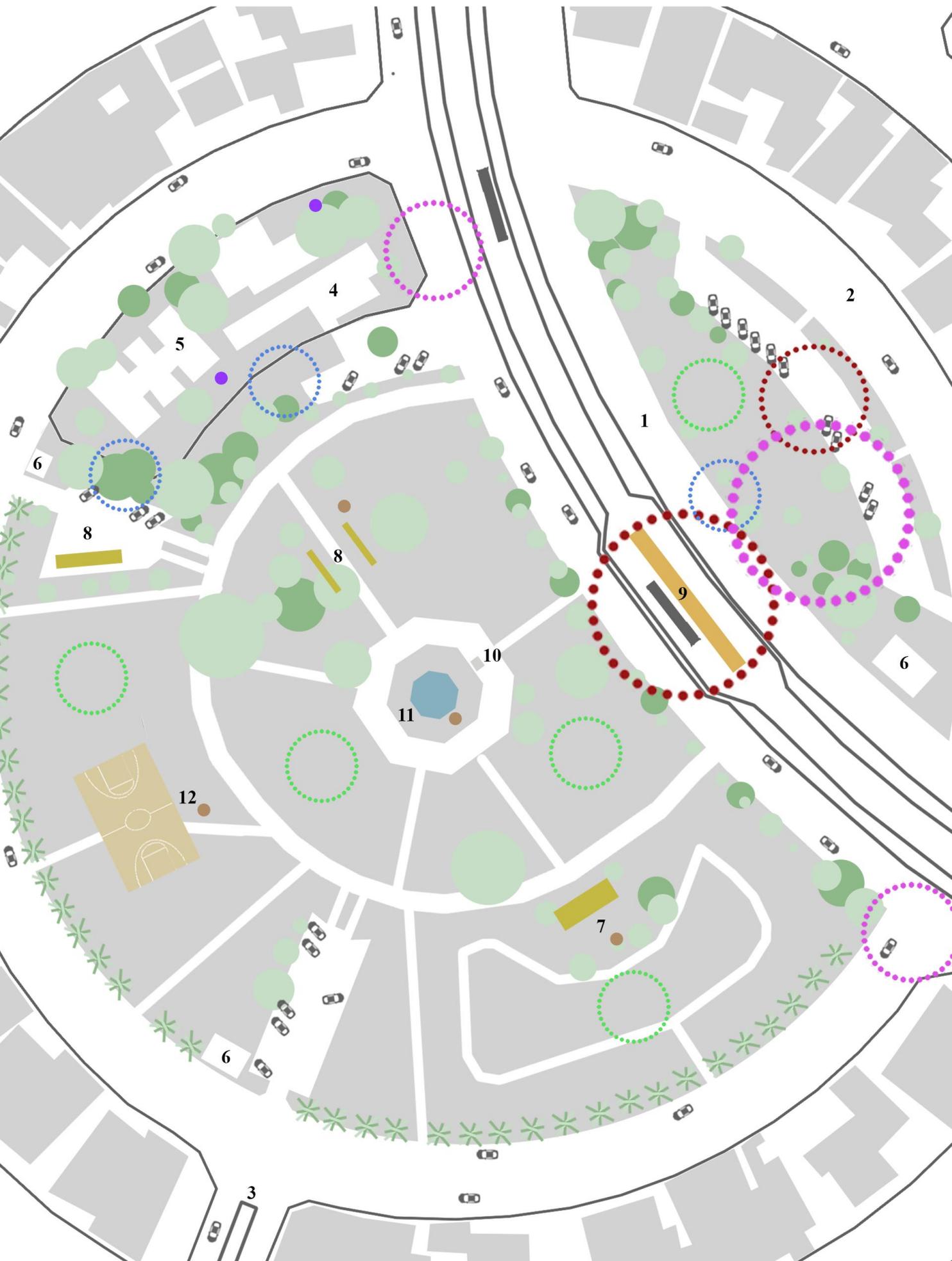


**Figura 40**\_Praça dos Violeiros planta esquemática

Fonte\_ Produzido pela autora

1. avenida goiás
  2. avenida solar
  3. avenida rio branco
  4. delegacia
  5. fórum
  6. quiosques
  7. playground
  8. equipamento de ginástica
  9. estação BRT
  10. monumento do violeiro
  11. espelho d'água
  12. quadra poliesportiva
- . pouca acessibilidade para o sujeito
  - . barreiras visuais e enclausuramento
  - . espaço arido e desprotegido
  - . ausência de conexão com o entorno
  - . espaço restrito/barreira física
  - . mobiliário/equipamento deteriorado





### **3.6. DISCUSSÕES SOBRE A APROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS DO ESTUDO PELOS GENEROS**

Como se procura compreender as características projetuais dos espaços que interferem na sua apropriação pelos sujeitos da perspectiva dos gêneros, deparam-se as diferentes praças em suas nuances físicas e na forma que os gêneros às percebem. Para isso, é preciso traçar uma linha lógica da apropriação dos espaços por parte destes sujeitos interpretando em primeiro lugar “quem eles são?”. No entanto não se aprofunda na fala individual, mas na que ganha força em coro, delimitando um perfil desse sujeito a partir dos dados coletados *in loco*.

Com isso, procura-se entrar em contato com as resposta de “Como se dá apropriação desses espaços?” “Quais as diferenças da apropriação causada pelas especificidades de cada lugar?” e assim compreender a relação desses sujeitos com esses espaços. Ao chegar a este ponto, pode-se então extrair as provocações: “o que estas mulheres e estes homens procuram em uma praça?”, “o que o espaço precisa ser para abarcar esses anseios?”.

Assim, faz se necessário um comparativo entre os perfis dos usuários das praças descrevendo assim este sujeitos. Esta etapa teve início na análise do perfil do usuário relacionado à cada praças nos módulos de texto anteriores.

No que tange a orientação sexual e a identidade de gênero (categorias também importantes para esta pesquisa, pois as relações de gênero e sexualidade andam muito próximas), pode-se observar que com relação aos indivíduos questionados nas praças menos de 10% se identificaram com outra orientação sexual que não a heterossexual, dez (10) pessoas responderam ser homossexuais, e apenas um homem na Praça Tamandaré se colocou como Bissexual. Observa-se também, que existe uma desinformação que tange aos temas da sexualidade e das identidades de gênero considerável.

Foi usado como estratégia, para a abordagem do tema, o cumprimento do questionamento “posso te perguntar sua orientação sexual?”, antes de se perguntar a orientação sexual de fato. Quando se aplicava esta questão não era incomum o entrevistado se demonstrar constrangido, ofendido e/ou desconhecer o significado da expressão “orientação sexual”.

Na questão seguinte, quando o entrevistado aceitava respondê-la, muitos questionavam ao pesquisador como se identificar entre os termos “heterossexual”, “homossexual” e outros, a partir da descrição das práticas, que se encaixam em cada termo usado pela pesquisadora. Quatro pessoas se recusaram informar sua orientação sexual.

Entre as pessoas que se disseram homossexuais três (3) disseram espontaneamente nos comentários, já que não se tratava de item do questionário, que sua sexualidade as torna mais vulneráveis à violência no espaço público. A homofobia é recorrente e latente na sociedade e espaços coletivos.

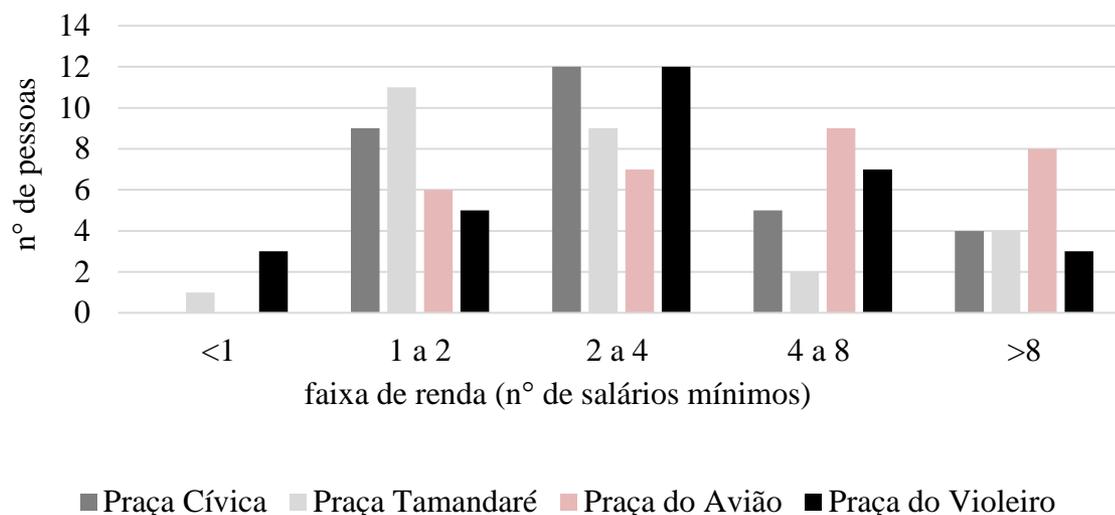
A identidade de gênero não foi indagada, justamente por ser uma questão, que gera, mais que o tema anterior, dificuldade de compreensão pela população. Para tanto, no momento da aplicação dos questionários não foi identificado pela pesquisadora, nem um entrevistado que apresentasse uma expressão de gênero diferente da “sis”. Apenas no momento das observações assistemáticas, foi abordado uma pessoa, que se identificou-se como não binária, ou seja, não se entende como parte de um, ou do outro gênero.

Ainda sobre o perfil dos usuários das praças, segundo os dados de IDHM dos bairros de Goiânia (ATLAS BRASIL, 2013), observa-se que apenas o setor Urias Magalhães está fora da faixa mais elevada do índice (IDHM 0,862 a 1,000). É sabido que o IDH não trata apenas de renda, mas também de educação e longevidade. Quanto ao parâmetro “renda familiar”, item do questionário aplicado, constata-se que os usuários, da praça supracitada, têm melhores números que os da Praça Cívica que, a exemplo, está na primeira faixa do IDH (Figura 41).

Em análise a este gráfico, também podemos inferir que os usuários da praça do avião ficam apontados como os detentores de maior renda enquanto os alocados na Praça do Violeiro estariam na segunda faixa de renda. No entanto, quando confrontamos os dados de renda familiar com seu local de residência, percebemos que os usuários das praças Cívica e Tamandaré vivem em sua maioria em outros setores. Para os sujeitos entrevistados na Praça do avião, porém, que apresentam o maior número de moradores com renda familiar entre 4 e 8 e acima de 8 salários mínimos, cerca de 56% vivem no mesmo setor da praça.

**Figura 41** Número de pessoas por faixa de renda (em salários mínimos) por praça.

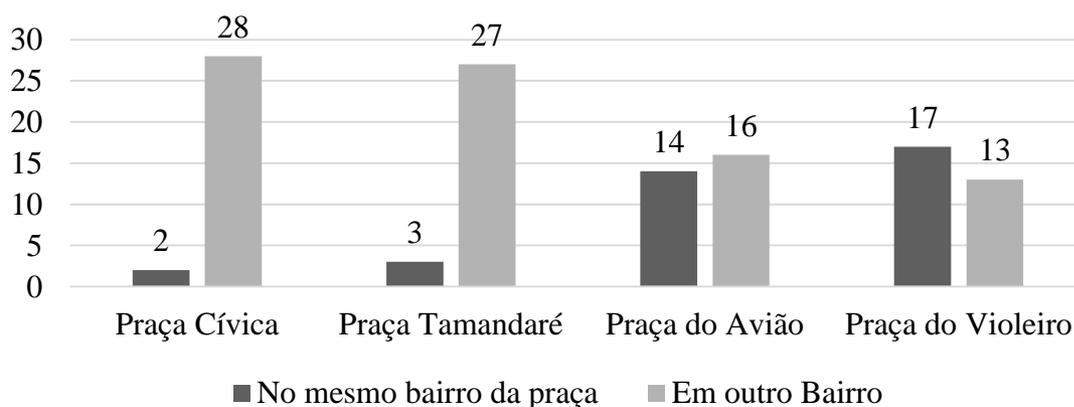
Fonte\_ Levantado e produzido pela autora



Ainda sobre o perfil do usuário dos espaços estudados, apesar de todas as praças se enquadrarem como “Parque de Bairros” (GOIÂNIA, 2007), observa-se que as praças apresentam influências diferentes sobre seus entornos. Categorizando as praças pelos tipos de equipamentos e mobiliários que apresentam, pode-se considerar que as praças Cívica e Tamandaré se assemelham, enquanto as praças do Avião e dos Violeiros, apresentam mais similaridades, do que com as anteriores. Principalmente, quando focamos a observação no bairro de origem dos usuários dessas praças, as semelhanças observadas anteriormente, se confirmam (Figura 42).

**Figura 42** Usuários das Praças por Bairros que Residem

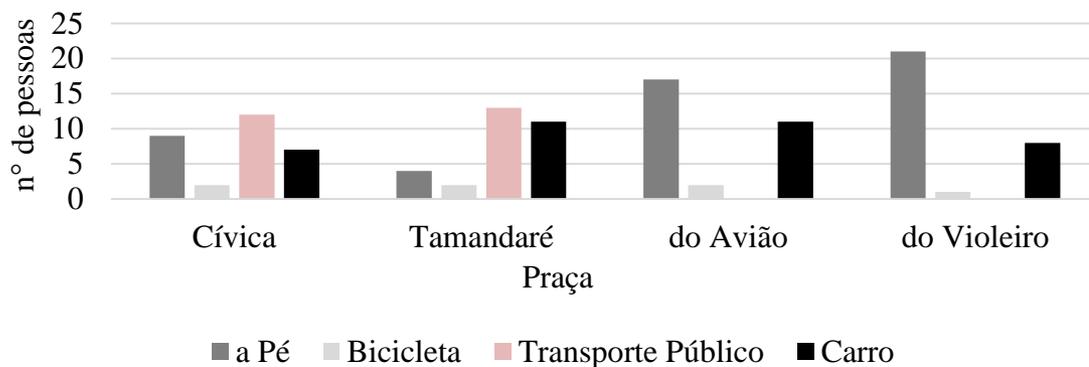
Fonte\_ Levantado e produzido pela autora



Seguindo na inferência sobre os perfis socioeconômicos dos questionados, observa-se a proporção dos sujeitos que seguiram entre sua casa e a praça onde foram abordados, pelo meio de transporte para este traslado (Figura 43), nota-se que existe uma coerência com relação às proporções das informações descritas sobre o local da moradia. Outra relação que se enseja nesta situação é que tanto na Praça do Avião quanto na Praça do Violeiro não houve nem uma pessoa que tivesse ido até o espaço de ônibus, enquanto nas outras duas a maioria das pessoas usou este meio de transporte. Dando princípio assim a ideia de que quanto ao perfil dos usuários as praças podem se agrupar de duas a duas com maior semelhança entre si, além disso na análise isolada das praças, e seus espaços físicos esta relação também havia sido estabelecida, principalmente com observância ao entorno e as estruturas de esporte e lazer ofertadas por cada praça.

**Figura 43**\_Transporte usado para acessar às praças

Fonte\_Levantado e produzido pela autora

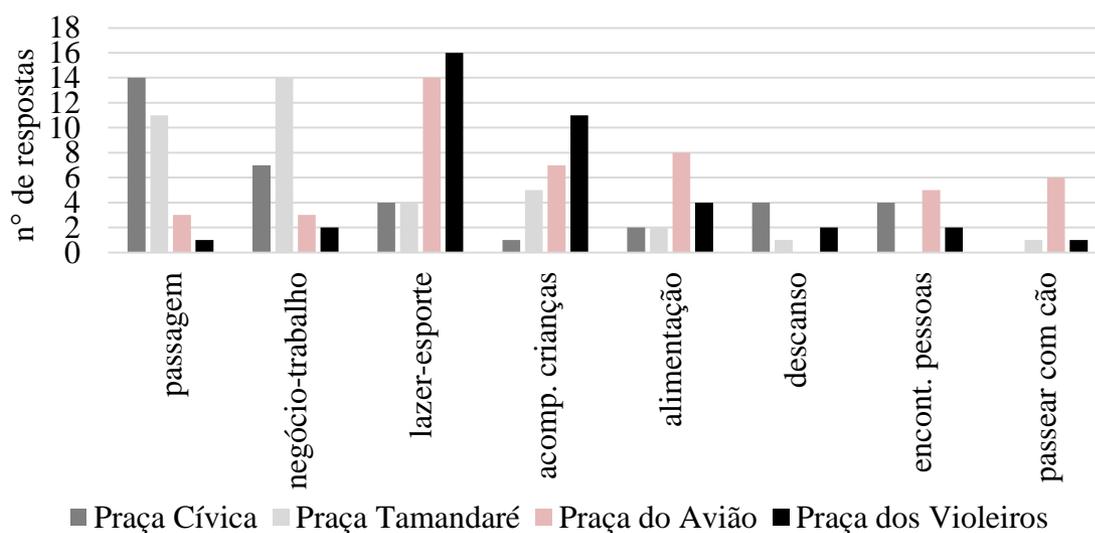


Desta maneira, é possível dizer que as praças Cívica e Tamandaré têm uma influência regional, enquanto as praças do Avião e do Violeiro uma influência mais local, no seu próprio bairro. Conforme já observado quanto às características físicas e de perfil dos usuários as praças se organizam, também, em dois tipos, tendência esta que se confirma quanto foca-se o motivo para estas pessoas estarem nas praças (no momento da aplicação dos questionários). Desta maneira, ao apreciar o gráfico (figura 44) nota-se que na Cívica e na Tamandaré predominam os motivos “Passagem” e “Negócios/Trabalho” já nas praças do Avião e do Violeiro predominam os motivos “Esporte/Lazer”, “Acompanhar Crianças” (este com maior influência na Praça do Violeiro) e “Alimentação” (com maior influência na Praça do Avião).

Ao conduzirmos o raciocínio para a infraestrutura sugerida por cada uma dessas motivações: passagem e negócios/trabalho que não exigem um lugar específico; e lazer/esportes, acompanhar crianças e alimentação que sugerem a necessidade de espaços como quadra poliesportiva; playground e lanchonete respectivamente desenvolve-se uma congruências com os espaços das praças. Ou seja, a razão para o usuário estar no local depende das possibilidades que ele oferece.

**Figura 44**\_Motivação para estar nas praças

**Fonte**\_Levantado e produzido pela autora.



Quanto à frequência com que a pessoa se desloca até a praça, cerca de 75% (73% dos entrevistados na Praça Cívica, 83% dos da Praça Tamandaré, 80% dos da Praça do Avião e 77% dos da Praça do Violeiro) de todas as 120 pessoas entrevistadas que responderam aos questionários, atestaram manter uma assiduidade no uso das praças diária ou semanal, o que torna possível afirmar que independente da motivação para estarem nos espaços, estes são referências nas atividades cotidianas cidadinas das pessoas entrevistadas.

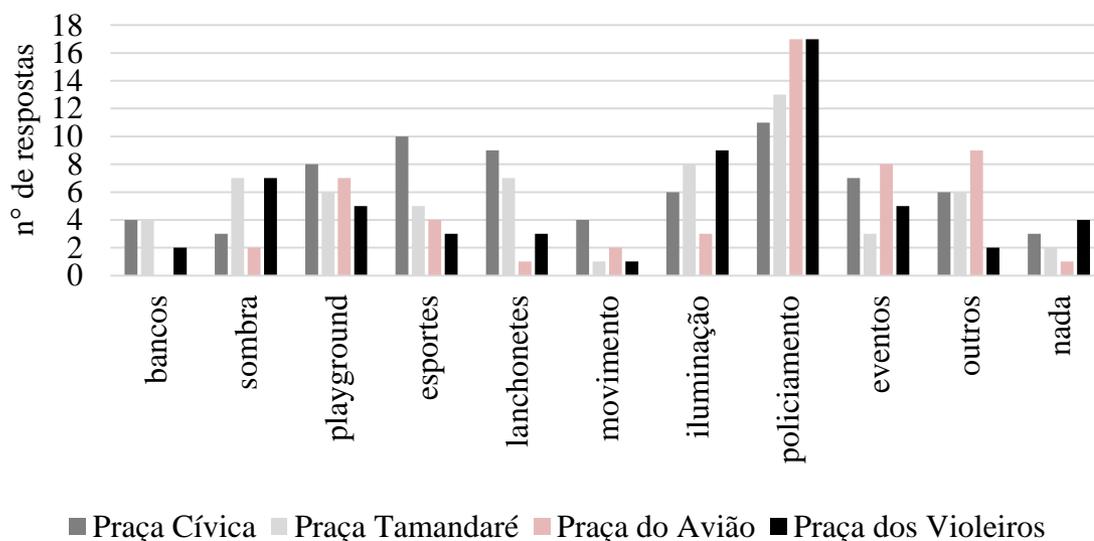
Já em análise da percepção do sujeito com relação ao espaço físico das praças, a grande maioria das cento e vinte (120) pessoas questionadas responderam gostar da praça em que estavam e apenas oito pessoas (6%) disseram não gostar, para tanto, entende-se que a praça é parte importante da imagem emotiva que cada cidadão forma sobre sua cidade, com diferenças entre os gêneros (MARTÍNEZ; MMOYA; MUNHOZ, 1995).

Fez-se, também, o questionamento: “O que acredita faltar na praça?” apesar da estima que os sujeitos relataram ter por elas. O panorama formado a partir da síntese de todas as respostas dadas (figura 45) (considerando que o entrevistado poderia apontar mais de um item, e além de poder acrescentar outros), observa-se que o “policimento” foi o item que teve maior número de evocações em todas as praças. Esta afirmação direciona o entendimento de que as pessoas teriam então a percepção de falta de segurança nas praças (conforme subitens anteriores relativos à cada praça).

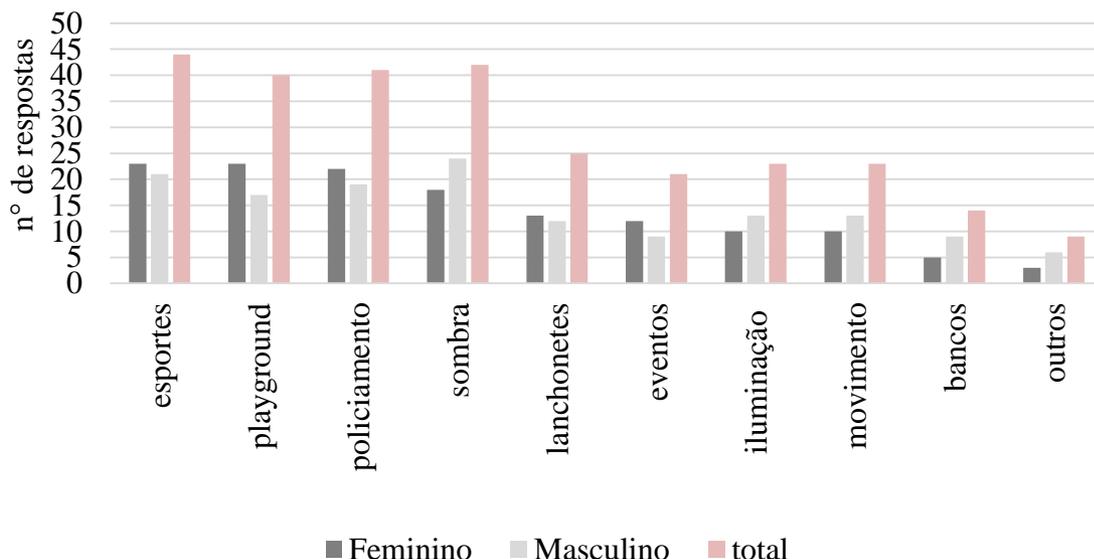
Direcionando a discussão para a questão do gênero e sugestionando uma condição hipotética onde o questionado relaciona “o que procura em uma praça” (figura 46) as mulheres colocaram os seguintes itens como os mais importantes, em ordem do decrescente: esportes, playground, policiamento, sombra, lanchonetes, etc. E compreendendo que entre estes cinco itens considerados mais importantes para as mulheres o único que não se referênciava diretamente a uma estrutura física é o policiamento, que se entende tratar da presença da polícia de forma ostensiva, mas também que uma percepção de segurança onde a pessoa, enquanto corpo vulnerável, espera estar livre de violências e abusos. Desta forma entende-se que a percepção de segurança é um importante termômetro sobre a qualidade dos espaços e assim a relação da mulher com o espaço se faz um ciclo, onde a presença das pessoas torna o lugar seguro e o lugar seguro atrai as pessoas.

**Figura 45**\_O que falta nas praças

Fonte\_Levantado e produzido pela autora

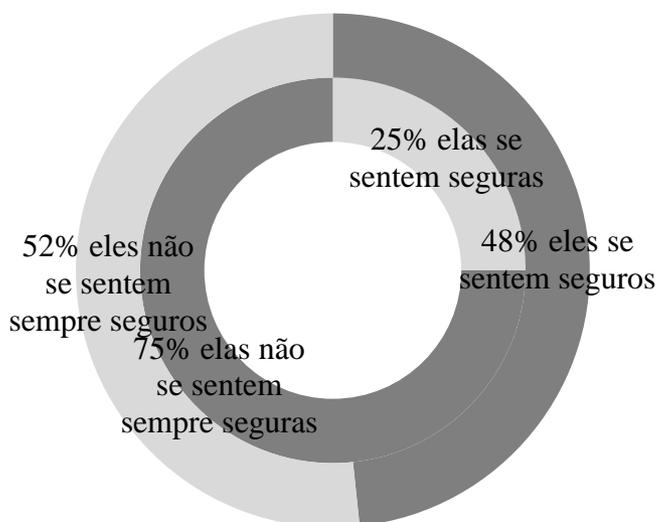


**Figura 46**\_O que procuram em uma praça  
**Fonte**\_Levantado e produzido pela autora



“Se perguntar 'uma mulher se sentiria segura andando aqui à noite?' e obter uma resposta positiva provavelmente significa que a maioria das pessoas se sentiria confortável usando aquele espaço. Mulheres podem ser usadas como um termômetro para a segurança e outras prioridades em planejamento.” (Warner apud Vieira, 2016, p.17). Esta relação se comprova quando lançados à luz os dados de como os gêneros se sentem nas praças com relação à segurança (Figuras 47).

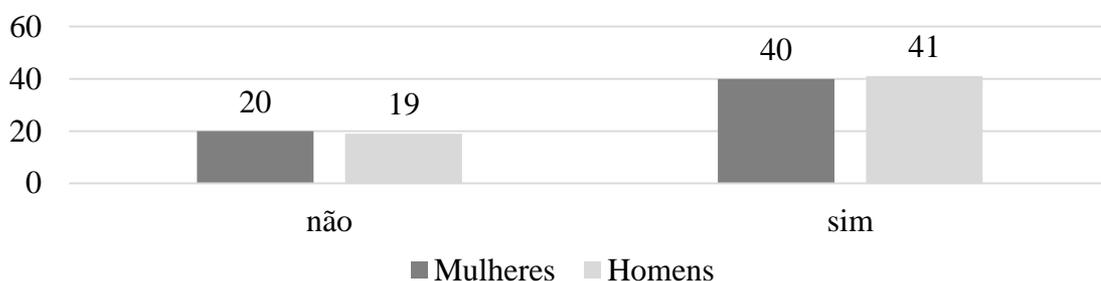
**Figura 47**\_Mulheres e homens nas Praças  
**Fonte**\_Levantado e produzido pela autora



Para tanto, faz-se necessário também compreender se a percepção de vulnerabilidade aplicada ao corpo da mulher é compreendida também pelo homem. Com o entendimento de que mulheres têm mais medo de se expor ao espaço público propõe-se o exercício de empatia ao questionar se o gênero interfere na percepção de medo. Conforme se julgava a maioria tanto de homens, quanto de mulheres acredita que seu gênero interfere sim em sua percepção (Figuras 48).

**Figura 48**\_Acreditam que o gênero interfere na percepção de segurança

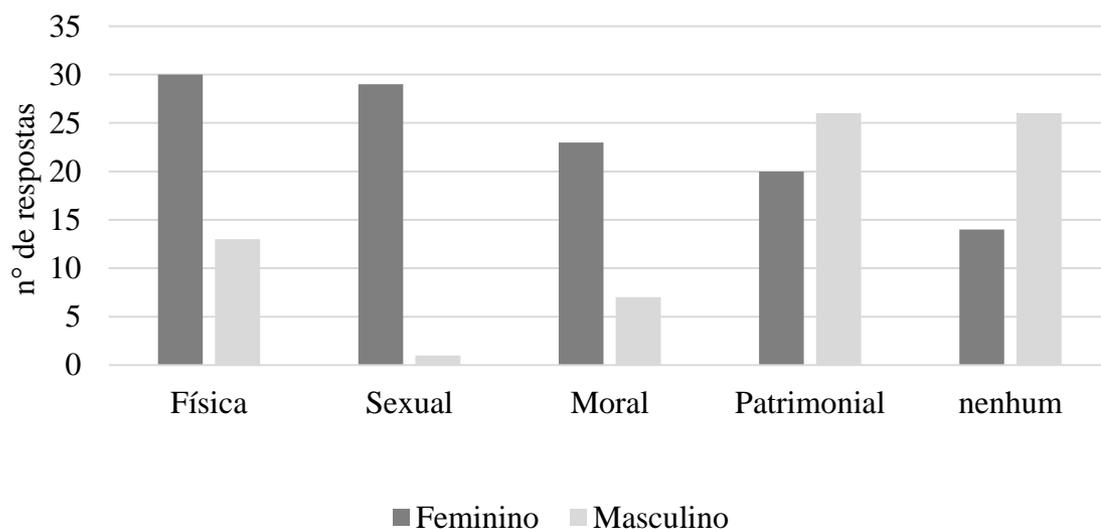
Fonte\_Levantado e produzido oela autora



O entendimento a respeito da vulnerabilidade dos corpos femininos fica ainda mais latente quando se observa as respostas dos gêneros com relação a qual tipo de violência têm medo nas praças (podendo transferir esta constatação para onde estiver o sujeito) (figura 49).

**Figura 49**\_Medo da violência/Gênero

Fonte\_Levantado e produzido pela autora.



Contata-se que enquanto os homens têm como seu maior medo a violência patrimonial, as mulheres depositam sua insegurança nas violências física, sexual e moral, ou seja, as que colocam a vítima em posição de subjugo, as cometidas como expressão de poder. Outra questão que chama a atenção é que apenas um dos sessenta homens experimenta o que é o medo da violência sexual. Este mesmo homem se identifica como homossexual.

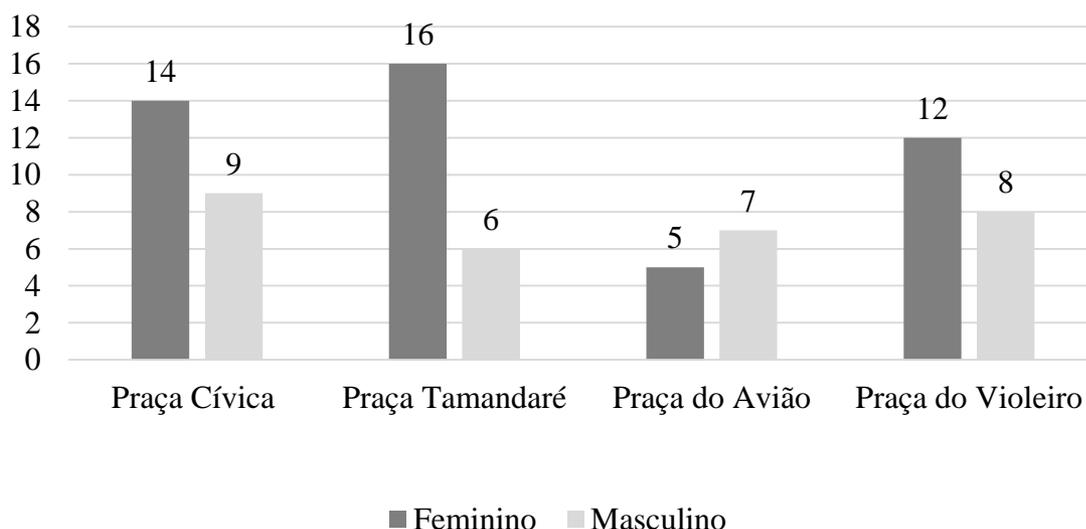
Faz-se necessário retornar aos números referentes à sensação de segurança na praça (Figura 50), pra entender por fim, que a praça do avião é dos modelos estudados o que menos reproduz em suas frequentadoras a sensação de insegurança e é também a que contém as estruturas que os sujeitos procuram nas praças, gerando assim um caso de sucesso com relação às experiências do gênero no espaço projetado.

Mas então o que acontece com relação a Praça do Violeiro, que também guarda as mesmas características? em relato dos entrevistados e atestado pelas observações assistemáticas, existe na referida praça uma questão de segurança pública com a presença de usuários e traficantes de drogas que fazem uso do lugar, pode-se dizer de “forma indiscreta”, mesmo com a presença do 2º DP na praça.

Neste caso então a falta pratica de segurança pública quebra o ciclo perceptivo, assim, as pessoas frequentam a praça, mas conscientes de que existe ali um motivo para ficarem alertas.

**Figura 50**\_Não se sentem seguros nas praças

Fonte\_levantado e produzido pela autora



Ao retomar-se as praças Cívica e Tamandaré (ver mapas esquemáticos apresentados nos itens 3.2 e 3.3 respectivamente) nota-se que não apresentam algumas das infraestruturas que geram fluxo e seus entornos imediatos não guardam a multiplicidade necessária para gerar vida ao lugar (JACOBS, 2014). Além disso, questões de projeto como a ausência da organização de caminhos e com espaços que não possibilitam que quem passa veja bem o que acontece a sua volta podem causar problemas de segurança e para tanto, o afastamento das mulheres.

Por tanto, pode-se afirmar que questões como: um entorno diverso, as possibilidades geradas pelo próprio espaço nas infraestruturas que oferecem e uma segurança percebida não só em um enfoque de policiamento mas no controle que o sujeito tem das situações possibilita a apropriação do espaço pelos gêneros de forma igualitária. Assim o momento da elaboração dos espaços públicos é primordial para a realização de equipamentos que agreguem variedade de público gerando locais da cidade que abracem a própria cidade com acessibilidade e versatilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta investigação reforçam a ideia de que o espaço coletivo das praças, as estruturas e variedade de usos, que estes recintos oferecem, e sua inserção na cidade, tem papel preponderante para as relações que acontecem entre os sujeitos usuários. Sendo a arquitetura e o urbanismo planejamento e produção deste tipo de equipamento gregário, cabe as essas disciplinas, condiciona-los às possibilidades dos sujeitos, em suas percepções individuais e subjetivas, e gerar, a partir da escala do “micro”, espacialidades que respondam os anseios de representatividade dos grupos sociais, portanto respondendo ao “macro”.

Ainda, investiga e conclui, que as mulheres e os homens têm diferentes percepções sobre o uso espacial das praças. Os questionamentos feitos aos sujeitos na Praça Cívica, na Praça Tamandaré, na Praça do Avião e na Praça dos Violeiros, apontam, que estas estruturas são hostis e segregadoras ao gênero feminino. Falta o uso copresente dos habitantes em equipamentos urbanos e arquitetônicos ligados às peculiaridades dos gêneros (mobiliários, quiosques, *playgrounds*, recintos contemplativos sombreados, manifestações político-culturais e etc.). Conta-se então que a identificação do sujeito com o espaço perpassa pela estrutura física oferecida.

Estas instalações influenciam então na apropriação espacial pelos gêneros, percebidas por meio da comparação entre as mesmas, das regiões e sítios, suas características físico espaciais, dados e perfis socioeconômicos dos sujeitos, além das opiniões e percepções das pessoas abordadas. Considerando o projeto da praça, como resposta a condicionantes físico-fenomenológicas, sugestiona-se, que este respeite o ponto de vista, também, do oprimido. Desta forma ao retomar o que foi mais citado pelas mulheres como sendo o que as atrai no espaço público, é possível afirmar que o espaço, para abarcar os usos comuns do dia a dia, deve ser confortável, acessível, seguro e contar com infraestrutura de esporte, lazer e alimentação.

Mas, o espaço não é capaz, sozinho, de trazer as experiências de igualdade entre os gêneros, pois este é um problema profundo na formação da sociedade. De forma análoga e tomando como exemplo o resultados dessa pesquisa, uma pessoa do gênero masculino não sabe o que é ter medo de violência sexual, enquanto, para as mulheres esta é uma realidade. Desconstruir esta condição exige uma mudança não só

nos espaços físicos, em que as relações se desenvolvem, mas no alicerce de uma sociedade que muitas vezes desacredita, ou culpabiliza as vítimas.

As praças foram agrupadas, por similaridades, em dois pares: Praça cívica e Tamandaré; Praça do Avião e dos Violeiros. No par, Cívica-Tamandaré, nota-se entornos predominantemente institucionais, laborando como pontos urbanos nodais e estruturantes. Não contêm expressivos equipamentos de esporte e lazer. Ainda, assemelham-se em usos, no grande fluxo de passantes, na vitalidade do período diurno e na maior percepção de insegurança.

No par Avião -Violeiros, os entornos residenciais mistos, de relação pertencente ao habitante, são lugares de encontro e congregação coletiva. Apesar de mal conservadas servem-se de: lanchonetes, *playgrounds*, quadras de esportes e pista de caminhada. Seus frequentadores apropriam-se semelhantemente desses espaços, gerando vivacidade fora dos horários comerciais. Guarda-se na relação gênero-espaço, uma diferença sobre a percepção de segurança dentro do par Avião-Violeiros. Na Praça dos Violeiros, a impressão das mulheres sobre fragilidade da segurança pública, coincide com o relato da incidência de venda e consumo de drogas.

Afirma-se, que as questões sobre a segurança estão ligadas, diretamente, à experiência das mulheres nas praças, gerando um círculo virtuoso, onde quanto mais seguro o espaço, mais mulheres e, quanto mais mulheres, mais seguro o espaço.

Recorrendo à arquitetura e urbanismo como disciplina das ciências sociais aplicadas, a pesquisa tratou da ocupação pelos gêneros nas praças, com foco teórico, empírico e subjetivo, dando margem para futuras abordagens tecnicistas e quantificadoras. Os espectros morfológicos, sociológicos, psicológicos, e tantos outros focos interdisciplinares ligados a realidade humana, permearão a gama investigativa sobre as relações de gênero nos espaços públicos.



## REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. O que é feminismo. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ASCHER, F. Métapolis ou l'avenir des villes. Paris: Ed. Odile Jacob, 1995. (Capítulo 1, Métropolisation et métapolis, p.14-40, traduzido por Olga Firkowski).

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES PRÓ-BAIRROS URIAS MAGALHÃES. Disponível em: <https://www.facebook.com/616628445121026/posts/ahist%C3%B3ria-do-setor-urias-magalhaes-o-fazendeiro-urias-magalh%C3%A3es-nasceu-no-dia-1/620027278114476/>. Acesso em: 08/2018.

ATLAS BRASIL 2013. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013. PNUD. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking>. Acesso em: Out. 2018

AUMONT, J. O olho interminável – cinema e pintura. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

BEAUVOIR, S. de. 1970. Ethics of ambiguity. New York: Kensington Publishing.

BEAUVOIR, S. de. 1980. Pyrrhuset Cinéas. Paris: Gallimard.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BENEVOLO, L. História da cidade. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. 729p

BRISSAC, N. P. Paisagens Urbanas. São Paulo: Editora Marca d'Água, 1996.

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLOS, A. F. A. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

CARNEIRO, A. R. S.; MESQUITA, L. B. Espaços livres do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CONNELL, R.; PEARSE, R. Gênero: Uma perspectiva Global. São Paulo: Nversos, 2015.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. dá C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

CORTÊS, J. M. G. Políticas do Espaço: Arquitetura, Gênero e Controle Social, São Paulo: Editora Senac, 2008, 215 p.

CURTA MAIS. Você sabia que a Praça do Avião já foi o aeroporto de Goiânia? Conheça a história deste importante espaço público da capital. Disponível em: <http://www.curtamais.com.br/goiania/voce-sabia-que-a-praca-do-aviao-ja-foi-o-aeroporto-de-goiania>. Acesso em: 08/2018.

DAHER, T. Goiânia: uma utopia europeia no Brasil. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2003.

DE ANGELIS, B. L. D. et al. Praças: história, usos e funções. Maringá: EDUEM, 2005.

DELPHY, C. L'ennemi principal T. 2: penser le genre. Vol. 2. Paris: Syllepse, 2013.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. Revista Território, Rio de Janeiro, ano 5, nº 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000.

FONT, M. A praça em movimento: processos de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) -Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

FRANCISCO, T. M. S.; FOLLMANN, J. I.; GIOVANNI, E. N.; et al. A Praça, a Poética e os Processos de Identidade: desvelando aspectos da identidade urbana. R. Ra'e Ga - Curitiba, v.31, p.91-116, Ago/2014.

GASPARI, L. T. Educação e Memória: Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. C. Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006.

HORTA, C. A. C. Geografia Humana: “desregionalização” (in)consequente? Terra Livre, São Paulo/SP ano 28, v.1, n.38, p.121-146, Jan-Jun, 2012.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10/2018.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMAS, J. M. R. G. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Junta Nacional Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.1999.

LIMA, A. C. Goiânia. Arquitetura e Urbanismo, ano 2. Rio de Janeiro, 1937.

LORRUAMA, T. Espaço verde em meio aos edifícios, a Praça Tamandaré se destaca como opção de lazer em Goiânia. Disponível em: <https://diaonline.r7.com/2018/05/01/espaco-verde-em-meio-aos-edificios-a-praca-tamandare-se-destaca-como-opcao-de-lazer-em-goiania/>. Acesso em: 08/2018.

MAGNOLI, M. O parque no desenho urbano. Paisagem E Ambiente, (21), 199-213, 2006.

MAIA, L. O conceito de meio técnico-científico-informacional em Milton Santos e a não-visão da luta de classes. *Caminhos de Geografia Uberlândia* v. 13, n. 41 mar/2012.

MANSO, C. F. A. Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar. Goiânia: Edição do Autor, 2001.

MARTÍNEZ, A. S. MMOYA, J. R.; MUNHOZ, M. A. *Mujeres Espacio y Sociedad: Hacia una Geografía Del Género*. Madrid: Editorial Síntesis S.A, 1995.

MARX, M. *Cidades brasileiras*. São Paulo: EDUSP, 1980

MASCARO, C. O uso da imagem fotográfica na interpretação do espaço urbano e arquitetônico. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 1985.

MASCARO, J. A forma urbana e seus custos. In: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. *Desenho Urbano: Anais do II SEDUR*. São Paulo: Editora Pini, 1986, p. 61–68.

MELLO, M. M. Goiânia: cidade de pedras e de palavras. *Sociedade e Estado*, v. 12, n. 2, 2004.

MENDONCA, E. M. S. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, dez. 2007 .

MONTEIRO, O. S. do Nascimento. Como nasceu Goiânia. São Paulo: *Revista dos Tribunais*, 1938. 653 p.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. etc, espaço, tempo e crítica, *Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas*. N° 1(3), VOL. 1, p. 55-70, junho, 2007.

MUXI, Z.; MONTANER, J. M. *Política y Arquitectura*. Barcelona: SL, 2011.

MUXI, Z. *Arquitectura y gênero: depoimento*. Costa Rica. *Revista Su Casa*. Entrevista concedida a Kurt Aumair y cortesía de laarquitecta. No. 46. 2008

NARCISO, C. A. F. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências, *Studies and Research in Psychology*, n. 2, 2009.

NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia. Trad. J. Guinsburg. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

NOGUEIRA, C. Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

NÓS E A HISTÓRIA. As comunas medievais. Disponível em: <https://noseahistoria.wordpress.com/os-alunos-e-a-historia-2/as-comunas-medievais/>. Acesso em: 03/2018.

OLIVEIRA, M. M. B. O padrão territorial de Goiânia: um olhar sobre o processo de formação de sua estrutura urbana. 065.07ano 06, out. 2005 disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.065/419>

PLANO DIRETOR DE GOIÂNIA. Lei Complementar nº 171/2007. Goiânia, 2007

PRAUN, A. G. S. Gênero E Suas Relações De Poder. *Revista Húmus*, n. 1, 2011.

REIS, M. L. Estudos de gênero na geografia: uma análise feminista da produção do espaço. *Espaço E Cultura*, UERJ, RJ, N. 38, P.XX-XX, JUL./DEZ. DE 2015.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. Praças brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial do Estado, 2002.

RODOVALHO, M. O. Análise do planejamento urbano e efetividade dos Planos Diretores de Goiânia. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

ROSANELI, A. F., FRÓES, A. C. S., FURLAN, D. L. S., et al. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 2016 set./dez., v. 8, n. 3, p. 359-374.

ROSANELI, A. F. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. *urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 359-374, Dec. 2016 .

SANTOS, M. Espaço e método. São Paulo: Studio Nobel, 1985.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. IN: *Mulher e realidade: mulher* 1995.

SEPLAM. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. Goiânia. Disponível em arquivo físico. Acesso em outubro de 2018.

SILVA, A. L.; OLIVEIRA, E. C. Goiânia em mosaico: visões sobre a capital do cerrado. Goiânia: PUC Goiás, 2015.

SILVA, G. C.; LOPES, W. G. R.; LOPES, J. B. Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. *Ambient. constr.*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 197-212, Sept. 2011.

SITTE, C. A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos Organização e Apresentação de Carlos Roberto Monteiro de Andrade, tradução de Ricardo Ferreira Henrique, editora Ática, São Paulo, 1992.

SORJ, B. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 25-34, June 2000.

TANAKA, O.; MELO, C. M. M. Avaliação de programas de saúde do adolescente: um modo de fazer. São Paulo: EDUSP, 2001

TAVARES, R. B. Práticas sociais de resistência na perspectiva de gênero contra indiferença à diferença: por um planejamento de possibilidades. VII ENENPUR, São Paulo, 2017.

TEIXEIRA, P. L. Memórias, Goiânia, Ed. Cultura Goiana, 1973.

TEIXEIRA, F. M. et al. Metodologias de pesquisa no ensino de ciências na América Latina: como pesquisamos na década de 2000. *Ciência & Educação*, v. 19, n. 1, p. 15–33, 2013.

TIBURI, M. *Como conversar com um fascista*. 8ªed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. F. Place: na Experiential Perspective. *Geographical Review*, 65, pág. 151-165, 1975.

UNES, W.; MANSO, C. A. F. *Goiânia Art déco: acervo arquitetônico e urbanístico - dossiê de tombamento*. Superintendência Regional/IPHAN, 2004

VIANNA, H. M. *Pesquisa em Educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIEIRA, L. P. *Manul de táticas urbanas emergentes sob a perspectiva de gênero*. Trabalho Final de Graduação, Universidade de Brasília, 2016

ZEISEL, J. *Inquiryby design*. New York: W. W. Norton, 2006.

## ANEXO I

## Quadro comparativo das praças

<b>NOME OFICIAL</b>	<b>PRAÇA PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA</b>	<b>PRAÇA ALMIRANTE TAMANDARÉ</b>
<b>ÁREA</b>	≅ 87.700,00m <sup>2</sup> (área útil de praça ≅ 26.600,00m <sup>2</sup> )	≅ 43.400,00m <sup>2</sup> (somadas as praças Estado da Palestina e Kalil Gilbran)
<b>BAIRRO</b>	Setor Central	Setor Oeste
<b>REGIÃO</b>	Central	Sul
<b>INAUGURAÇÃO</b>	Outubro de 1933 (a primeira praça da cidade)	Outubro de 1972
<b>REVITALIZAÇÃO RECENTES</b>	Agosto de 2016, retirou do seu interior o estacionamento, criando grande explanada cívica	Dezembro de 2004, termo de ajustamento de conduta cadastrando e organizando a atividade dos lavadores de carros
<b>ENTORNO</b>	No seu interior são instaladas o centro Administrativo Estadual e a contabilidade e administração financeira do estado de Goiás. Entorno imediato comercial e institucional público.	Instituições bancárias e comércios lindeiras. Vocação mista, com uso comercial nas avenidas e residencial nas ruas locais.
<b>ESTRUTURA VIÁRIA</b>	Centro de convergência de vias estruturais (Av. Goiás, Av. Tocantins, Av. Araguaia, Av. 85, Rua 10, etc.)	Cortada pela Avenida assim Chateaubriand e circundada pela Avenida República do Líbano, vias estruturais Eixo para transporte público, com rotas leste/oeste. Oferece bolsões de estacionamento, insuficientes para uso comercial do entorno
<b>TRANSPORTE E ACESSIBILIDADE</b>	Nodal e conexão urbana por receber transp. coletivo de todas as regiões. Vias internas restritivas ao uso do carro	
<b>MONUMENTOS</b>	"Monumento às Três Raças", de Neusa Morai, no centro do largo. Esculturas e obeliscos	Busto do Almirante Tamandaré
<b>INFRAESTRUTURA</b>	Esplanada de eventos, muitos bancos, chafarizes (desativados), sem playgrounds, ou equipamentos esportivos	Bancos, pergolados, banca de revistas e playground, recente na pç. Estado da Palestina. Sem equipamentos esportivos.
<b>LANCHONETES</b>	Funcionam restritivamente nos dias de eventos	7 quiosques de alimentação, 1 desativado
<b>CONSERVAÇÃO</b>	Estado muito bom, por revitalização recente	Estado geral ruim, sem pavimentações e jardins, com replantio em processo
<b>VEGETAÇÃO</b>	Inúmeras árvores de grande porte, com sombra em grande parte, exceto na esplanada. Jardins próximos aos prédios institucionais.	Árvores de grande porte e palmeiras por todo espaço. Pequenos jardins.
<b>ILUMINAÇÃO</b>	Iluminação heterogênia, mais eficiente junto aos monumentos e explanada. Menor eficiência sob as árvores	Iluminação deficitária no interior, e melhor no entorno da praça
<b>ESPECIFICIDADE</b>	Grandes eventos regulares (shows, decorações de natal, manifestações). Comumente usada como ponto de passagem	Recebe a "Feira da Lua" aos sábados, comumente usada como ponto de passagem.

**PRAÇA SANTOS DUMONT**

≅ 20.600,00m<sup>2</sup>

Setor Aeroporto  
Central

Janeiro de 1968

Outubro de 2003 (executada por fundo cooperativo do bairro com apoio da prefeitura)

O entorno imediato da praça é comercial bem como a avenida República do Líbano, no entanto o bairro tem caráter residencial

Circulada pela Avenida República do Líbano é centro de confluência de vias locais

O acesso principal é por meio de veículos particulares ou a pé

Apresenta um busto em homenagem a Santos Dumont, bem como uma réplica do seu avião 14 bis feita pelo artista plástico Fernando Nolêtho

Possui quadra de esportes, pista de skate, equipamentos de ginástica, playground, pista para caminhada, mesas para jogos, bancos e sanitários públicos

Possui 3 quiosques de alimentação em funcionamento (grande movimento, principalmente no período noturno)

Estado de conservação ruim, vários equipamentos de esporte e playground avariados

Praça com árvores de grande e médio porte e palmeiras, organizadas por projeto paisagístico, existência de jardins, áreas de explanada sem sombreamento

Praça iluminada de forma heterogenia com priorização de áreas como entorno dos quiosques e pista de caminhada. Sem pontos de escuridão excessiva.

é ponto de destino. Principalmente para moradores do bairro da praça, apresenta grande movimentação no período noturno

**PRAÇA PR. CÍCERO ROMÃO BATISTA**

≅ 32.664,00 (área útil de praça ≅ 28.100,00m<sup>2</sup>)

Setor Urias Magalhães  
Norte

Dezembro de 1976 (na aprovação do loteamento tinha o nome de Praça da Liberdade em 1968)

Janeiro 2005 (nova viola para o violeiro e aumento do pedestal para a escultura além da instalação de equipamentos de ginástica e playground)

O entorno imediato é comercial, no entanto o bairro tem caráter mais residencial, no interior da praça há uma delegacia (2ºDP) e um Fórum Criminal

Cortada pela Avenida Goiás é circulada por ruas locais

Cortada pelo eixo de transporte norte-sul, que está em execução, apresenta bolsões de estacionamento

Possui uma escultura "o violeiro" sobre um pedestal em concreto, centralizado na praça colocada em 1984, artista Angelos Ktenas.

Possui quadra de esportes, equipamentos de ginástica, playground, pista para caminhada, bancos e chafariz (não está em uso)

Possui 2 quiosques de alimentação em funcionamento

Estado de conservação ruim do equipamentos disponíveis

Possui árvores de grande e médio porte espaçadas entre si, a praça é circulada por palmeiras, possui grandes gramados sem sombreamento

Iluminação espaçada focada na região dos equipamentos esportivos,

É ponto de destino. Principalmente para moradores do bairro da praça, apresenta maior movimentação no período noturno e em fins de semana

## ANEXO II

## Questionário aplicado com mulheres na Praça Cívica

RESPOSTA ORIENT. SEXUAL?	(SE S) ORIENT. SEXUAL	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR TOTAL (S/MIN)	Nº DE PES. NA FAMÍLIA	RESIDENCIA	BAIRRO QUE RESIDE	COMO CHEGA (MEIO DE TRANSPORTE)	POSSUI VEICULO	MOTIVO PARA ESTAR NA PRAÇA	FREQÜÊNCIA QUE VEM À PRAÇA	QUANTO TEMPO PERMANECE	USA OUTRA PRAÇA
S	Hetero	Casad.	30	Fund. Incomp.	do Lar	1 a 2	3	Alug.	Central	Transp. Públi.	N	lazer esport.	Mês	1-2 h	do Violeiro
S	Hetero	Casad.	58	Ens. Sup. Comp.	Funcionaria Pública Estadual	4 a 8	3	Próp.	Balneário Meia Ponte	Transp. Públi.	S	passag.	Dia	<1 h	
S	Hetero	Solt.	15	Ens. Méd. Incomp.	Estudante	4 a 8	4	Alug.	Conjunto riviera	A Pé	S	encont. pessoas	Rara	<1 h	
S	Hetero	Solt.	36	Pós	Professora	2 a 4	3	Alug.	Universitário	Transp. Públi.	S	passag, lazer esport.	Sem	>2 h	Parque Flamboyant
S	Hetero	Uni. Est.		Fund. Incomp.	Auxiliar de Lavanderia	2 a 4	2	Próp.	Garavelo	A Pé	N	passag.	Rara	1-2 h	Tamandaré
S	Hetero	Casad.	38	Pós	Servidora Pública	mais de 8	7	Alug.	Oeste	Carro	S	negócio	Dia	<1 h	Praca do Sol
S	Hetero	Solt.	25	Ens. Sup. Incomp.	Estudante	1 a 2	4	Alug.	Jardim Atlântico	Carro	S	passag.	Sem	<1 h	Macambira Anicuns
S	Hetero	Solt.	16	Ens. Méd. Incomp.	Estudante	2 a 4	3	Próp.	Jardim Goiás	Transp. Públi.	S	passag, encont. pessoas	Dia	<1 h	Parque Flaboyant
S	Homo	Solt.	18	Ens. Sup. Incomp.	Promotora de event	2 a 4	5	Alug.	Residencial dos ipes	Transp. Públi.	N	encont. pessoas	Rara	<1 h	Praça do Itatiaia
S	Hetero	Solt.	18	Ens. Med. Comp.	Baba	1 a 2	8	Alug.	Universitário	A Pé	N	aliment	Dia	1-2 h	
S	Hetero	Uni. Est.	41	Fund. Incomp.	Serviços Gerais	2 a 4	2	Cedida	Riviera	A Pé	S	Descan.	Dia	<1 h	
S	Hetero	Casad.	48	Ens. Sup. Comp.	Servidor Público	mais de 8	5	Próp.	Setor leste	Carro	S	passag.	Dia	<1 h	
S	Hetero	Divorci.	49	Ens. Sup. Incomp.	Servidora Pública	2 a 4	2	Cedida	Sudoeste	Transp. Públi.	N	Descan.	Dia	<1 h	
S	Hetero	Casad.	38	Ens. Sup. Incomp.	Chefe de Cozinha	1 a 2	2			A Pé		passag, negócio	Dia	>2 h	
S	Hetero	Solt.	26	Ens. Sup. Incomp.	Estagiário Direito	2 a 4	3	Próp.	Jardim escala	Transp. Públi.	N	passag.	Sem	<1 h	

POR QUÊ	SE SENTE SEGUR@ NA PRAÇA	("AS VEZES") EM QUAL PERÍODO DO DIA N	DO QUE TEM MEDO NA PRAÇA	O GÊNERO INTERF. NA SUA PERCEP. DE SEG.	ESTA ACOMPANH. DE QUEM	ESTAR ACOMPANH. MUDA A PERCEP. DE	GOSTA DA PRAÇA	O QUE FALTA	O MAIOR ATRATIVO DE UMA PRAÇA	COMENTÁRIOS	
acompa. criança	as vezes	noite	patrim, sexual, moral	S	S	Parcei.	S	S	somb, play	lanch	sem comentários.
	as vezes	noite	sexual, moral	S	N		S	S	banco, symb, lanch, event	polícia	"A praça deveria alojar mais eventos, e ter mais segurança."
	nunca		física	S	S	Parcei.	N	S	movi	somb	Sem comentários.
lazer esport.	as vezes	noite	sexual, física	S	N		S	N	play, esport	play, esport, polícia, event	"eventos culturais mudariam a percepção."
	nunca		física	S	N		S	S	polícia	esport	"Gostaria que tivesse academia."
Figura do barulho de casa	as vezes	noite	patrim, sexual, moral, física	S	S	Cplega	N	S	somb, play, esport, lanch	jardins, árvores, ambiente	"Antigamente a praça era estacionamento o que facilita a o acesso a praça, falta bebedouros para os moradores na praça. N tem estrutura básica. Compartilhar o espaço com as pessoas que precisam."
lazer esport.	as vezes	noite	sexual, moral, física	S	S	Família	S	S	esport, ilumin, polícia	esport, movi, ilumin, polícia, event	"Uso a praça só de passagem."
Todos	nunca		patrim, sexual, moral, física	S	N		N	S	play, lanch, movi, ilumin, polícia	play, movi, event	"Acho que as mulheres tem mais vulnerabilidade por serem vistas como pessoas frageis, são mais propensas a sofrerem violências. Venho a eventos aqui."
encont. pessoas	nunca		sexual, física	S	S	Parcei.	S	N	Me sentir segura	movi	"A minha orientação sexual e o meu gênero interferem na minha percepção de segurança em qualquer lugar"
	as vezes	noite	patrim, sexual, moral	S	S	Amigos	N	S	banco, symb, lanch, polícia	visual	"A apropriação do espaço público é diferente para mulheres pois N nos sentimos totalmente seguras, os policiais N estão atentos aos acontecimentos."
	nunca		patrim, física		S	Amigos	N	S	esport	esport, event	"Anoite N confio em estar na praça, o polícia N percebe tudo que acontece."
	sempre			S	S	Família	N	S	polícia	somb, Arborização	
	nunca		patrim	S	S	Amigos	N	S	lanch, polícia	banco, symb	"Depois da revitalização ficou uma praça muito boa, mas N é segura."
	as vezes	noite	sexual, física	N	S	Família	S	S	lanch, Banheiro público	somb, Árvor.	"Os chafarizes precisam ser ligados." Pessoa em situação de rua.
	as vezes	noite	física	S	N		S	S	movi, polícia, event	event	

## Questionário aplicado com homens na Praça Cívica

RESPONDE ORIENT. SEXUAL?	(SE S) ORIENT. SEXUAL	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR TOTAL (S MIN)	Nº DE PES. NA FAMÍLIA	RESIDENCIA	BAIRRO QUE RESIDE	COMO CHEGA (MEIO DE TRANSPORTE)	POSSUI VEICULO	MOTIVO PARA ESTAR NA PRAÇA	FREQÜÊNCIA QUE VEM À PRAÇA	QUANTO TEMPO PERMANECE	USA OUTRA PRAÇA
S	Homo	Solt.	21	Ens. Sup. Incomp.	Estudante	4 a 8		Próp.	Bueno	Carro	S	passag.			
S	Hetero	Casad.	37	Pós	Engenheiro Civil	mais de 8	2	Próp.	Jardim Califórnia	Carro	S	passag, negócio	Sem	<1 h	Ariana Dois
S	Hetero	Solt.	20	Ens. Méd. Incomp.	Comerciante	2 a 4	6	Alug.	Residencial Itaipu	Transp. Públi.	N	passag, negócio	Sem	<1 h	
S	Hetero	Divorciad @	50	Ens. Sup. Comp.	Agente Prisional	4 a 8	6	Próp.	Norte ferroviário	Transp. Públi.	N	passag, encont. pessoas	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Casad.	42	Ens. Sup. Comp.	Tecnologo em Geoprocessamento	2 a 4	3	Alug.	da Praça	A Pé		passag.	Dia	1-2 h	do Avião
S	Homo	Solt.	18	Ens. Méd. Incomp.	Estudante	2 a 4	5	Próp.	Residencial irivile	Transp. Públi.	N	passag, lazer esport.	Dia	<1 h	
S	Hetero	Solt.	33	Ens. Med. Comp.	Nenhuma	1 a 2	4	Alug.	Coimbra	Bicicleta	S	atendimen to público	Sem	1-2 h	Joaquim Lúcio
S	Hetero	Casad.	42	Ens. Med. Comp.	Desempregado	1 a 2	5	Cedida	Parque Ateneu	Transp. Públi.	S	atendimen to público	Rara	1-2 h	
S	Homo	Solt.	53	Pós	Servidora Pública	2 a 4	4	Próp.	Vila Brasília	Carro	S	aliment, Descan.	Dia	1-2 h	
S	Hetero	Solt.	49	Ens. Med. Comp.	Servidor Público	4 a 8	3	Próp.	Novo Horizonte	Carro	S	negócio	Dia	<1 h	
S	Hetero	Solt.	44	Fund. Compl.	Carga e Descarga	1 a 2	1	Próp.	Tremendão	Bicicleta	N	negócio	Rara	<1 h	
S	Hetero	Solt.	37	Fund.	Nenhuma	1 a 2	4	Próp.	Em outro	A Pé	N	Descan.	Dia	>2 h	
S	Hetero	Casad.	31	Ens. Med. Comp.	Conerciante	1 a 2	5	Cedida	da Praça	A Pé	S	acompa. criança	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Solt.	20	Ens. Med. Comp.	Porteiro	2 a 4	4	Próp.	Fonte dos arcos aparecida	Transp. Públi.	N	lazer esport.	Sem	1-2 h	Praça da Matriz, Aparecida de Goiânia-GO
S	Hetero	Solt.	18	Ens. Sup. Incomp.	Designer	mais de 8	4	Próp.	Jardim Gramado	A Pé		passag, negócio	Sem	<1 h	Parque Flamboyant e Parque Vaca Brava

POR QUÊ	SE SENTE SEGUR@ NA PRAÇA	("AS VEZES") EM QUAL PERÍODO DO DIA N	DO QUE TEM MEDO NA PRAÇA	O GÊNERO INTERF. NA SUA PERCEP. DE SEG. ESTA ACOMPANH.	DE QUEM	ESTAR ACOMPANH. MUDA A PERCEP. DE GOSTA DA PRAÇA	O QUE FALTA	O MAIOR ATRATIVO DE UMA PRAÇA	COMENTÁRIOS		
									Sem comentários.		
lazer esport.	sempre			S	S	Colega	N	S	esport	esport	"Acesso a banheiros públicos, manutenção dos equipamentos, melhoria da infraestrutura."
	as vezes	tarde	física	S	N		S	S		movi	Sem comentários.
	as vezes	noite	patrim, física	S	S	Parcei.	S	S	ilumin, policia, event	somb, ilumin, policia, event	Sem comentários.
lazer esport.	as vezes	noite	Nem um	N	S	Parcei.	S	S	event, Mistura de pessoais	esport, Descan.	"É uma linda praça mas que N atende quanto a infraestrutura."
	sempre			S	N		N	S		somb, movi	"Lugar bom de se ficar, tranquila, um ambiente agradável."
atendiment o público	as vezes	noite	patrim	S	N		S	S	lanch	banco, symb, event	"É uma boa praça, muitas pessoas circulando."
	sempre		moral, física	N	S	Família	N	S	play, esport	banco, symb, ilumin	Sem comentários.
	sempre		patrim, acidentes	S	N		N	S	banco, symb, play, esport, lanch, movi, ilumin, policia, event, Limpeza e cuidado	banco, symb, play, esport, lanch, movi, ilumin, policia, event	"Precisa evitar carros no interior da praça, e maior fiscalização."
	nunca		patrim, física	S	N		S	S	banco, policia, event, C	play, esport, lanch, ilumin, policia, Limpeza e cuidados	Deveria ser mais bem cuidada pelo poder público, N só essa mais todas as pracas da cidade."
	as vezes	noite	patrim	S	N		S	S	event	somb, lanch, policia	
	nunca		moral	N	N		N	S	Companhia	O visual	
	as vezes	tarde	física	S	S	Família	S	S	play, esport, lanch, policia	play, policia, Visial	
lazer esport.	sempre			N	S	Amigos	S	S	esport, ilumin	somb, esport, lanch	adolescente andando de skate
Religião	as vezes	noite	patrim, moral	S	N		S	N	play, esport, ilumin, policia	banco, ilumin	"A praça é um ambiente público muito grande para pouca utilidade, N existe uma estrutura física para movis culturais. N existe infraestrutura para o uso das pessoas."

## Questionário aplicado com mulheres na Praça Tamandaré

RESPOSTA ORIENT. SEXUAL?	(SE S) ORIENT. SEXUAL	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR TOTAL (S MIN)	Nº DE PÉS. NA FAMÍLIA	RESIDENCIA	BAIRRO QUE RESIDE	COMO CHEGA (MEIO DE TRASPORTE)	POSSUI VEICULO	MOTIVO PARA ESTAR NA PRAÇA	FREQÜÊNCIA QUE VEM À PRAÇA	QUANTO TEMPO PERMANECE	USA OUTRA PRAÇA
S	Hetero	Solt.	41	Ens. Méd. Incomp.	Doméstica	1 a 2	1	Alug.	Garavelo parque	Transp. Públi.	N	passag.	Dia	<1 h	
N		Casad.	52	Fund. Incomp.	Comerciante	1 a 2	4	Próp.	Conj cachoeira dourada	Transp. Públi.	S	negócio	Dia	>2 h	
S	Hetero	Solt.	18	Ens. Med. Comp.	Estudante	2 a 4	3	Próp.	Real conquista	Carro	S	negócio, atendimen to público	Dia	>2 h	Universitári a
S	Hetero	Casad.	16	Fund. Compl.	Dona de Casa	1 a 2	6	Alug.	Buena vista quatro	Transp. Públi.	N	passag.	Rara	<1 h	
S	Hetero	Divorciad @	32	Ens. Méd. Incomp.	Saladeira	2 a 4	5	Próp.	Goiânia sul	A Pé	S	passag.	Sem	<1 h	
S	Hetero	União Estável	28	Ens. Méd. Incomp.	Empregada Doméstica	2 a 4	5	Próp.	Itaipú	Transp. Públi.	S	passag, Espera	Dia	<1 h	
S	Hetero	Solt.	54	Ens. Med. Comp.	Musicista	1 a 2	2	Alug.	Residencial Mendanha	Transp. Públi.	N	negócio, repres. política	Rara	>2 h	Cívica
S	Hetero	Solt.	15	Ens. Méd. Incomp.	Estudante	4 a 8	4	Próp.	Jardim olímpico	Carro	S	lazer esport., acompa. criança	Rara	1-2 h	Parque Flamboyant
S	Hetero	Solt.	26	Ens. Sup. Comp.	Estudante	menos de 1	1	Alug.	Sudoeste	Carro	N	passag.	Rara	<1 h	Praca do Sudoeste
S	Hetero	Solt.	57	Fund. Compl.	Auxiliar de Servidos Gerais	menos de 1	1	Próp.	Cidade nova Guapó	Transp. Públi.	N	passag, Esperando transporte	Dia	<1 h	
S	Hetero	Casad.	54	Pós	Professora	mais de 8	2	Próp.	da Praça	A Pé	S	Passear com o cachorro	Dia	1-2 h	Várias, todas as possíveis
S	Hetero	Casad.	24	Ens. Sup. Comp.	Encarregada de Check out	1 a 2	3	Alug.	Sudoeste	Moto	S	negócio, Descan.	Dia	1-2 h	no Setor Sudoeste
S	Hetero	Solt.	43	Fund. Incomp.	Serviços gerais	1 a 2	4	Próp.	Buena vista	Transp. Públi.	N	passag, Espera onibus	Rara	<1 h	
S	Hetero	Casad.	55	Ens. Med. Comp.	Camareira	1 a 2	2	Alug.	Coimbra	Transp. Públi.	N	negócio	Dia	<1 h	
S	Homo	Solt.	33	Ens. Sup. Comp.	Autônoma	mais de 8	5	Próp.	Itatiaia	Carro	S	lazer esport., acompa. criança	Sem	1-2 h	Praça Goiânia 2

POR QUÊ	SE SENTE SEGUR@ NA PRAÇA	("AS VEZES") EM QUAL PERÍODO DO DIA N	DO QUE TEM MEDO NA PRAÇA	O GÊNERO INTERF. NA SUA PERCEP. DE SEG. ESTA ACOMPANH.	DE QUEM	ESTAR ACOMPANH. MUDA A PERCEP. DE GOSTA DA PRAÇA	O QUE FALTA	O MAIOR ATRATIVO DE UMA PRAÇA	COMENTÁRIOS		
	nunca		patrim, física	S	Parcei.	S	N		polícia	"Quase N venho a praça, N sei o que opnar."	
	nunca		patrim, sexual, moral, física	S	S	Família	N	S	Manutenção e cuidade	somb, play, esport, lanch, event	"Falta interece e cuidados por parte do poder publico."
negóc	as vezes	noite	patrim, sexual, moral, física	S	S	Amigos	S	S	lanch, event	banco, movi	"Gosto muito da praça, mas acho perigoso ficar aqui durante a noite, mesmo quando há mais pessoas, N vejo usuários de drogas, apenas pessoas passeando ou esperando unibus."
	as vezes	noite	sexual	N	S	Parcei.	S	S	play, lanch, ilumin, polícia	play, lanch, polícia, event	
	as vezes	noite	sexual	S	N		S	S	banco, play, polícia	esport	
	nunca		patrim, sexual, moral, física	N	S		N	S	play	banco, somb, play, esport, lanch, movi, ilumin, polícia, event	
passag.	as vezes	noite	sexual, moral, física	N	S	Colegas	S	S	somb, lanch, ilumin, polícia	somb, esport, lanch, movi, ilumin, polícia, event, Música	"Deveria ter mais eventos de música e cultura em geral pra melhorar o dia das pessoas. Praca N é pra uso de drogas mas para event que façam as pessoas se sentirem felizes."
Academia	sempre			S	S	Família	S	S	polícia	play, lanch	
lazer esport.	nunca		patrim, física	S	S	Amigos	S	S		banco, somb, play, ilumin, polícia	"N conheço bem a praça, estou de passag.."
	nunca		física	N	S	Família	N	N	Manutencao	play, esport	"A praça está muito abandonada"
Pas. c cão	as vezes	noite	patrim, sexual, moral, física	S	S	Cão	S	S	banco, somb, play, esport, lanch, movi, ilumin, polícia	banco, somb, play, polícia	"Essa praça já foi linda, quando a administração pública cuidava." "Falta conselho tutelar, vejo exploração infantil." "Já tentaram me assaltar em frente a minha casa."
acompa. criança	as vezes	noite	sexual, física	N	N		N	S	polícia	banco, play, Diversão	Funcionário do supermercado em intervalo.
	as vezes	noite	sexual	S	N		S	S	lanch	polícia	"Deveria ser mais bem cuidada, e ter mais segurança."
	as vezes	manhã	moral, física	S	S	Parcei.	S	S	polícia	somb, esport, lanch, polícia	"Está abandonada, precisa de segurança."
lazer esport.	as vezes	noite	patrim	N	S	Família	N	S	lanch, ilumin, polícia	banco, somb, lanch, ilumin, polícia	"Achei muito bom."

## Questionário aplicado com homens na Praça Tamandaré

RESPOSTA ORIENT. SEXUAL?	(SE S) ORIENT. SEXUAL	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR TOTAL (S MIN)	Nº DE PES. NA FAMÍLIA	RESIDENCIA	BAIRRO QUE RESIDE	COMO CHEGA (MEIO DE TRANSPORTE)	POSSUI VEICULO	MOTIVO PARA ESTAR NA PRAÇA	FREQÜÊNCIA QUE VEM À PRAÇA	QUANTO TEMPO PERMANECE	USA OUTRA PRAÇA
S	Bissexual	Solt.	53	Ens. Sup. Comp.	Gastronomo	2 a 4	1	Próp.	Castelo Branco	Carro	S	negócio	Rara	<1 h	
S	Hetero	Solt.	24	Ens. Méd. Incomp.	Marceneiro e Ambulante	1 a 2	1	Próp.	Coimbra	Bicicleta	N	negócio	Sem	>2 h	Praça do Sol, Praças do Setor Sul
S	Hetero	Casad.	51	Fund. Compl.	Carreteiro de Imóveis	4 a 8	3	Próp.	Recanto das minas gerais	Carro	S	negócio	Mês	<1 h	Recanto do Bosque
S	Hetero	Divorciad @	58	N teve acesso à educação	Ambulante	1 a 2	5	Próp.	Jardim Guanabara	Bicicleta	N	negócio	Dia	>2 h	Praça do Sol
S	Hetero	União Estável	52	Fund. Compl.	Porteiro	2 a 4	4	Próp.	Pontal sul	Transp. Públi.	N	passag. aliment	Dia	<1 h	Praça do Parque das Mansões
S	Hetero	Casad.	56	Fund. Incomp.	Porteiro	2 a 4	3	Alug.	Rio Formoso	Transp. Públi.	S	negócio	Dia	<1 h	
S	Hetero	Casad.	40	Ens. Med. Comp.	Pintor	1 a 2	2	Alug.	Jardim Goiás	Transp. Públi.	N	passag. aliment	Rara	1-2 h	Parque Flamboyant
S	Hetero	Solt.	51	Fund. Compl.	Lavador	menos de 1	4	Cedida	Aparecida de Goiânia	Transp. Públi.	N	negócio	Dia	>2 h	
S	Hetero	Solt.	36	Ens. Sup. Incomp.	Vigilante	menos de 1	1	Alug.	Universitário	Transp. Públi.	N	lazer esport., negócio	Sem	>2 h	Praça Universitária
S	Hetero	Solt.	42	Ens. Med. Comp.	Desempregado	2 a 4	1	Alug.	da Praça	A Pé	N	Passeio	Dia	<1 h	Parque Bosque dos Bunitis
S	Hetero	Casad.	37	Ens. Sup. Comp.	Zootecnista	mais de 8	7	Próp.	Bueni	Carro	S	passag. acompa. criança	Sem	<1 h	Praça do Sol
S	Hetero	Casad.	75	Fund. Compl.	Taxista	1 a 2	2	Próp.	Garavelo	Carro	S	negócio	Dia	>2 h	Praça da t25
S	Hetero	Casad.	38	Ens. Sup. Comp.	Vendedor	2 a 4	4	Próp.	da Praça	A Pé	S	accompa. criança	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Casad.	71	Fund. Incomp.	Pipoqueiro Ambulante	2 a 4	3	Próp.	Balneário meia ponte	Carro	S	negócio	Dia	>2 h	Praça do Sol
S	Hetero	Casad.	44	Ens. Sup. Comp.	Empresário	mais de 8	4	Próp.	Eldorado	Carro	S	lazer esport., acompa. criança	Rara	1-2 h	Praça do Sol

POR QUÊ	SE SENTE SEGUR@ NA PRAÇA	("AS VEZES") EM QUAL PERÍODO DO DIA N	DO QUE TEM MEDO NA PRAÇA	O GÊNERO INTERF. NA SUA PERCEP. DE SEG. ESTA ACOMPANH.	DE QUEM	ESTAR ACOMPANH. MUDA A PERCEP. DE GOSTA DA PRAÇA	O QUE FALTA	O MAIOR ATRATIVO DE UMA PRAÇA	COMENTÁRIOS		
	nunca		patrim, física	N	N	S	S	policia, Manutenção	somb, policia	"Além da prefeitura N cuidar bem da praça, a população também N cuida, falta educação por parte do cidadão."	
lazer esport.	sempre			S	S	Amigos	S	S	esport, ilumin, event, Reforma, gramado, manutenção	movi	Sem comentários.
acompa. criança	sempre			S	S	Família	N	S	somb	policia	"Gostaria que os equipamentos do play tivessem mais qualidade."
Feira	nunca		patrim, física	N	N		N	N	movi	ilumin, policia	"É muito parada, rende poucas vendas." ambulante próximo ao play
lazer esport.	nunca		patrim, física	S	N		S	S	somb	somb, lanch, movi	Gostaria que praça tivesse mais somb, mais zelo e infraestrutura, chafariz
	sempre			S	N		S	S	lanch, policia	event	"É um lugar bom de estar, conheço pessoas e descanço aqui." Está esperando o horário do trabalho.
lazer esport.	sempre			S	N		N	S	somb, ilumin, Gramado	somb	"Falta cuidado com a praça, sou de Portugal, e aqui no Brasil faz muito calor, falta sombs."
	sempre			S	N		N	S	ilumin, policia	policia, event	Sem comentários.
lazer esport.	sempre			S	S		S	S	somb, ilumin	somb	Aguardando o ônibus.
lazer esport.	as vezes	noite	patrim, física	S	S	Família	S	S	esport, ilumin, policia	esport	"N tem infra estrutura para esporte."
acompa. criança	nunca		patrim, física	S	S	Família	S	S	play, esport, lanch, policia, event	play, event	"A praça N tem atrativos além das arvores, poderia ter mais infraestrutura."
Trabalho	as vezes	noite	patrim	N	S	Colegas	S	S	banco, somb	ilumin, policia	"A segurança é frequente, depois que foi feito o palyground melhorou o movi." Taxista esperando corrida.
	sempre			N	S	Família	N	S	banco, Cerca	somb, play, ilumin, policia	"O play e muito bom, trouxe movi."
Trabalho	sempre			S	S	Amigos	S	S	esport	banco, somb, play, movi	"Me sinto muito bem aqui, gosto de ver as crianças brincar."
lazer esport.	sempre			S	S	Família	N	S	play	play	"E ótima e está nova, uso só plagraund."

## Questionário aplicado com mulheres na Praça do Avião

RESPOSTA ORIENT. SEXUAL?	(SE S) ORIENT. SEXUAL	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR TOTAL (S MIN)	Nº DE PES. NA FAMÍLIA	RESIDENCIA	BAIRRO QUE RESIDE	COMO CHEGA (MEIO DE TRANSPORTE)	POSSUI VEICULO	MOTIVO PARA ESTAR NA PRAÇA	FREQUÊNCIA QUE VEM À PRAÇA	QUANTO TEMPO PERMANECE	USA OUTRA PRAÇA
S	Hetero	Casad.	30	Pós	Empresária	4 a 8	3	Alug.	Cidade verde	Carro	S	Repres. política	Rara	<1 h	Parque Macambira Anicuns
S	Hetero	Casad.	45	Ens. Sup. Comp.	Professora	mais de 8	4	Próp.	da Praça	A Pé	S	Passear com cachorro	Dia	<1 h	
S	Hetero	Solt.	48	Ens. Med. Comp.	Gari	2 a 4	3	Próp.	Aparecida	A Pé	S	negócio	Dia	>2 h	
S	Hetero	Viuv@	69	Ens. Med. Comp.	Professora Aposentada	1 a 2	1	Próp.	da Praça	A Pé	N	acompa. criança	Dia	>2 h	Parque Lago das Rosas
S	Hetero	Casad.	43	Ens. Sup. Comp.	Esteticista	2 a 4	3	Próp.	da Praça	A Pé	S	lazer esport., acompa. criança, aliment	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Casad.	40	Ens. Sup. Comp.	Autônoma	1 a 2	4	Cedida	da Praça	A Pé	S	lazer esport., acompa. criança	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Casad.	29	Ens. Med. Comp.	Auxiliar de Saúde Bucal	1 a 2	2	Alug.	Central	A Pé	N	lazer esport.	Dia	>2 h	
S	Homo	Solt.	25	Ens. Med. Comp.	Desempregada	4 a 8	6	Alug.	da Praça	A Pé	S	lazer esport., acompa. criança	Dia	>2 h	Praça Cartier
S	Homo	Casad.	38	Ens. Sup. Comp.	Agente Penitenciário	4 a 8	3	Próp.	Bueno	Carro	S	lazer esport., acompa. criança,	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Casad.	31	Fund. Incomp.	Secretária	1 a 2	5	Alug.	da Praça	A Pé	N	lazer esport., acompa. criança, encont. pessoas	Dia	>2 h	
S	Hetero	Casad.	31	Ens. Méd. Incomp.	Vendedora	4 a 8	2	Alug.	Cental	Carro	S	aliment	Sem	<1 h	
S	Hetero	Solt.	36	Fund. Incomp.	Costureira e Serviços Gerais	1 a 2	6	Alug.	Parque balneário	Moto	S	negócio	Dia	>2 h	
S	Hetero	Casad.	44	Ens. Med. Comp.	Agropecuária	mais de 8	4	Próp.	Bueno	Carro	S	aliment, Pas c cão	Sem	<1 h	
S	Hetero	Solt.	22	Ens. Sup. Incomp.	Agente de Atendimento negóc	2 a 4	5	Alug.	da Praça	A Pé	N	lazer esport., encont. pessoas	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Casad.	36	Ens. Sup. Comp.	Professora	4 a 8	5	Próp.	Palmeiras da goias	Carro	S	aliment	Mês	<1 h	Praça da Bíblia Palmeiras de Goiás

POR QUÊ	SE SENTE SEGUR@ NA PRAÇA	("AS VEZES") EM QUAL PERÍODO DO DIA N	DO QUE TEM MEDO NA PRAÇA	O GÊNERO INTERF. NA SUA PERCEP. DE SEG.	ESTA ACOMPANH.	DE QUEM	ESTAR ACOMPANH. MUDA A PERCEP. DE	GOSTA DA PRAÇA	O QUE FALTA	O MAIOR ATRATIVO DE UMA PRAÇA	COMENTÁRIOS
lazer esport.	as vezes	noite	Física	S	S	Amigos	S	S	play, Modernizar	play, esport, ilumin, policia	"Falta investimento."
	sempre			S	S	Família	S	S	policia	somb, policia	"Acho a praça bem cuidada e bonita, tem jeito de praça do interior, é em frente a igreja e plana." Passeando com cão
	sempre			N	N		S	S	Cobertura	policia	"N gosto quando as pessoas N sabem os limites, outro dia vi duas mulheres de agarrando e N pude falar nada, dizem que a gente vai preso se disser alguma coisa, é um absurdo." Gari, trabalhando na praça, faz comentarios homofóbicos.
acompa. criança	nunca		física	N	S	Família	S	S	somb, policia, event	somb, play, policia	"Deveria ter mais manutenção, mais policia, mais brinquedos para as crianças." Avó acompanhando seu neto.
	as vezes	noite	física	N	S	Família	N	S	policia, event	play, esport, policia	Mãe acompanhando criança, acha que falta segurança.
	as vezes	noite	física	S	S	Parcei.	S	S	play, policia	play, ilumin	Acompanhando família.
	sempre			S	S	Parcei.	S	S	esport, Inovação	esport, event	"Devia melhorar a infraestrutura, é um lugar muito bom onde as pessoas se reúnem para fazer esport e para lazer, falta investimento público por ser um bem público, vem gente de todas as idades."
Pas. c cão	sempre			S	S	Família	S	S	policia	play, event	"Gosto da praça."
	sempre			N	S	Família	S	S	play	play, esport, policia	Família composta por duas mulheres e filha
	sempre			N	S	Família	N	S	play, esport, lanch, ilumin	esport, movi	"Precisava melhorar a mutenutenção e ter mais opções de uso."
	sempre			N	S	Parcei.	S	S	policia, event	somb, lanch, event	"Gosto dessa praça, falta banheiro público, único sem tranca." Casal esperando lanche.
	sempre			S	N		S	S	play, esport, policia	lanch	"A praça é um lugar familiar, bom para passeio." Funcionária de quiosque.
	sempre			S	S	Parcei.	S	S	policia	banco, ilumin	"A praça é bem tranquila, mas estar acompanhada de mulheres N contribui em minha segurança."
	sempre			S	S	Parcei.	S	S	event	movi	"E uma boa praça, atende a demanda." Casal de namorados
lazer esport.	as vezes	noite	patrim, sexual, moral, física	N	S	Família	N	S	somb, policia	somb, play, policia	"Venho de outra cidade para a praça, os banco deveriam ter mais somb."

## Questionário aplicado com homens na Praça do Avião

RESPOSTA ORIENT. SEXUAL?	(SE S) ORIENT. SEXUAL	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR TOTAL (S MÍN)	Nº DE PÉS. NA FAMÍLIA	RESIDENCIA	BAIRRO QUE RESIDE	COMO CHEGA (MEIO DE TRANSPORTE)	POSSUI VEICULO	MOTIVO PARA ESTAR NA PRAÇA	FREQÜÊNCIA QUE VEM À PRAÇA	QUANTO TEMPO PERMANECE	USA OUTRA PRAÇA
S	Hetero	Casad.	41	Ens. Sup. Comp.	Agrimensor	mais de 8	4	Próp.	Jardim Goiás	a Pé	S	passag.	Rara	<1 h	Parque Flamboyant
S	Hetero	Solt.	61	Ens. Sup. Comp.	Comerciante	mais de 8	3	Próp.	da Praça	a Pé	S	lazer esport.	Sem	<1 h	Praça da T-25
S	Hetero	Solt.	23	Ens. Med. Comp.	Frentista	1 a 2	2	Alug.	Vila nova	A Pé	N	aliment	Rara	1-2 h	
S	Hetero	Solt.	22	Ens. Med. Comp.	Autônomo	2 a 4	2	Alug.	da Praça	Bicicleta	N	lazer esport.	Dia	>2 h	
N		Casad.	59	Ens. Sup. Comp.	Comerciante	4 a 8	4	Próp.	da Praça	Carro	S	acompa. criança	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Divorciad @	37	Ens. Med. Comp.	Autônomo	2 a 4	1	Alug.	da Praça	A Pé	N	negócio	Dia	>2 h	
S	Hetero	Solt.	17	Ens. Méd. Incomp.	Estudante	2 a 4	5	Alug.	Central	A Pé	N	lazer esport., encont. pessoas	Dia	1-2 h	
S	Hetero	Solt.	24	Ens. Sup. Incomp.	Estudante	4 a 8	4	Próp.	Bela vista	Bicicleta	S	lazer esport., encont. pessoas	Sem	>2 h	Parque Areião, Parque Vaca Brava e Praça da t25
S	Hetero	Casad.	52	Ens. Med. Comp.	Passeador de Cães	mais de 8	2	Alug.	Cental	Carro	S	passag, lazer esport., Pas c cão	Sem	<1 h	Praça do Sol, Alameda das Rosas
S	Hetero	Solt.	34	Ens. Sup. Comp.	Empresário	4 a 8	1	Próp.	da Praça	A Pé	S	aliment	Dia	<1 h	
S	Hetero	Casad.	42	Ens. Sup. Comp.	Farmacêutico	mais de 8	4	Alug.	da Praça	Carro	S	aliment	Mês	<1 h	
S	Hetero	Casad.	41	Ens. Sup. Comp.	Adminstrador	mais de 8	2	Próp.	Parque Amazônia	Carro	S	aliment	Mês	<1 h	Parque Vaca Brava, Parque Flamboyant
S	Hetero	Solt.	45	Ens. Sup. Incomp.	Empresário	4 a 8	1	Cedida	da Praça	A Pé	N	Pas c cão	Dia	1-2 h	Praças do Setor
S	Hetero	Solt.	17	Ens. Méd. Incomp.	Estudante	2 a 4	5	Alug.	Central	A Pé	N	lazer esport., encont. pessoas	Dia	1-2 h	
S	Hetero	Casad.	52	Ens. Med. Comp.	Passeador de Cães	mais de 8	2	Alug.	Cental	Carro	S	passag, lazer esport., Pas c cão	Sem	<1 h	Praça do Sol, Praça Alameda das Rosas

POR QUÊ	SE SENTE SEGUR@ NA PRAÇA	("AS VEZES") EM QUAL PERÍODO DO DIA N	DO QUE TEM MEDO NA PRAÇA	O GÊNERO INTERF. NA SUA PERCEP. DE SEG. ESTA ACONPANH.	DE QUEM	ESTAR ACOMPANH. MUDA A PERCEP. DE GOSTA DA PRAÇA	O QUE FALTA	O MAIOR ATRATIVO DE UMA PRAÇA	COMENTÁRIOS		
lazer esport.	as vezes	noite	patrim, Física	S	S	Familia	S	S	movi	somb, play, ilumin, policia	"Nao frequento muito, parece estar bem cuidada."
lazer esport.	as vezes	manhã	Fisica	N	S	Familia	S	S	policia, Higiene	movi	"Deveria ser melhor cuidada, é muito suja."
	as vezes	noite	fisica	S	S	Parcei.	S	S	policia	policia	Lanchando em um quiosque
	as vezes	noite	patrim	S	S	Amigos	N	S	policia, Manutenção	esport	"Está junto com Amigos pra jogar, a praça é boa mas precisa de manutenção, o campo de futebol deixa a desejar."
	as vezes	noite	moral	N	S	Amigos	S	S	play, policia	play, policia	"Falta limpeza e cuidado."
	sempre			S	N		N	S	movi, ilumin	play, movi	"Precisa de revitalização e de mais cuidados, o policia tem sido mais frequente." Proprietário do pula-pula para crianças.
	sempre			S	S	Amigos	N	S	event	esport	Jovem acompanhado de Amigos.
lazer esport.	sempre			S	S	Amigos	S	S	play, esport, event	play, esport, Pita de corrida e barras de qualidade	"Precisava ter alguém responsável pela manutenção, está cuidada por populares. As barras precisam de manutenção."
Pas c cão	sempre		patrim	S	S	Parcei.	S	N	policia, Segurança	movi, ilumin, policia	"A praça está abandonada pelo poder público municipal, está mal administrada."
	sempre			N	S		N	S		lanch	Homem sozinho esperando lanche.
	as vezes		patrim	S	N		N	S	policia	esport, lanch, movi	"Gosto da praça, é segura em função do movi."
lazer esport.	sempre			N	N		N	S	ilumin, policia, event, Banhe. Limpos	lanch	"Conheço a praça a muito tempo e gosto daqui."
Pas c cão	nunca		patrim	S	N		N	S	Local específico para os cães, melhor paisagismo.	esport, Paisagismo, espaço para cães	"Precida de infra estrutura para cães, e um novo uso que N é atendido."
	sempre			S	S	Amigos	N	S	event	esport	Jovem acompanhado de Amigos.
Pas c cão	sempre		patrim	S	S	Parcei.	S	S	policia, Secur	movi, ilumin, policia	"A praça está abandonada pelo poder público municipal, está mal administrada."

## Questionário aplicado com mulheres na Praça dos Violeiros

RESPOSTA ORIENT. SEXUAL?	(SE S) ORIENT. SEXUAL	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR TOTAL (\$ MÍN)	Nº DE PES. NA FAMÍLIA	RESIDENCIA	BAIRRO QUE RESIDE	COMO CHEGA (MEIO DE TRASPORTE)	POSSUI VEICULO	MOTIVO PARA ESTAR NA PRAÇA	FREQÜÊNCIA QUE VEM À PRAÇA	QUANTO TEMPO PERMANECE	USA OUTRA PRAÇA
S	Hetero	Casad.	55	Ens. Sup. Comp.	Funcionária Pública	4 a 8	3	Próp.	Novo Mundo	Carro	S	lazer esport.	Sem	<1 h	
S	Hetero	Casad.	68	Fund. Incomp.	Diarista	2 a 4	3	Alug.	da Praça	a Pé	N	acompa. criança	Mês	<1 h	
S	Hetero	Solt.	39	Ens. Med. Comp.	Dona de Casa	1 a 2	2	Cedida	da Praça	a Pé	N	lazer esport.	Sem	1-2 h	Parque Goiânia Dois
S	Hetero	Solt.	45	Pós	Contadora	4 a 8	1	Alug.	da Praça	Carro	S	lazer esport.	Dia	1-2 h	
S	Hetero	União Estável	21	Ens. Med. Comp.	Autônoma	1 a 2	5	Próp.	Jardim Real Conquista	Carro	S	negócio	Sem	>2 h	
S	Homo	Solt.	29	Ens. Sup. Comp.	Analista Fiscal	2 a 4	2	Cedida	da Praça	a Pé	S	lazer esport.	Dia	1-2 h	Praca do Goiânia 2
S	Hetero	Casad.	32	Ens. Sup. Comp.	Desempregada	4 a 8	3	Próp.	Candidato de Moraes	A Pé	S	lazer esport., acompa. criança	Dia	<1 h	
S	Hetero	Solt.	49	Fund. Compl.	Do lar	menos de 1	1	Alug.	da Praça	A Pé	N	acompa. criança	Dia	<1 h	
S	Hetero	Solt.	13	Fund. Incomp.	Estudante	menos de 1	6	Próp.	da Praça	A Pé	S	lazer esport., encont. pessoas	Dia	>2 h	
S	Hetero	Solt.	28	Ens. Med. Comp.	Vendedora	1 a 2	2	Alug.	Porto nacional tocantins	A Pé	N	lazer esport., acompa. criança	Rara	<1 h	em Porto Nacional-TO
S	Hetero	Casad.	30	Ens. Sup. Comp.	Advogada	4 a 8	3	Próp.	da Praça	A Pé	S	acompa. criança	Sem	<1 h	
S	Hetero	Solt.	25	Ens. Sup. Incomp.	Estudante	2 e 4	3	Próp.	da Praça	A Pé	S	lazer esport.	Dia	1-2 h	
S	Homo	Solt.	19	Méd. Compl.	Garconete	2 e 4	4	Alug.	Balneário meia ponte	Bicicleta	N	negóc, lanch	Dia	>2 h	
S	Hetero	Casad.	45	Fund. Compl.	Dona de Casa	2 e 4	5	Próp.	da Praça	A Pé	N	lazer esport., acompa. criança	Dia	1-2 h	
N		União Estável	50	Méd. Compl.	Aposentada	4 e 8	2	Próp.	Parque das Flores	Carro	S	lanch	Mês	1-2 h	Parque das Flores

POR QUÊ	SE SENTE SEGUR@ NA PRAÇA	("AS VEZES") EM QUAL PERÍODO DO DIA N	DO QUE TEM MEDO NA PRAÇA	O GÊNERO INTERF. NA SUA PERCEP. DE SEG.	ESTA ACOMPANH.	DE QUEM	ESTAR ACOMPANH. MUDA A PERCEP. DE	GOSTA DA PRAÇA	O QUE FALTA	O MAIOR ATRATIVO DE UMA PRAÇA	COMENTÁRIOS
	nunca		patrim, sexual, moral	S	S	Família	N	S		ilumin	"O poder público deveria dar mais segurança, com a presença de polícia."
	sempre	noite	sexual, moral	N	S	Família	N	N	polícia	play	"N gosto de lugar nem um" senhora acompanhando sobrinho
lazer esport.	as vezes	noite	sexual, moral	S	S	Família	N	S	polícia	banco, play, esport	Precisa de mais brinquedos para as crianças, eventos educativos."
	as vezes	noite	sexual, moral	S	N		S	S	esport, polícia	esport, lanch	"Precisa de mais brinquedos, cuidados das pessoas e educação dos usuárias."
	as vezes	noite	patrim, sexual, moral	S	S	Amigos	N	S	somb, polícia	movi	"Falta segurança"
lazer esport.	as vezes	noite	sexual, moral	S	S	Parcei.	S	S	somb	movi, ambi	A sexualidade muda a percepção de segurança pode atrair homofobia e outro tipos de preconceito.
	as vezes	tarde	física	N	S	Família	N	S	play	banco, somb, play, esport, polícia	"E limpa e bem cuidada, sempre tem polícia."
	as vezes	noite	patrim, sexual, moral, física	S	S	Família	S	S	somb, play	somb, play	"Sem comentários."
	as vezes	noite	patrim, sexual, moral, física	S	S	Amigos	S	S	lanch, polícia	esport	Adolescente com amigos e namorado.
lazer esport.	sempre			N	N	Amigos	N	S	play, event	esport, ilumin, polícia	"Sem comentários."
	sempre			S	S	Família	S	S	play, polícia	play, lanch, esport	"O play precisa de mais manutenção e maior variedade de brinquedos."
	as vezes	noite	patrim, sexual, moral, física	S	S	Amigos	S	S	ilumin, polícia	esport	"A praça precisa de maiores cuidados com o paisagismo."
	as vezes	manhã	patrim	N	N		S	S	ilumin	lanch	"Trabalho na praça, percebo maior segurança nos horários que tem mais pessoas circulando. apesar de haver uma batalhão junto à praça, os policiais N estão na praça o tempo todo."
	as vezes	noite	Violencia moral, física,	S	S	Amigos	S	S	polícia	esport, ilumin, polícia, play	"Gosto da praça, mas precisa de manutenção."
lazer esport.	nunca		sexual	S	S	Parcei.	S	S	somb	sombs, banco	"Sem comentários."

## Questionário aplicado com homens na Praça dos Violeiros

RESPOSTA ORIENT. SEXUAL?	(SE S) ORIENT. SEXUAL	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR TOTAL (\$ MÍN)	Nº DE PES. NA FAMÍLIA	RESIDENCIA	BAIRRO QUE RESIDE	COMO CHEGA (MEIO DE TRANSPORTE)	POSSUI VEICULO	MOTIVO PARA ESTAR NA PRAÇA	FREQÜÊNCIA QUE VEM À PRAÇA	QUANTO TEMPO PERMANECE	USA OUTRA PRAÇA
S	Hetero	Solt.		Ens. Med. Comp.	Comerciante	2 a 4	4	Alug.	da Praça	a Pé	N	lazer esport.	Dia	1-2 h	
S	Hetero	Solt.	28	Ens. Med. Comp.	Técnico de Segurança	2 a 4	1	Alug.	da Praça	a Pé	S	lazer esport.	Sem	<1 h	
S	Hetero	Casad.	42	Ens. Sup. Comp.	Agrônomo	4 a 8	3	Próp.	Balneário Meia Ponte	Carro	S	acompa. criança	Sem	<1 h	no Residencial
N		Solt.		Ens. Med. Comp.	Aposentado	2 a 4	4	Próp.	da Praça	a Pé	S	passag.	Dia	<1 h	
S	Hetero	Solt.	27	Ens. Med. Comp.	Desempregado cantor	menos de 1	7	Próp.	da Praça	a Pé	N	lazer esport.	Dia	>2 h	Crimeia
S	Homo	Solt.	30	Pós	Professor	2 a 4	4	Próp.	da Praça	a Pé	S	acompa. criança	Sem	>2 h	
S	Hetero	Solt.	22	Ens. Sup. Incomp.	Estudante	1 a 2	3	Alug.	da Praça	a Pé	N	lazer esport.	Sem	>2 h	
S	Hetero	Casad.	48	Ens. Sup. Comp.	Contador	mais de 8	7	Próp.	Tocantins	a Pé	S	Descanç., passeio	Rara	<1 h	Praça da Matriz, Novo Alegre-TO
S	Hetero	Casad.	61	Ens. Sup. Comp.	Lavrador	mais de 8	3	Próp.	Centro Orizona Go	Carro	S	lazer esport., accompa. criança, aliment	Rara	<1 h	Praca Ablon Borges, Orizona-GO
S	Hetero	Casad.	57	Ens. Sup. Comp.	Economista	mais de 8	4	Próp.	Bueno	Carro	S	Lavar o carro	Sem	<1 h	Parque Vaca Brava
S	Hetero	Casad.	24	Fund. Incomp.	Lavador	1 a 2	4	Alug.	da Praça	A Pé	S	acompa. criança	Sem	>2 h	
S	Hetero	Casad.	37	Ens. Med. Comp.	Autônomo	2 a 4	5	Alug.	da Praça	A Pé	S	lazer esport., accompa. criança	Sem	1-2 h	
S	Hetero	Solt.	41	Ens. Med. Comp.	Esteticista Animal	4 a 8	6	Próp.	Goiás	A Pé	N	lazer esport.	Dia	>2 h	
S	Hetero	Solt.	35	Ens. Med. Comp.	Técnico de Som	2 a 4	2	Alug.	Bueno	Carro	S	encont. pessoas	Mês	1-2 h	Parque Lago das Rosas
S	Hetero	Casad.	44	Ens. Med.	Motorista	2 a 4	3	Próp.	Formosa go	A Pé	S	Descan.	Mês	<1 h	

POR QUÊ	SE SENTE SEGUR@ NA PRAÇA	("AS VEZES") EM QUAL PERÍODO DO DIA N	DO QUE TEM MEDO NA PRAÇA	O GÊNERO INTERF. NA SUA PERCEP. DE SEG. ESTA ACOMPANH.	DE QUEM	ESTAR ACOMPANH. MUDA A PERCEP. DE GOSTA DA PRAÇA	O QUE FALTA	O MAIOR ATRATIVO DE UMA PRAÇA	COMENTÁRIOS		
	as vezes	noite	patrim	N	N	S	S	ilumin	esport	Sem comentários.	
	as vezes	noite	patrim	S	N	N	S		somb	Sem comentários.	
lazer esport.	nunca	noite	patrim, moral	S	S	Família	N	S	policia, event	esport	"A praça é boa, mas está mal cuidada."
	sempre			N	N		N	S		banco, somb, play, esport, lanch, movi, ilumin, policia, event	Sem comentários.
lazer esport.	sempre	noite	patrim, moral	S	S	Amigos	S	S	policia, event	esport	"Falta áreas para esporte" Parecia estar consumindo drogas ilícitas com outras pessoas.
	as vezes	noite	patrim, sexual, moral	S	S	Família	S	S	Mentalidade dos frequentadores	somb, play, esport	Sem comentários.
	as vezes	noite	patrim	S	N		S	S	ilumin, policia, Infra estrutura melhor	esport	"Devia haver investimento e manutenção, reativar chafarises, cuidado com as plantas." Pessoa em situação de rua.
Passeio	as vezes	noite	patrim, Física	N	S	Família	N	S	lanch, policia	play, esport, policia	"Deveria ter mais cuidado, melhorar arborização."
passag.	as vezes	noite	fisica	S	S	Parcei.	S	S	ilumin, event	somb, lanch	Sem comentários
lazer esport.	sempre			N	N		N	S	banco, somb, ilumin, policia	banco, somb, esport, policia, Lazer	Sem comentários.
	sempre			S	S	Amigos	N	S	ilumin, policia	somb, play, esport, lanch, movi	"Está bem cuidada, do a quadra precisa de manutenção."
	sempre			N	S	Família	N	S		somb, play	Acompanhado da Família
	as vezes	Fins de semana	patrim, fisica	S	S	Família	S	S	banco, somb, play, esport, lanch, movi, ilumin, policia, event	banco, somb, play, lanch, event	"Sou atleta, deveria ter event esportivos para as pessoas se apropriarem melhor da praça."
lazer esport.	sempre			N	N		N	S	somb, ilumin, policia	somb, event	"Falta manutenção e cuidados com a infraestrutura."
	sempre			S	N		N	S	policia	banco, somb	"Sem comentários."

## ANEXO III

### Modelo do questionário usado

#### 1. Praça

*Mark only one oval.*

- Cívica  
 do Avião  
 Tamandaré  
 do Violeiro

#### 2. Pesquisador

*Mark only one oval.*

- Daniela  
 Elmar  
 Other: \_\_\_\_\_

#### 3. Data

\_\_\_\_\_  
*Example: December 15, 2012*

#### 4. Hora

\_\_\_\_\_  
*Example: 8:30 AM*

### Perfil do usuário

Dados sócio-econômicos do entrevistado

#### 5. Gênero?

*Mark only one oval.*

- Feminino  
 Masculino  
 Other: \_\_\_\_\_

#### 6. Responde sua orientação sexual?

*Mark only one oval.*

- Sim  
 Não

**7. (Se sim) Orientação sexual?**

*Mark only one oval.*

- Heterossexual  
 Homossexual  
 Bissexual  
 Other: \_\_\_\_\_

**8. Estado Civil?**

*Mark only one oval.*

- solteir@  
 casad@  
 união estável  
 Divorciad@  
 Viuv@

**9. Idade?**

\_\_\_\_\_

**10. Escolaridade?**

*Mark only one oval.*

- Não teve acesso à educação  
 Fundamental incompleto  
 Fundamental completo  
 Ensino Médio incompleto  
 Ensino Médio completo  
 Ensino Superior incompleto  
 Ensino Superior completo  
 Pós graduação  
 Other: \_\_\_\_\_

**11. Profissão?**

\_\_\_\_\_

**12. Renda Familiar total (em salários mínimos vigentes)?**

*Mark only one oval.*

- menos de 1  
 1 a 2  
 2 a 4  
 4 a 8  
 mais de 8

**13. Numero de pessoas na família?**

\_\_\_\_\_

**14. Residencia**

*Mark only one oval.*

- Própria  
 Alugada  
 Cedida

**15. Bairro que reside**

*Mark only one oval.*

- No mesmo da praça  
 Other: \_\_\_\_\_

**16. Como chega à praça (meio de transporte)**

*Mark only one oval.*

- Carro  
 Moto  
 Transporte público  
 A pé  
 Other: \_\_\_\_\_

**17. Possui veículo automotor**

*Mark only one oval.*

- Sim  
 Não

**Perfil de uso**

Motivação do entrevistado para estar e fazer uso da praça

**18. Motivação para estar na praça**

*Check all that apply.*

- passagem  
 lazer-esporte  
 acompanhar crianças  
 encontrar pessoas  
 alimentação  
 negócio  
 atendimento público  
 Other: \_\_\_\_\_

**19. Com qual frequência vem à praça**

*Mark only one oval.*

- diariamente  
 semanalmente  
 mensalmente  
 raramente

**20. Quanto tempo permanece na praça***Mark only one oval.*

- menos de 1 hora  
 1-2 horas  
 mais de 2 horas

**21. Usa outra praça com frequência? Qual?**

---

**22. Por qual motivo***Mark only one oval.*

- passagem  
 lazer-esporte  
 acompanhar crianças  
 encontrar pessoas  
 alimentação  
 atendimento público  
 Other: \_\_\_\_\_

**23. Se sente segur@ na praça***Mark only one oval.*

- sempre  
 as vezes não  
 nunca

**24. (Se "as vezes não") Em qual período do dia não se sente seguro***Mark only one oval.*

- manhã  
 tarde  
 noite  
 Other: \_\_\_\_\_

**25. Do que tem medo na praça: (pode marcar mais de um)***Check all that apply.*

- violência patrimonial  
 violência sexual  
 violência moral  
 Violência física  
 Other: \_\_\_\_\_

**26. Acredita que seu gênero interfere na sua percepção de segurança?***Mark only one oval.*

- sim  
 não

**27. Esta acompanhado***Mark only one oval.*

- sim  
 não

**28. de quem***Mark only one oval.*

- amigos  
 família  
 parceiro  
 Other: \_\_\_\_\_

**29. Estar acompanhado muda sua percepção de segurança***Mark only one oval.*

- sim  
 Não

## Ambiente da praça

Percepção do entrevistado com relação à praça

**30. Gosta da praça***Mark only one oval.*

- Sim  
 Não

**31. O que falta para que goste ou goste mais?***Check all that apply.*

- bancos  
 sombra  
 playground  
 esportes  
 lanchonetes  
 movimento  
 iluminação  
 policiamento  
 eventos  
 Other: \_\_\_\_\_

**32. Qual o maior atrativo de uma praça para você***Check all that apply.*

- bancos
- sombra
- playground
- esportes
- lanchonetes
- movimento
- iluminação
- policiamento
- eventos
- Other: \_\_\_\_\_

**33. Comentários**

---

---

---

---

---



